



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

AMANDA PRISCILA SOUZA E SILVA

**“FESTA DO CÉU NA TERRA”: uma análise de experiências musicais nas
romarias de Juazeiro do Norte, CE**

Recife
2017

AMANDA PRISCILA SOUZA E SILVA

**“FESTA DO CÉU NA TERRA”: uma análise de experiências musicais nas
romarias de Juazeiro do Norte, CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Área de concentração: Religião, sociedade e cultura.

Orientador: Profº. Dr. Edwin Reesink.

Recife
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S586c Silva, Amanda Priscila Souza e.
“Festa do céu na terra” : uma análise de experiências musicais nas
romarias de Juazeiro do Norte, CE” / Amanda Priscila Souza e Silva. –
2017.
125 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Edwin Reesink.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2017.
Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Festas religiosas. 3. Peregrinos e peregrinações. 4.
Turismo – Aspectos religiosos. 5. Romarias. 6. Práticas romeiras. 7.
Cosmologia romeira. I. Reesink, Edwin (Orientador). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-170)

AMANDA PRISCILA SOUZA E SILVA

**“FESTA DO CÉU NA TERRA”: uma análise de experiências musicais nas
romarias de Juazeiro do Norte, CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 30/08/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Edwin Reesink (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Carlos Sandroni (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Sandro Guimarães (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco - CAA

Para Fátima Nunes, a pessoa que me apresentou ao fantástico mundo dos livros. Pela dedicação de seu tempo em minha alfabetização, por toda a paciência e capricho ao me ensinar a ler e escrever cada palavra... Que agora compõe esta dissertação. Obrigada, minha querida avó.

Em memória de Tia Têca, mulher que fez história e também festa. Apresentou-me as oitavas do piano, aos festejos religiosos e à necessidade da música para a saúde da alma.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todas e a todos os interlocutores dos eventos romeiros, os quais eu tive a honra de dialogar e vivenciar a grande e instigante festa que é Joaseiro em romaria. Também ao Padre Cícero, o Padrinho, que norteia e convida a multidão que rumo em procissão a Juazeiro do Norte.

Ao meu orientador e professor, Edwin Reesink, por toda a disposição e contribuição para orientar esta pesquisa, gratidão! Esta experiência contribuiu com um crescimento para além do âmbito acadêmico e profissional.

Ao professor Carlos Sandroni por todas as contribuições a esta pesquisa, pelo período em que me orientou, bem como pelas sugestões na banca de qualificação. Também por toda a música e bom humor que o acompanha.

A Sandro Guimarães por aceitar o convite de compor a banca avaliadora da defesa de dissertação e por suas valorosas e simpáticas observações.

Com apreço à professora Roberta Bivar Campos, por todas as conversas, indicações de leituras, trocas de conhecimento e risadas.

À Mísia Reesink pelas significativas colaborações, em nome do corpo docente do Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

A CAPES pela bolsa concedida, a qual viabilizou um melhor desenvolvimento desta pesquisa.

Aos queridos amigos André Álcman e Juliana Gondim, pela amizade, os diálogos acadêmicos e os devaneios musicais.

À Paula Cordeiro e Roberto Marques, como representação dos professores que me influenciaram positivamente a continuar na pesquisa e me mostraram a maravilhosa experiência que é estar no campo de pesquisa com os interlocutores.

Ao CBT REC-JMP-NTL composto dos colegas de ofício e de saga acadêmica Ruanna Gonçalves e Clécio dos Santos, por toda a partilha desta vivência tragicômica.

A todos os colegas do PPGA que dividiram conhecimento e crescimento comigo, em nome de Berlano Andrade, Thiago Santos, Verônica Guerra e Rita de Cássia. Em especial às Malocas que conceberam a leveza neste período. Por todas as loucuras compartilhadas, todas as histórias silenciadas, o companheirismo e a amizade, agradeço imensamente a Grazi, Dani, Flora, Jeannie, Gláucia, Graci e Lia.

Vocês me possibilitaram viver de modo mais belo esta laboriosa e extasiada experiência.

Ao amigo que me acolheu, me recepcionou e fez de Recife um lar, Francisco Mendonça, vulgo Cabeça. Eterna gratidão, roommate. E aos amigos do aptº 104: Johny Moreira, Matheus Soares e aos agregados Marcus Patriota e Chaina Oliveira. Também à tribo Kariri em Recife: Janaína Guedes e sua companheira Thaís, Gisele Porfírio, Iolanda Mariano, Antônio Torres, João Alcântara e Raquel Paris.

Aline Marcelino, Hélder Oliveira (em memória), Rennê Lima, Amanda Primata, Nayana Ganrdorani, Rennê Feitosa, Renata Magalhães e Yuki Chikushi agradecida por todo apoio, incentivo e amizade.

A Carlene Cavalcante, Lívia Leite e Ana Torres pelas andanças nas romarias, subidas ao horto, insights em cima da motocicleta, noites na Seresta do Macarrão, procissões e um hd cheio de fotografias e vídeos.

A minha família: Fernando Nunes, Antonia Alves, Maria Fernanda e Bombom. Por todo amor e paciência, gratidão.

Agradeço a querida Isabelle Bem por todos os dias de companhia, ainda que a algumas centenas de quilômetros de distância. Por todo o meu crescimento resultante deste encontro e pelas partilhas do que é suave e do que é peso. Nunca só, contigo.

Eu todos os anos, setembro e novembro, vou ao Juazeiro. Alegre e contente, cantando na frente, sou mais um romeiro. Vou ver meu Padim, de bucho cheio ou barriga vazia. Ele é o meu pai, Ele é o meu santo, é minha alegria. Olha lá no alto do morro, Ele está vivo, o padre não está morto. (GONZAGA, Luiz. S.d.)

RESUMO

O trabalho apresentado funda-se na articulação das temáticas musicais e religiosas, tendo como principal objetivo investigar o cenário musical encontrado nas práticas romeiras em Juazeiro do Norte, cidade interiorana do Ceará. Esta região encontra-se num lócus de efervescência espiritual e cultural englobada por um contexto cosmológico que tende a sacralizar o que lhe é tocado, visto que os eventos romeiros são mais do que uma simples peregrinação, eles são travessias ðiminaresô para centros de devoção por santuários religiosos. No entanto, esta cosmologia edifica um campo perpassado de tensões e disputas simbólicas que estabelecem a romaria como um cenário que simultaneamente apresenta o sagrado e é emaranhado por conflitos entre os diversos atores sociais que participam dos eventos romeiros. A diversidade musical audível nos espaços oficiais de romaria nos permite pensar a música como um elemento agenciador das dimensões que complexificam o campo. Diante disto, investigo quais seriam os limites das mediações ocasionadas pela presença da música, ao pressupor que o dinamismo do cenário contribui para que esta também se apresente como agente antagônico. Imersa neste contexto, realizo uma análise dos eventos romeiros oficiais e não-oficiais acompanhados entre os anos de 2015 e 2016, ao reunir experiências com romeiros, grupos musicais, viajantes, juazeirenses e a Igreja Católica, por meio da etnografia musical.

Palavras-chave: Romarias. Juazeiro do Norte. Música. Práticas romeiras. Cosmologia romeira.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of the deployment of musical and religious themes, specifically focused on a research about the musical scene found in the pilgrimage practices in Juazeiro do Norte, an inner city in the state of Ceara. This region is a locus of cultural and spiritual abundance, encompassed by a cosmological context that engages in the sacralization of everything it comprises. In this background, the pilgrimage events are perceived not only as visits, but as substantial journeys to devotion centers through religious sanctuaries. Nevertheless, this cosmology raises an atmosphere that is plentiful of tensions and emblematic disputes that characterize the pilgrimages as an environment that, simultaneously, presents the sacred, and is bursting of conflicts between the diverse social parts that compound these events. The diversity found in the music played in the official spaces of these pilgrimage events allows us to think about music as an agent of catalysis of the dimensions that make this such a complex subject. Therefore, this study includes an investigation of what would be the limits of these mediations performed by the presence of the music, if considering that the dynamism of this atmosphere also perceives music as an antagonist agent. Immersed in this context, utilizing music ethnography, this analysis gathers official and unofficial pilgrimage events, observed between 2015 and 2016, by exploring the experiences with them, as well as musical groups, tourists, locals and the Catholic Church.

Keywords: Pilgrimage. Juazeiro do Norte. Music. Pilgrimage practices. Pilgrimage cosmology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 ã	Largo de Nossa Senhora das Dores	24
Figura 2 ã	Pau de arara	27
Figura 3 ã	Coreto na Praça Padre Cícero	33
Figura 4 ã	Cartazes da Shalom	62
Figura 5 ã	Trajetos do Trenzinho do Sorriso	80
Figura 6 ã	Abano distribuído durante romaria	87
Figura 7 ã	Bolo feito pela família da Dona Nair em homenagem ao Padrinho	90
Figura 8 ã	Encarte informativo sobre Nair Silva	92
Figura 9 ã	Blusa à venda em banquinha no Largo do Socorro	93
Figura 10 ã	Barraca de distribuição do caldo	94
Figura 11 ã	Apresentação de Eliane e seu grupo musical	98
Figura 12 ã	Trajetos do trio elétrico	99
Figura 13 ã	Chegada do trio elétrico	100
Figura 14 ã	Cartaz de divulgação do evento	108

LISTA DE SIGLAS

AL	Alagoas
ANTT	Associação
BA	Bahia
CAR	Centro de Apoio aos Romeiros
CE	Ceará
FANMOSA	Fanfarra Moreira de Souza
JP	João Paulo
NC	Novas Comunidades
PB	Paraíba
PCL	Pontifício Conselho para os Leigos
PE	Pernambuco
PI	Piauí
RCC	Renovação Carismática Católica
SE	Sergipe

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ROTEIRO DA FÉ: SENSIBILIZANDO O OLHAR	21
2.1	PRIMEIRA PARADA	24
2.2	SEGUNDA PARADA	30
2.3	TERCEIRA PARADA	33
2.4	QUARTA PARADA	36
2.5	QUINTA PARADA	37
2.6	SEXTA PARADA	38
2.7	O RETORNO	39
3	AS ROMARIAS: ALGUMAS QUESTÕES PRELIMINARES	44
3.1	ROMARIAS AO JUAZEIRO DO NORTE: ANTECEDENTES E PARTICULARIDADES	46
3.2	ÓCAMINHADAS PELA CIDADE JUAZEIRO E SUA ROMARIA EM NOVOS CONTORNOS	51
3.3	AS ROMARIAS DE NOSSA SENHORA DAS DORES (11 A 15 DE SETEMBRO) E DE FINADOS (29 DE OUTUBRO A 02 DE NOVEMBRO)	53
3.4	TENSÃO ENTRE CLASSIFICAÇÕES: ROMARIA E TURISMO	55
3.5	MÚSICA PARA CATEQUIZAR	57
3.6	SHALOM: A CHEGADA DO CARISMA	58
3.7	FIRMES NA FÉ E ANIMADOS NA ESPERANÇA	62
4	PRÁTICAS ROMEIRAS E A SACRALIZAÇÃO LIMINAL	64
4.1	ENTRE ANDORES E TRIO ELÉTRICO	72
4.2	FORRÓ NA COLINA DO HORTO	77
4.3	TRENZINHO DO SORRISO, O PORTAL	79
4.4	BAR DO MACARRÃO, O LUGAR SERESTEIRO	84
5	DUAS ROMARIAS EM UMA: O GRANDE EVENTO.....	87
5.1	SERESTA DO PADRE CÍCERO	91
5.2	POINT DA RESSURREIÇÃO	98
5.3	A ATRAÇÃO PRINCIPAL: BANDA KAIRÓS	104
6	RITO FINAL OU CÂNTICOS FUTUROS	118

REFERÊNCIAS	121
-------------------	-----

1 INTRODUÇÃO

As romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, tiveram o seu início em meados de 1889. Desde então, duas constantes são percebidas neste cenário: a devoção e a música. Várias alterações ocorrem constantemente em sua lógica e, conseqüentemente, nas suas práticas. A música se adequa a estas mudanças e se fortalece cada vez mais neste campo. Seja em atividades litúrgicas no interior da igreja, em programações lúdicas realizadas por denominações católicas ou por grupos musicais sem conotação religiosa, mas localizados no espaço oficial da romaria (Roteiro da Fé), os aspectos musicais estão fortemente presentes.

Existe uma programação básica que toda pessoa deve cumprir, a fim de ser considerada romeira. Incluso neste programa há duas instruções essenciais: à devoção pelo Padre Cícero, pela Mãe das Dores e Mãe das Candeias; paralelo ao aspecto devocional, tão importante quanto, é saber todas as músicas de cor¹, desde os antigos benditos², até as músicas mais atuais. Estas canções são praticadas antes mesmo de chegarem a Juazeiro. Grande parte dos romeiros só viaja para uma romaria que, geralmente, é sempre a mesma. Ou seja, o seu retorno só ocorre cerca de um ano após a última viagem. Durante este período, os preparativos demonstram a ansiedade para a volta na Terra Santa e as músicas ouvidas neste intervalo, fazem o elo entre o tempo de espera e a Festa do Céu na Terra.

Por estar presente em todas as práticas romeiras, entoada em ladainhas e benditos, ou acompanhada por instrumentos musicais em um palco com estrutura de som, a música é utilizada como importante instrumento de mediação dos conflitos manifestados na romaria, pelos que produzem estes eventos. Ela contribui na resolução de tensões entre as Novas Comunidades e a Renovação Carismática Católica que disputam entre si a notoriedade do público em suas apresentações musicais, também com a diocese que fora dos períodos de fluxo romeiro não dialoga bem com estas comunidades, devido o modo muito moderno de evangelizar. Além dos conflitos existentes entre as próprias denominações católicas, bares e banquinhas localizadas em espaço oficial de romaria (Praça do Romeiro e Centro de Apoio ao Romeiro) reproduzem músicas mundanas audíveis em simultâneo com o

¹ Expressão de origem francesa ósaber de coraçãoou óde cor e salteadoô dando ênfase ao domínio absoluto do conteúdo, que até em ordem aleatória, a pessoa o consegue lembrar.

² Cantos religiosos populares cantados em uníssono.

discurso litúrgico realizado na Igreja Matriz. Algumas pessoas acompanham a liturgia ao entorno da igreja, nestes bares e banquinhas e legitimam as músicas aqui reproduzidas por estarem em espacialidade romeira.

Este espaço-tempo dos eventos romeiros que a princípio parece ter uma organização binária entre o oficial e o não oficial, o sagrado e o profano, o nativo e o estrangeiro, sofre uma imbricação quando percebidos pela lógica romeira. A musicalidade presente já no momento que antecede a viagem e se acentua nas experiências romeiras, além dos aspectos rituais e de entretenimento, ela também auxilia na conciliação do que antes emergia enquanto ambivalente e influencia diretamente nas práticas romeiras. Em vista disso, realizo uma investigação do uso da música como um eficiente meio de comunicação entre as diversas pessoas que fazem os eventos de romaria, ao considerar o seu auxílio na compreensão da lógica romeira. Investigo os atores presentes no contexto musical, as motivações e o modo que as suas práticas são influenciadas musicalmente, ou seja, pesquiso qual a dinâmica sociocultural desse fenômeno.

Em termos metodológicos fiz uso da observação participante em missas, procissões e apresentações musicais durante os eventos romeiros dos anos de 2015 e 2016. Também emprego a descrição densa e interpretativa proposta por Geertz (1989). Inicialmente, realizei entrevistas semiestruturadas registradas com o auxílio de um gravador, no entanto, este método não foi proveitoso. As conversas informais foram mais profícuas por deixarem os interlocutores mais a vontade, isto possibilitou, inclusive, o contato mais de uma vez com a mesma pessoa. Os dados analisados³ são resultados destas entrevistas e conversas informais realizadas com romeiros vindos de diversos estados, músicos de denominações católicas e grupos de serestas que só ocorrem nestes períodos e em locais que constituem o Roteiro da Fé. Com a finalidade de auxiliar na compreensão da pesquisa, os caminhos percorridos deste roteiro são apresentados em mapas e em fotografias.

A música funciona como agente social de integração, aproximando os indivíduos que a compartilham. Tia DeNora (2000) apresenta um estudo da música

³ Ao longo do texto faço uso de longas citações expondo trechos de diálogos com os interlocutores. Acredito que seu uso seja necessário para uma melhor compreensão do leitor aos discursos e práticas obtidos no campo. O que pode parecer desnecessário em um primeiro contato, ao analisar melhor perceberá a importância de cada palavra por eles ditas. Como afirma Seeger (...) o trabalho de campo é, em essência, uma interação entre sujeitos vivos, não objetos abstraídos. Sob essas condições, os pesquisadores devem responder aos desejos, ou demandas, do grupo com o qual estão fazendo pesquisa (2015: 265).

na vida cotidiana, abordando desde os aspectos mais banais até os mais complexos, indo das dimensões afetivas às estéticas, a fim de reencontrar a importância da música para as relações sociais. Dentre todas as revisitações que passam desde Adorno (1976) e a indústria cultural, ela dialoga com Paul Willis (1978) e sua obra *Profane Culture*:

Willis's work was pioneering in its demonstration of how music does much more than 'depict' or embody values. It portrayed music as active and dynamic, as constitutive not merely of values but of trajectories and styles of conduct in real time. It reminded us of how we do things with music - dance and ride in the case of the bikeboys, but, beyond this, work, eat, fall asleep, dance, romance, daydream, exercise, celebrate, protest, worship, mediate and procreate with music playing. As one of Willis's informants put it, 'you can hear the beat in your head, don't you... you go with the beat, don't you'. As it is used, both as it plays in real time and as it is replayed in memory, music also serves to organize its users (DENORA, 2000: 7).⁴

A música está para além do entretenimento, não é algo puramente estético que serve apenas para nos livrar de momentos de ócio. A minha percepção sobre a importância da música para a compreensão do social corrobora a ideia de Pinto (2001), de modo que ela ao mesmo tempo em que é um meio de comunicação universal que manifesta e compartilha crenças e identidades, também possui suas especificidades. Para uma melhor compreensão destas características, ao realizar uma pesquisa que envolva o âmbito musical, este deve ser apreciada e estudada em seu meio cultural. Como nos mostra Blacking (1974), a música não pode ser percebida apenas como um produto.

Seeger (2015), ao propor sua antropologia musical, afirma que a música é de fundamental importância na produção e na reprodução do social. Ao estudar uma comunidade indígena, o autor percebe que a música...

Restabelecia a clareza dos domínios espaciais, das durações temporais e de certas relações humanas. Cantar permitia que os indivíduos criassem e expressassem certos aspectos do seu

⁴ O trabalho de Willis foi pioneiro em sua demonstração de como a música faz muito mais do que "representar" ou incorporar valores. Retratou a música como ativa e dinâmica, como constitutiva não apenas de valores, mas de trajetórias e estilos de conduta em tempo real. Lembrou-nos de como fazemos as coisas com a música - dance e ande no caso dos ciclistas, mas, além disso, trabalhe, coma, adormeça, dance, romanceie, sonhe, exercite, celebre, proteste, adore, medeie e procrie com música tocando. Como um dos informantes de Willis colocou, "você pode ouvir a batida em sua cabeça, você não... você vai com a batida, não vai". À medida que é usada, tanto em tempo real quanto em memória, a música também serve para organizar seus usuários. (Tradução minha)

gerando e mantendo o sentimento de euforia que era próprio das cerimônias e relacionando o presente a um passado potente e transformador. (ë) cantavam porque cantar era um modo essencial de articular as experiências de sua vida com os processos de sua sociedade (SEEGER, 2015: 247-248).

A musicalidade tem o poder de nos levar à transcendência, de retornar às saudosas e subterrâneas memórias, de nos entregar a maior euforia ou tristeza. Ela vincula todos que a escutam e a sentem, tornando possível compartilhar as sensações eufóricas e criar um sentimento de comunhão pelos envolvidos musicalmente na mesma experiência. Ademais, a religião possui papel sustentador da realidade social a partir do que existe no cotidiano, trazendo a sensação confortável de segurança e ordem aos seus adeptos, semelhante àquela que a música traz. Em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* esta ideia aparece presente no pano de fundo da obra, afirmando a importância essencial do fenômeno religioso para a vida moral da sociedade. Durkheim (1983) nota a religião como um dispositivo capaz de atuar de forma direta sobre a ação social. Uma das suas principais funções é de *“fazer-nos agir”* (DURKHEIM, 1983: 524). Durkheim (1983) atribui ao fenômeno religioso o ato de conceber suas origens sociais e, por conseguinte, na direção inversa, assimila o fenômeno religioso criador e recriador da própria sociedade.

As romarias possuem um caráter de fato social total⁵, onde é possível perceber a manifestação do que se compreende enquanto profano em eventos religiosos. Através da observação e análise é possível salientar uma sintonia resultante dos aspectos lúdicos presentes nas atividades romeiras. A cisão que separa estas duas dimensões é dissolvida, e, a partir daí, não se sabe mais aonde começa o sagrado e termina o profano. Sobretudo, em virtude das musicalidades entoadas, o que nos leva a cogitar que a música contribui para que os aspectos mundanos se manifestem em sincronia com o sagrado durante as romarias. A festividade romeira é um momento de suspensão do cotidiano: indivíduos se deslocam de suas moradias para irem ao encontro do sagrado, em busca da

⁵ Uso a descrição de fato social total proposta por Marcel Mauss (2003), que em um mesmo evento é possível uma observação ampla de vários aspectos que estão presentes nas relações sociais.

presença de um *óSantoó*⁶ para realizar trocas de energia, revitalização e fortalecimento. Neste caso, a santidade almejada é o Padre Cícero.

Existem três romarias oficiais anuais que duram cerca de cinco dias, em Juazeiro do Norte, porém as visitas extrapolam o calendário oficial. Nas últimas décadas ocorre um processo comercial em torno da *óféô* local, gerando lucro. Tais atividades monetárias são realizadas tanto por comerciantes, empresários e prefeitura, quanto por denominações religiosas. A Igreja vem lançando mão de várias estratégias para ganhar espaço nessa disputa, dentre elas, a ressignificação musical. As práticas romeiras são plurais, seus discursos também. *óSão* os romeiros, em sua pluralidade, as figuras de uma sociabilidade itinerante que transforma Juazeiro em palco ritualizado de troca entre homens e santosô (CORDEIRO, 2011: 19). Dentre todo este pluralismo, a música faz-se presente nestas práticas, desde *ladainhas*⁷ às *swingueiras*⁸ católicas. É importante analisar o papel da música no processo de criação de novas modalidades e continuidades de elementos presentes no evento.

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos. No primeiro deles, busco descrever o percurso da pesquisa, a partir de um breve relato etnográfico que expõe o primeiro contato com o campo (2011-2013), juntamente com os estranhamentos e dificuldades encontradas, narrando todo o trajeto que me fez chegar até o presente objeto de pesquisa. Deste modo, apresento os atores sociais encontrados no campo, dialogando com teóricos que auxiliam na compreensão da música como importante fator das práticas romeiras que, por serem englobantes, descarto a perspectiva ortodoxa entre sagrado e profano, comumente utilizada em pesquisas sobre religião, para adotar o conceito de cosmografia (LITTLE, 2004) e cosmologia (CAMURÇA, 2011) em que tudo é potencialmente sagrado, a depender das situações, temporalidades e espacialidades, seguindo a lógica romeira.

O segundo capítulo é dedicado a uma abordagem histórica acerca de elementos relativos ao tema estudado. Ao redigi-lo, busco informar como se deram as peregrinações e romarias em um contexto sócio histórico geral. Por conseguinte,

6 Utilizo a ideia de Pierre Sanchis (2006) *óSagrado feito genteô* Em que uma figura humana e mortal é tomada coletivamente enquanto sagrada e dotada de poderes de cura, revitalização e ajudante dos indivíduos que não dotam desse poder.

⁷ É uma breve e insistente oração proferida de modo responsório, ou seja, o padre ou a **rezadeira** rogam uma prece e os crentes respondem com uma aclamação.

⁸ Ou Pagode Baiano, este ritmo surgiu em Salvador na Década de 1990 ã um estilo do pagode misto com o Axé Music.

disserto acerca das romarias que ocorrem em Juazeiro do Norte, interior do Ceará, e apresentam como fomentador a figura do Padre Cícero, dialogando com teóricos que escreveram importantes trabalhos que servem como modelos teóricos analíticos para o fenômeno da romaria. Ainda neste capítulo, elucido também a chegada e a consolidação da Renovação Carismática Católica (RCC) e das Novas Comunidades, com breve histórico no Brasil, e com um teor mais aprofundado em Juazeiro do Norte. Abordo principalmente a Comunidade Católica Shalom que é uma das responsáveis pelas transformações musicais no cenário romeiro em questão e as suas consequências e da Comunidade Javé Yiré que vem ganhando espaço com a produção do Point da Ressurreição.

Em seguida, no terceiro capítulo, desenvolvi uma reflexão acerca da relação entre música e religião. Tal reflexão comporta uma análise da lógica romeira em meio a atividades musicais que mediam as diversas situações e conflitos emergidos no campo. Para pensar Juazeiro enquanto Terra Santa, construo um modelo cosmológico fundamental, por meio do que aparece no campo, dos discursos dos próprios romeiros e também de alguns teóricos. Neste contexto, ocorre a reflexão sobre as práticas romeiras compreenderem a música sagrada juntamente com a profana, frente ao questionamento da facilidade em sacralizá-las, em diversos eventos ocorridos dentro da programação das romarias. Deste modo, penso como e quando a música age a fim de contribuir neste processo de sacralização, considerando que junto a ela é relevante à conjuntura etnográfica, a cosmologia das pessoas e dos grupos musicais.

Outro ponto tomado como objeto etnográfico para a análise refere-se à importância do Trenzinho do Sorriso, que realiza o seu percurso com partida da Praça Padre Cícero, segue pela Igreja Matriz, Praça dos Romeiros, Centro de Apoio aos Romeiros, retorna pela Igreja Matriz, até chegar ao ponto de partida. Todo este percurso é feito com músicas hits do momento, da mídia, que vão do funk⁹ ao forró estilizado¹⁰. O público alvo desta atração são os romeiros, já que o trenzinho só está presente na cidade durante as romarias. Deste modo, não só os viajantes, mas

⁹ Ou Funk Carioca. (..) o termo *funckö* foi usado para se referir a uma multiplicidade de tipos de música eletrônica, os quais, pelo menos na opinião da maioria dos brasileiros, estão associados à música popular contemporânea negra de base norte-americana (SANSONE, 2004: 174-175).

¹⁰ Ou Forró Universitário, (..) gênero surgido no circuito universitário paulistano (..) no final dos anos 1990 (..) alia letras picantes a ritmos de FORRÓ como BAIÃO, POP e MPB, a exemplo do grupo Matruz com Leite, que também emprega instrumentos eletrificados e eletrônicos (DOURADO, 2004: 138).

também os juazeirenses participam do passeio, promovendo um momento de interação entre romeiros e moradores de Juazeiro. Abordo a música, portanto, como uma das formas de comunicação utilizadas neste campo de conflito e/ou concorrência que ocorre nas romarias, por meio de uma análise situacional, conforme propõe Van Velsen (1987).

No quarto e último capítulo exemplifico por meio da etnografia duas romarias ocorridas de uma só vez, com foco, principalmente, nas questões musicais. Aqui, dirijo a minha atenção ao evento ocorrido no período da Semana Santa do ano de 2016 que coincidiu com o aniversário do Padre Cícero. Isto resultou no encontro de dois fluxos romeiros e de festividades que costumam ocorrer em momentos distintos, destaco a Seresta do Padre Cícero, evento tradicional realizado há mais de 30 anos em homenagem ao natalício do Padrinho e o Point da Ressurreição ocorrido no domingo de páscoa, finalizando as festividades com trio elétrico e show de forró estilizado.

A própria escala contemporânea dos eventos oficiais de romaria informada pelos jornais, indica que na romaria mais forte, ou seja, a de Finados (Esperança), a quantidade de visitantes ultrapassa quinhentas mil pessoas (DIÁRIO: 2015). Isto evidencia que de acordo com a quantidade de pessoas, há uma consequente multiplicação de eventos e agentes coletivos de diferentes ordens. Deste modo, ocorre uma complexificação local, pois, na situação de romaria existem vários conflitos entre os integrantes de denominações católicas. É o caso da atuação da RCC e das Comunidades Novas que em momentos ordinários, vivem tensões com a diocese devido à forma muito entusiasmada de evangelizar. A música que surge como uma das mediadoras dos conflitos, em determinados momentos, deixa de ser um elemento de comunicação e passa a ser também um elemento de divergência. Assim sendo, analiso quais os usos da música enquanto importante elemento de comunicação nos eventos romeiros. Concluo este trabalho elucidando estes usos e suas limitações, oportunidade na qual eu exponho as considerações finais sobre esta pesquisa, mas aberta a outras análises possíveis.

2 ROTEIRO DA FÉ: SENSIBILIZANDO O OLHAR

O tempo era de festa em Juazeiro do Norte. Vários eventos estavam sendo realizados em homenagem aos 100 anos da sede do município, enquanto cidade dotada de autonomia política, por se desvincular politicamente de Crato e Ceará, cidade vizinha e de nascimento do Padre Cícero. Entre os eventos ocorridos na época, houve lançamentos de livros que compunham a coleção Centenário, 1911-2011 composta por 24 obras. Títulos inéditos e reedições, a coleção possuía como unidade temática a história de Juazeiro do Norte e dessa forma também contemplava a história do Padre Cícero (um dos fundadores da cidade) e da literatura de cordel. Entre os títulos estão: Memórias de um romeiro, de Fausto da Costa Guimarães; Joazeiro do Cariry, de Joaquim Marques Alencar Peixoto; Entre chegadas e partidas - Dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte, de Maria Paula Jacinto Cordeiro; Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914, de Irineu Nogueira Pinheiro; 50 folhetos clássicos e 50 folhetos inéditos de cordel, organizados em quatro volumes compostos por 25 obras.

Tive a oportunidade de participar do evento que aconteceu no dia 19 de julho de 2011 - programação constituinte da chamada "Semana do Centenário" dos dias 17 a 24 de julho - no Memorial Padre Cícero, a convite da professora Paula Cordeiro. Nesta noite foram lançados três livros inéditos, dez com textos acadêmicos e duas reedições. Cada convidado foi presenteado com dois títulos de sua escolha. A obra Entre chegadas e partidas é resultado da tese de doutorado, em que Cordeiro (2011) disserta acerca das dimensões sagradas e lúdicas dos eventos de romaria, ao observar as características de mudanças e continuidades nas práticas romeiras. A autora considera ainda a legitimidade destes hábitos diante das relações entre a cidade, os romeiros e Padre Cícero. Este é um dos títulos que consegui obter e que me é vantajoso portá-lo, pois agrega mais informações ao referencial teórico que concerne à romaria, sendo utilizado mais a frente do texto, para pensar este evento. O outro livro, Os caminhos da terceirização em Juazeiro do Norte: um olhar sobre as instituições públicas, não menos relevante que o citado anteriormente, mas por focar nas relações abrangentes da prática de terceirizar os trabalhos nos setores dos órgãos públicos da cidade, seu uso nesta pesquisa não é oportuno. Além destas, outras nove obras restantes foram difundidas entre setembro e outubro, visando à rememoração do aniversário de 100 anos do apossamento do

Padre Cícero Romão Batista como prefeito. Ademais, existe uma extensa literatura acerca do Padre Cícero e a cidade de Juazeiro, no entanto, foram aqui utilizadas as que mais viriam a contribuir com a pesquisa.

Programações sociais, religiosas e culturais agitavam o cotidiano local. Não foi simples acaso, a sexta edição de o projeto governamental Férias no Ceará ter a sua abertura em Juazeiro do Norte com o show de Gilberto Gil na Praça dos Romeiros, em junho de 2011. Constantes lançamentos e/ou aberturas de exposições, obras e reformas da estrutura física do município estavam sempre acontecendo. Com as cerimônias para decretarem abertas as intervenções estruturais da cidade, intelectuais ou artísticas, sempre aconteciam apresentações com grupos de teatro e de música ã dotados ou não de conteúdo religioso. Para Carlos Alberto Steil (2002) a articulação das motivações dos viajantes origina várias possibilidades de percepção da religiosidade e de seus significados, isto provoca distintos sentidos e formas aos eventos. De modo que, podemos ver surgir no campo das religiões uma estrutura turística de significados e valores que acaba encompassando, mesmo que inconscientemente, a tradição peregrínica, produzindo um outro evento, que poderíamos chamar de turismo religioso (STEIL, 2002:11). O Governo do Estado do Ceará ao perceber o potencial da região do Crato, Juazeiro e Barbalha ã CRAJUBAR ã região metropolitana do Cariri, para o turismo religioso, lança o projeto Roteiro da Fé.

Esta proposta almeja aumentar o fluxo de turistificação por meio de um roteiro de peregrinação. Ou seja, para o governo estadual, as romarias já eram percebidas como eventos turísticos que deveriam ser melhorados para atrair ainda mais visitantes à região, sobretudo à cidade de Juazeiro, conforme comunica a publicação da Secretaria das Cidades na Revista Cidades do Ceará. A sua capa traz como principal notícia Roteiro da Fé: Projeto Cidades do Ceará Cariri Central fortalece turismo religioso de Juazeiro do Norte (CEARÁ, 2013),

TURISMO E FÉ. A fé que leva milhares de romeiros, todos os anos, a Juazeiro do Norte, serve de motivação para outros milhares de visitantes que desejam se aproximar da tradição religiosa da cidade. Isso estimulado especialmente por meio da figura de Padre Cícero. O projeto Cidades do Ceará Cariri Central contemplou a sinalização da cidade, facilitando a localização de moradores e turistas em torno do Roteiro da Fé (CEARÁ, 2013:25).

O referido projeto passa a ser de responsabilidade municipal após a conclusão das obras, devendo garantir a sua limpeza, segurança e manutenção. De acordo com Ceará (2013: 22), o investimento totalizou R\$ 8,5 milhões e incluiu melhorias na pavimentação, iluminação e acessibilidade do seu entorno. Algo comum a todos os locais que são contemplados no projeto é a forte presença da musicalidade produzida tanto pela Igreja, quanto pela comunidade e comerciantes. Apresentações de grupos de tradição oral como o reisado, estão sempre acontecendo, igualmente as serestas nos quiosques pelos cantores e tecladistas, bem como os shows da juventude católica da RCC e Comunidades Novas. A música é consumida pelos romeiros independente de sua origem, pois a cosmologia sagrada¹¹ da cidade legitima o seu consumo. O campo apresenta uma tendência das práticas romeiras que contemplam tudo o que lhes são oferecidas, já que a lógica do cosmos implica na sacralização das situações, espacialidades e temporalidades da cidade. Para a lógica romeira, tudo que existe em Juazeiro é potencialmente sagrado. Desta forma, na presente pesquisa o meu objetivo é compreender quais os limites da mediação da música na romaria, em meio a este cenário a fim de realizar uma análise dos processos sociais que para Van Velsen (1983) significa realizar uma pesquisa mais intensa numa unidade menor (1983:367).

Este percurso proposto pelo Roteiro da Fé é composto por diversas paradas. Ele é iniciado no Santuário Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, ou, como é popularmente conhecida, Igreja Matriz de Juazeiro. É aqui que os motoristas estacionam os ônibus, caminhões, carros de passeio e realizam o desembarque para o primeiro contato entre os romeiros e a cidade, e só após esta primeira parada, seguem aos locais que ficarão hospedados. É também nesta igreja que ocorrem as principais missas das romarias. Durante os eventos romeiros, o ato litúrgico costuma ser celebrado no exterior das edificações. Ainda que o Santuário seja relativamente amplo, ela não contempla a quantidade de pessoas presentes, que já chegou a receber cerca de 500 mil pessoas, de acordo com as estatísticas municipais. Em seu entorno existe o Largo de Nossa Senhora das Dores (Figura 1) com uma arquitetura de arcos que a circundam e nele os devotos assistem as missas, como a famosa benção dos chapéus.

¹¹ Explico como se construiu esta percepção cosmológica no capítulo histórico por meio do milagre fundante da cidade.

Figura 1 - Largo de Nossa Senhora das Dores.



Fonte: Google Street View e edição.

2.1 PRIMEIRA PARADA

É neste espaço que também estão localizados o Centro de Apoio ao Romeiro e a Praça dos Romeiros. Este Centro possui diversos boxes e barraquinhas que movimentam o comércio direcionado essencialmente aos viajantes. As ofertas vão desde lanchonetes que servem a conhecida merenda¹² até barzinhos, atendendo a demanda alimentícia e também de entretenimento com as serestas¹³ ao vivo. Um dos famosos estabelecimentos que compõe este cenário é o Bar do Macarrão¹⁴. Ele está sempre movimentado e acomoda frequentadores de todas as idades, gêneros e estados civis. Outro serviço oferecido é o de vendas das lembrancinhas, artigos religiosos, vestuários e de produtos de utilidade geral. Na saída da área em que ocorrem as celebrações, quiosques com tiro ao alvo, pescaria e outras atividades comuns às quermesses ocupam a praça, juntamente com parques de diversões e vendas de guloseimas e bebidas.

Neste espaço é comum vermos pessoas acompanhando a liturgia e consumindo bebidas alcóolicas concomitantemente. Além do mais, a sonoridade do

¹² Refeição constituída de uma farta porção de cuscuz de milho, uma carne cozida (galinha, bode, costela), pirão/caldo de carne e buchada de bode.

¹³ Disserto acerca das Serestas no terceiro capítulo, explicitando as experiências lúdicas no Bar do Macarrão; e no quarto capítulo com uma análise da tradicional Seresta do Padre Cícero realizada na data de seu natalício.

¹⁴ No terceiro capítulo faço uma análise a respeito deste local e das interações nele existentes.

espaço é ruidosa. O sermão proferido pelo padre, os cânticos litúrgicos, as músicas dos quiosques, os barulhos dos parques, as conversas informais, todos estes sons reproduzidos conjuntamente me apresentou um cenário instigante para pensar a romaria. As dimensões de lazer existentes contribuem para a percepção deste evento como uma viagem turística pelos juazeirenses. Maria da Graça Santos (2006) ao estudar espiritualidade e turismo, observa que “Com efeito, o sagrado passou a revestir-se de novas representações ou de reapresentações, em moldes renovados, de antigas situações de sacralidade” (SANTOS, 2006: 73). Para a autora, não há um abandono do sagrado, mas sim mudanças no modo em que esse é representado e praticado. Steil (2002) reflete que o turismo é uma prática social que carece de autenticidade, ou seja, ele deve proporcionar ao turista uma experiência inédita e que não deve se repetir. Esta compreensão reforça a artificialidade envolvida no ato de fazer turismo, aumentando a distância entre visitante e visitado, pois não existe entre o sujeito e o espaço um vínculo emocional ou religioso, por exemplo. Além do mais, o destino não deverá ser repetido, já que uma segunda visita não possuiria o ineditismo do primeiro contato.

Nas romarias este distanciamento entre os viajantes e as motivações da viagem - a própria cidade considerada santa e o seu santificador, o Padre Cícero não é percebido. Ao contrário, as pessoas vindas de diversos locais do Brasil em que tive contato não se enxergam enquanto turistas. Turismo e romaria são atividades totalmente distintas em seu entendimento. Santos (2006) pensa em religiosidade referindo-se a algo que dá sentido ao cotidiano e ao extracotidiano. “Trata-se de uma espiritualidade que integra e orienta, mais do que impõe ou regulamenta, precisamente na medida em que resulta de uma escolha individual e de uma particular visão do mundo” (SANTOS, 2006: 68). Para ela, o peregrino se diferencia do turista, pois a prática deste será essencialmente voluntária, de escolha individual movida por uma determinação específica de reconhecimento entre indivíduo e local escolhido.

Eu venho à romaria desde que eu me entendo de gente. Hoje eu tenho 68 anos e desde criança eu já vinha para cá. Acho que se pode dizer, é a vida toda, né?! Então não tem um momento que eu lembre de dizer eu quero ir para a romaria, eu simplesmente vim e continuo vindo. O Padrinho é quem me chama e eu só venho (Conversa Informal com Mundinho, novembro de 2016).

Discursos como este do alagoano Mundinho são frequentemente ouvidos, eles aludem à compreensão dos famosos chamados, frequentemente emergidos nas falas romeiras. Eles remetem ao convite pessoal realizado pelo Padre Cícero a estas pessoas, as quais se tornam devotas. Ao meu entendimento, há uma ideia inerente ao pensamento romeiro de que eles não escolheram ir ao Juazeiro, na verdade, eles foram escolhidos. A motivação é o encontro com o sagrado presente nesta cidade. As categorias romeiros e turistas não existem na compreensão de quem é categorizado, elas são estabelecidas muito mais com o intuito de satisfazer uma necessidade de classificar por quem organiza estas categorizações. Muitos estudiosos se debruçaram sobre o Turismo Religioso a fim de indicar o que o diferenciava das peregrinações. Steil (2002) aborda a forma que o turismo surge como objeto de estudo das ciências sociais e é tomado como um fato social, adentrando nas pesquisas sociológicas e antropológicas. Mísia Reesink e Edwin Reesink (2007) analisam um caso no interior da Bahia, em que existe o incentivo ao Turismo Religioso para incitar a economia local, complexificando a compreensão de quem é romeiro ou turista. Ambos os estudos problematizam as concepções propostas por outros pesquisadores que acabam por cair em uma análise binária. Reesink e Reesink (2007) atentam a algo que contribui na interpretação do que ocorre em Juazeiro, para facilitar a compreensão destas dimensões do fenômeno que tende à ambiguidade,

[...] a melhor forma de, ao menos, diminuir a dificuldade de definição é adotar o caminho das definições etnográficas, isto é, êmicas. Ou seja, é o próprio campo de pesquisa que deve fornecer os dados para as construções particulares e contextuais das definições de turistas e romeiros (REESINK; REESINK, 2007: 210).

Há uma tendência dos setores burocráticos da cidade e do Estado em classificar os visitantes enquanto turistas, sobretudo quando eles participam de alguma atividade de lazer, tanto que a antiga Secretaria de Cultura e Romaria, e com a nova gestão passou a ser a Secretaria de Turismo e Romaria ã SETUR. Ainda existe a noção de que o romeiro é aquela pessoa que apenas segue o roteiro dado pela igreja e apenas reza. Neste caso, analisar quem é turista ou romeiro por meio do consumo não é interessante, pois todos gastam, uns mais outros menos, mas contribuem na receita econômica local. Além do mais, os comerciantes acreditam que quanto menor o seu poder aquisitivo, maior o consumo. Maria,

atendente do Bar do Macarrão, comenta que áquanto mais humilde, parece que mais gasta. Pode prestar atenção, quem gasta menos é quem mais temô Neste caso, qualificar o turista como a pessoa que gasta mais e o romeiro que tem pouco dinheiro não é cabível.

O período das viagens não é uma rápida passagem, elas costumam durar o período da programação divulgada pela diocese. Alguns viajantes chegam a esticar um pouco a viagem, ou seja, adiam o seu retorno para passar mais alguns dias na cidade. Existem romeiros que viajam de avião, outros de carro próprio, motocicleta, cavalos, mas ainda existem aqueles que preferem viajar de Pau de Arara (Figura 2). Este último meio de locomoção é bastante polêmico e considerado inseguro. Trata-se de um caminhão de cargas adaptado com bancos de madeira, sem cintos de segurança, sem capota e uma estrutura construída com lona e madeira que reproduz uma coberta. Devido à vulnerabilidade dos passageiros e os acidentes em que os Paus de Arara se envolvem, houve uma proibição pelo órgão responsável pela manutenção e segurança do trânsito, a Agência Nacional de Transportes Terrestres ã ANTT, durante a Romaria de Finados de 2015¹⁵. Muitos romeiros não conseguiram chegar ao destino almejado, ficando no meio do caminho com o caminhão apreendido.

Figura 2 - Pau de arara.



Fonte: Registro próprio.

¹⁵ Ver mais em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariri/juazeiro-do-norte/romeiros-protestam-contra-fiscalizacao-da-antt-e-fecham-o-triangulo-crajobar/>

Estas proibições tumultuaram a cidade com os protestos realizados pelos romeiros que conseguiram chegar à cidade. O fluxo neste período foi menor que o esperado, devido à prisão dos caminhões. Os motoristas e romeiros, indignados com a situação, fecharam as vias da rotatória CRAJUBAR que possibilitam os principais acessos para estas cidades, sobretudo a sede do evento, em que passam as Rodovias CE-292 e CE-060. Eu não sabia do acontecido e peguei um ônibus do Crato com destino a Juazeiro, com descida na Praça Padre Cícero. O engarrafamento teve início pouco depois da divisa entre os dois municípios. Ao se aproximar da Praça do Giradouro localizada na rotatória em que estas rodovias se encontram, o motorista informou do que acontecia e eu desci e completei o percurso até esta praça para ver o que estava acontecendo. A empatia pelos colegas devotos é explicitada no discurso do motorista Jurandir, quando a gente viaja para cá, não é só motorista, aqui é uma viagem diferente. Eu venho de ônibus, mas as pessoas tem que entender que existe uma razão para estas pessoas vim de Pau de Arara. Tem que respeitar isso. Ou de Maria das Graças, romeira que viaja sempre de ônibus, mas afirma compreender têm amigos que só vem assim, dizem que se vier de outro jeito a romaria não vale. Eu não acho isso, acho que não precisa de tudo isso. Mas se eles acham isso, é um direito que possam realizar o seu trajeto em paz como acham que deve ser.

Estes discursos acima trazem mais elementos para complexificar quem é turista e quem é romeiro. Pois a percepção de quem não faz estas viagens, os que não compartilham das motivações e sensações possibilitadas por estes deslocamentos, é de que os viajantes de Pau de Arara são muito miseráveis e não tem condições financeiras para financiar a viagem de outro modo. Mas as pessoas que protestavam na ocasião, explicitavam o contrário e pediam sensibilização às suas crenças. Segundo Turner (2008:41), é em situações de *communitas* que as pessoas tensionam as estruturas sociais, ao buscarem por meio da pobreza voluntária experimentá-la. Eu compreendo que haja uma tendência dos que constituem o Estado e dos comerciantes a perceberem os viajantes como potenciais agentes de movimentação econômica. Mas os romeiros, os que viajam, não se percebem deste modo. Tanto faz se vão de avião ou de transporte vulnerável e

desconfortável (como é o caso do pau de arara), cada um vai de acordo com as suas motivações e crenças de como se faz a romaria¹⁶.

Em uma conversa com um grupo de motociclistas de Itabaiana eles concordaram ao dizer que “Se a gente quer fazer viagem de turismo, a gente vai para as praias, para lugares desconhecidos. A viagem para Juazeiro é fé. Além de fazer uma diferenciação entre as possibilidades de viagens a serem feitas, Augusto completa “Até porque aqui a gente não bebe. A gente bebe em outros lugares, mas aqui não, aqui é romaria”. Isto nos faz retornar ao mencionado anteriormente sobre as dimensões de lazer que induzem o pensamento de que se há diversão, é turismo. No entanto, acho oportuno darmos voz aos que estão sendo categorizados. Os próprios romeiros constatarem as diferentes práticas entre eles, mas não dizem que um é mais ou menos romeiro que o outro. Muito menos determina que são turistas, mas sim romeiros que fazem coisas diferentes, comenta Claudiana de Aquiraz. Reesink e Reesink (2007) dialogam com Eade (1992) e corroboram em certo sentido ao afirmarem “(...) não só que as analogias entre turistas e romeiros são superficiais, mas ainda que cada categoria em si mesma não é uma unidade, havendo diferenças de comportamento, de motivações e de visões do próprio fenômeno dentro de cada categoria.” (REESINK; REESINK, 2007: 210). Para eles, é necessário considerar tudo que é dado em campo e interpretar estes dados, pois...

(...) dessa forma, que deve haver uma definição êmica (ou ao menos que deva ser pensada como pertinente), pois é ela que leva em consideração essa polissemia de sentidos a partir de um modelo ideal, que sempre existe em qualquer lugar, para se dizer o que é um 'turista' e o que é um 'romeiro'. Nesse sentido, reafirmamos que todos os que participam do sistema de peregrinação constroem um modelo ideal dessas categorias, que é sempre um modelo êmico (REESINK; REESINK, 2007: 210-211).

Durante a graduação, eu, Paula Cordeiro e Ana Torres (2011) realizamos um estudo epistemológico acerca da identidade romeira. Nossa pesquisa surgiu de uma preocupação metodológica sobre a abordagem da figura do romeiro no campo das ciências sociais, no sentido de estudar a desconstrução de categorias, ao considerarmos que algumas análises cristalizam a noção do que é ser romeiro. O objetivo do estudo foi aprofundar a noção de romeiro e compreender os aspectos

¹⁶ Fazer a romaria é o modo que os romeiros se referem às práticas desde a saída de casa até os seus respectivos retornos.

que envolvem sua variação, principalmente em relação à dimensão de lazer em romarias. Os resultados preliminares indicaram que as demandas de diversão ocorriam concomitantemente às religiosas, de modo que se tornava difícil compreendê-las de maneira separadas. Isso contribui para ressignificações da noção tradicional de romeiro, que incorpora ao conteúdo devocional aspectos que o complexificam. Esta noção tradicional segue a ideia de tipo ideal proposta por Weber (1982: 78) que idealiza um perfil em situações abstratas, para a partir dele pensar as multiplicidades históricas, pois sabia que esta idealização é inatingível, servindo apenas como instrumento analítico. Os dados obtidos através desta pesquisa indicam que estas pessoas que se aproximam mais do que se define como tipo ideal de romeiro viajante de pau de arara, sério, que apenas reza e anda de chapéu, não devem ser considerados mais romeiros do que os que desfrutam das situações de diversão a eles oferecidas. Nos dois casos, ambos cumprem suas obrigações, que é o aspecto fundamental para o reconhecimento da pessoa enquanto romeira. Contudo, a exclusividade às práticas devocionais sucedem em intensidades variadas.

2.2 SEGUNDA PARADA

Era noite de Romaria de Nossa Senhora das Dores, o entorno da Igreja Matriz de Juazeiro do Norte estava lotado de fiéis de diversos cantos do Brasil. Todos aclamavam a santa que dá nome à romaria e rogavam ao Padre Cícero ã padrinho de muitos nordestinos. O tempo sobre o qual discorro é meado de setembro de 2010, e a cidade esperava cerca de 400 mil romeiros. Muitas pessoas acompanhavam a missa na Basílica Menor. Algumas vestiam branco, outras preto, outras estavam com vestes aleatórias, sem nenhum aparente vínculo com santo e/ou promessa. O Padre enunciava a missa do alto da escadaria, para a multidão que estava ao seu redor. Mas nem todos estavam concentrados na missa, ou apenas na missa.

Percebi que pousadas, prédios e casas que estão localizadas ao lado da Igreja, estavam lotados de espectadores da missa. Alguns assistiam da varanda, outros da calçada. Persignavam-se, quando o ato era anunciado em certos momentos durante o desenvolvimento da reza. Avistei, no entanto, uma cena que

me deixou intrigada, algumas das pessoas que acompanhavam a missa de suas varandas e calçadas, também bebiam cerveja.

A Praça dos Romeiros está localizada no entorno da Igreja Matriz, em frente às pousadas e casas que acomodam plateias para a missa. Neste espaço, em tempos de romarias, são montados quiosques com comidas e bebidas alcoólicas, barracas com diversos produtos à venda e parque de diversão composto por diversos brinquedos. Além disso, a grande quantidade de pessoas e de diferentes atividades resulta na emissão de diversos sons, culminando em uma disputa sonora local. Os quiosques, as banquinhas e os parques põem músicas mundanas para tocar em alta potência. Era possível escutar no mesmo ambiente ã em frente à Igreja, dentro do seu entorno ã o brega, o carimbó, o technobrega, o forró, o sertanejo e a palavra litúrgica proferida pelo pároco. As pessoas pareciam não estranhar a ocasião e acompanhavam as letras da música do quiosque, ao mesmo tempo em que diziam amém para o padre.

Recordo bem do refrão marcante da música que era cantada na Igreja: ócuidado romeiro para não vacilarô Frase muito bem colocada pela paróquia, ao perceber sua fragilidade diante dos vários ruídos vindos de seus arredores. Os romeiros iam à busca de renovação espiritual, de agradecer as preces alcançadas, de responder ao chamado que era sentido em seu interior, de poderem estar presentes em território que consideravam santo e protetor, ao mesmo tempo em que procuravam diversão. Este último elemento que era buscado, não menos importante para os romeiros, começou a ser tratado com maior atenção pela Igreja. A diversão facilmente encontrada fora das práticas religiosas, passa a constituí-las. Deste modo, a igreja inicia um trabalho de inserção do lúdico na religiosidade.

Nesta época, eu era integrante de um grupo de pesquisa voltado para análises das dimensões lúdicas presentes nas romarias de Juazeiro do Norte. Com um turbilhão de pensamentos, eu e minha companheira de pesquisa decidimos ir para a Praça Padre Cícero e observar como estava o movimento de pessoas no local. A praça estava lotada e semelhante ao complexo da Basílica Menor quanto à sonoridade, cheia de ruídos e sons vindos de todos os lugares. A quadra da Rua São Francisco que fica em frente a um dos lados da praça, é quase totalmente ocupada por bares. E cada bar reproduz a sua música ou transmissão de jogo, havendo uma poluição sonora gritante. A praça possuía entretenimento para todos os gostos. Índios ã vulgo: os peruanos da Praça Padre Cícero ã tocando as suas

flautas, trios de forró, peças teatrais de rua, quiosques com rádios ligados, evangélicos tentando conquistar mais seguidores de suas doutrinas, e um show de música católica feita no coreto.

Nesse período, o meu foco na pesquisa estava voltado para a ôdentidade romeiraô Porém, a questão musical foi o que me deixou bastante inquieta e pensativa. A romaria enquanto um lócus multissonoro, possibilitando a presença do sagrado e do profano em um mesmo ambiente, por meio da música. O discurso propagado musicalmente pelo padre, dando avisos comportamentais aos romeiros e as músicas com caráter altamente mundano, exaltando os pecados ñ aqueles que segundo o lembrete clerical, deveriam ser percebidos com bastante cuidado.

Os vários gêneros musicais reproduzidos simultaneamente e o aviso vindo da Igreja em forma de música, me fizeram refletir mais ainda no show que aconteceu no coreto ñ Praça Padre Cícero. O espetáculo musical foi realizado pela Comunidade Católica Shalom, deixando-me intrigada, pois eles estavam reproduzindo músicas com letras católicas, entretanto os ritmos dessas canções era muito animados, ou melhor, os gêneros musicais eram os que eu escutei no entorno da Igreja da Matriz e ao largo da Praça Padre Cícero. Como podia existir música com a letra religiosa e que a um só tempo reproduzia uma melodia mundana?

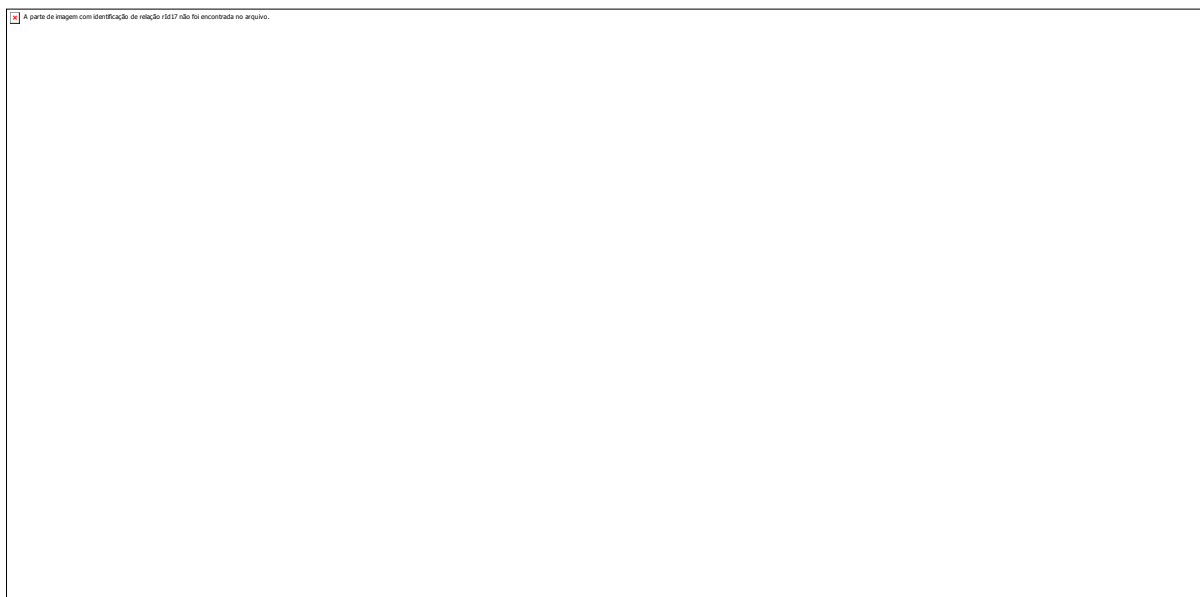
Ao fazer essa observação, fiquei com um pouco de receio, levando em consideração que eu nunca fui uma pessoa religiosa. Muito menos tinha aproximação com as romarias. Sempre tive um certo distanciamento às religiões, principalmente ao catolicismo. Não lembro ao certo quando adquiri essa aversão, mas recordo bem que durante a minha ôPrimeira Comunhãoô fiz uma pergunta para a professora e ela pensou que eu estivesse de chacota. No entanto, eu era apenas uma criança curiosa e fiz uma pergunta que esperava ser contemplada. Acredito que a indagação deva ter sido agressiva ñ sem intenção ñ para a fé da professora e para não ter a sua crença abalada, talvez tenha achado melhor fingir que não entendeu. E então, essa teria sido a minha última aproximação religiosa. Com toda essa minha predisposta negação do catolicismo, fiquei amedrontada. Pois eu poderia levar a pesquisa ao fracasso, se não conseguisse me policiar, enquanto pesquisadora, permitindo uma abordagem totalmente pessoal. Desse modo, será que não era uma cogitação feita apenas por eu não possuir uma aproximação com atividades religiosas? Será que não era preconceito meu? Em perspectiva contrária à religião,

a música sempre esteve presente em meu cotidiano. O que facilitou o meu interesse pela dimensão musical presente nas romarias.

Portanto, utilizei a ideia de Ruth Benedict em que ela acredita que óas lentes através das quais uma nação olha a vida não são as mesmas que uma outra usa. É difícil ser consciente com os olhos através dos quais olhamosô (1997:19), pois nos acostumamos a enxergar de acordo com a nossa organização social. O exercício de sensibilização do olhar, como quem, ao fechar os olhos e abri-los novamente, passa a enxergar com novos olhos, capazes de compreender melhor o outro. Ou como afirma Marcelo Camurça (2009) deve-se á(...) explicitar as condições de produção do discurso etnográfico todo o tempo, assim como o lugar de onde fala o antropólogo e sua interlocução com o nativo, onde ambos deixam-se afetar-se mutuamenteô (2009:59). Dessa forma, procurei observar os novos ritmos empregados pela Igreja, buscando retirar o máximo possível de minhas prenoções, a fim de perceber os sentidos de suas ações.

2.3 TERCEIRA PARADA

Figura 3 - Coreto na Praça Padre Cícero.



Fonte: Google Street View e edição.

Ao seguir o Roteiro da Fé, saímos do Largo da Basílica Menor e percorremos a Praça Padre Cícero (Figura 3). Se percebermos Juazeiro como um

cosmos sagrado para os romeiros, e também para alguns moradores¹⁷, podemos pensar a praça como um tipo de microcosmos. Pierre Bourdieu (1974; 2003) percebe o campo como um espaço social em que microcosmos estão organizados em conformidade com seus próprios regulamentos de socialização, suas disputas e hierarquias. Nesta perspectiva, a praça pode ser compreendido como microcosmos, a sua área dispõe de configurações sociais resultantes das demandas conflituosas nele existente. Em um primeiro momento o local era ocupado pela comunidade civil, sem atividades lúdicas ministradas por alguma instância religiosa. Em 1999 a Comunidade Católica Shalom¹⁸ recebe o convite de trabalhar enquanto intermediária da Igreja com os romeiros, sobretudo quanto com o público jovem, a fim de oferecer opções de diversão. Este foi o modo de controlar as práticas romeiras, encontrado pela igreja, a fim de manter os romeiros em atividades supervisionadas pelo catolicismo. Até então, a relação entre Igreja e Shalom não era das melhores, segundo Paula França, responsável pelo Ministério de Artes da sede juazeirense. Pois esta Comunidade Nova proferia os ensinamentos religiosos de acordo com seu carisma¹⁹, que consiste na crença da igreja jovem, viva e alegre, por meio de atividades lúdicas e músicas ressignificadas.

Após o sucesso da Shalom neste evento, outras Comunidades Novas e da Renovação Carismática Católica iniciaram uma disputa pelo espaço do coreto da praça para realizarem suas atividades e saber quais delas agradariam mais o público. Isto chamou atenção de outras denominações religiosas que iniciaram a ocupação do local, como é o caso dos Jovens Com Uma Missão²⁰ ã JOCUM ã e do

¹⁷ Alguns juazeirenses se consideram de algum modo romeiros. A construção da cidade se deu por meio da peregrinação de seguidores do Padre Cícero, sendo os mais jovens descendentes destes que vieram de outras localidades cearenses e também de outras unidades federativas. As pessoas que não se identificam com a romaria, ou até mesmo a negam, respeitam e compreendem a sua importância histórica.

¹⁸ Apresento com mais detalhes no próximo capítulo.

¹⁹ No guia do Ministério de Música da comunidade Shalom tem a seguinte definição para carisma: *A palavra carisma significa graça (I Cor 12,4). Um carisma é: Uma coisa nova para Igreja; Um dom de Deus, que traz em si, uma graça particular para quem vive e para quem recebe; Manifestação de Jesus Cristo de uma maneira específica na Igreja, em resposta aos desafios de hoje da Igreja e do mundo; Ele é transmissível a outros. Deus coloca em outros a identificação com aquele carisma; É uma graça de Deus maior do que o fundador. Uma novidade que ultrapassa sua humanidade, seu entendimento e sua capacidade humana; Uma nova forma de vida; Como um código genético, que não dá apenas a identidade a um instituto, mas a cada um de seus membros. É uma verdadeira identidade daquele que é chamado. (ë) No percurso de toda a história, tem suscitado no interior da Igreja, da qual é a alma, uma infinidade de carismas, em resposta às urgências, necessidades e desafios da humanidade e as suas próprias, mantendo-a sempre jovem e atuanteô (MINISTÉRIO, s.d.)*

²⁰ Missionários de diversas denominações evangélicas com o intuito de trabalhar variadas e atrativas atividades evangelísticas. Ver mais em: <http://www.jocum.org.br/quem-somos/>

grupo de jovens da 1ª Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte. Além das apresentações com alguma ligação religiosa, outros grupos que compõem o cenário musical apresentam seus espetáculos²¹. A Igreja Católica, mesmo diante destes novos agentes na disputa pelo campo, consegue manter a sua hegemonia. Os dados do campo nos indicam que isto ocorre por conta da cosmologia sagrada existente na cidade que é melhor explicada pensando historicamente.

Em meu primeiro contato neste local em período de romaria e enquanto pesquisadora, a minha atenção foi instigada pelo relógio remissivo do centenário que marcava uma contagem regressiva para o grande dia de aniversário da cidade, 22 de julho de 2011. O relógio foi inaugurado no dia 23 de março de 2010, pelo prefeito que exercia o mandato na época, Manoel Santana, contando regressivamente os 485 dias que faltavam para a comemoração. A sua localização era bastante emblemática, com ampla visibilidade. Estava situado na Praça Padre Cícero, na esquina em que faz encontro com a Rua São Pedro e a Rua São Francisco. Desse modo, percebi o relógio como um totem, um símbolo identitário, que marcava um período de transição para os juazeirenses e igualmente como um artefato compositor de uma cerimônia social e religiosa (LÉVI-STRAUSS, 1975). Recordo-me que estava a postos, em frente à Praça Padre Cícero, o caminhão da Loteria Federal, para fazer o sorteio da Mega Sena. O período era setembro de 2010, Romaria de Nossa Senhora das Dores cujo tema foi Juazeiro do Centenário: Terra de Oração e Trabalho. À noite, havia um carro de som anunciando festas de forró abertas para a população. A Praça estava lotada de romeiros, visitantes e residentes locais. Crianças, adultos, idosos. Pessoas de toda idade e classe social, vindas de distintas cidades.

Até aí, tudo normal, nenhuma novidade para um período de festa municipal. Porém, não se tratava apenas da comemoração do aniversário da cidade, a festividade também possuía cunho religioso. Mais que isso, as suas programações estavam entrelaçadas com o calendário da Igreja do município, sobretudo nas romarias. Pois o primeiro prefeito, um dos responsáveis pela emancipação política local, foi o Padre Cícero²². Figura santa que motiva todos os anos multidões de

²¹ Elucido sobre os atores sociais presentes na Praça Padre Cícero no terceiro capítulo. Entre eles estão a Comunidade Católica Shalom e a Comunidade Javé Yiré.

²² Apesar de ser cratense, sua chegada ali e os episódios que cercaram o decantado milagre é que promoveram o desenvolvimento do lugar. Estava numa posição privilegiada, acima das rivalidades:

fiéis para Juazeiro. E em festividades religiosas, o que se espera das pessoas e das atividades, é o envolvimento com o sagrado. Então me deparei com quiosques, barracas e parques em um local pertencente à Igreja e que tocavam músicas mundanas em alta potência, sendo audíveis até para quem estava mais próximo da igreja, assistindo a celebração da missa. Nesse momento, múltiplos questionamentos vieram à tona.

2.4 QUARTA PARADA

Após a passagem pela complexa Praça Padre Cícero, o destino agora é o Museu Casa Padre Cícero localizado em sua antiga residência com exposições de objetos e móveis pessoais, na Rua São José, no centro da cidade. Nesta residência ele passou os últimos anos de sua vida. Próximo ao museu está o Largo do Socorro, constituído pela Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ou simplesmente Capela do Socorro. Além de ser o oratório do principal cemitério da cidade, nela também está sepultado o Padre Cícero. Por esta razão, o fluxo nesta localidade durante a Romaria de Finados é abundante. Mas a sua movimentação não se restringe a esta temporada, pois ainda no Largo encontramos muitas banquinhas que comercializam artigos religiosos, de ornamentação, comidas e lembrancinhas da romaria e da cidade. Encontra-se também o Memorial Padre Cícero elaborado para fomentar pesquisas e eventos acerca do patriarca da cidade e as questões que o circundam. Assim também como é na Praça do Socorro, a forma mais conhecida da Praça do Cinquentenário, que se realiza um grande e tradicional evento, idealizado inicialmente por uma romeira, a Dona Nair. Ela deu início a uma grande celebração que reúne cerca de 40 mil pessoas todos os anos, segundo informações municipais. O motivo da festa é o aniversário do Padrinho, Dona Nair engajada na cultura, realizou a primeira Seresta do Padre Cícero há mais de 30 anos atrás.

Este evento inclui atualmente o corte do bolo gigante que é distribuído aos presentes, um concurso de bolo e a distribuição do famoso caldo como propôs a Dona Nair. Em seu contexto musical, é montada uma estrutura de palco, som e telões em que ocorrem as apresentações da seresta que anima a espera da virada da noite e com ela os cantos de felicitações ao aniversariante e a distribuição do

⁶⁶Sou filho do Crato, mas o Juazeiro é meu filho⁶⁶ definia. Sendo assim, não havia mais o que discutir⁶⁶(LIRA NETO, 2009:330)

bolo. A programação musical é diversificada, composta por bandas cabaçais²³, reisados²⁴, seresteiros, grupos católicos, entre outros, ainda que haja a diversidade entre as apresentações, o intuito é o mesmo: homenagear e agradecer ao Padre.

2.5 QUINTA PARADA

A partir de agora o roteiro se distancia do centro da cidade e segue em direção ao Bairro Salesianos ao encontro do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, ou Igreja dos Salesianos como é popularmente conhecida. Ela ilustra cartões postais da cidade por conta de sua beleza arquitetônica pensada por Padre Cícero em uma viagem a Roma, baseada numa maquete trazida por ele de lá. O seu espaço é amplo e é muito frequentado em períodos de romaria, causando entusiasmo e admiração por sua beleza tanto no interior, quanto no exterior de sua construção. No período da Semana Santa ela sedia um grande evento, a Missa da Ressurreição de Jesus Cristo. Em termos musicais este acontecimento é relevante para a compreensão do cenário musical dos eventos romeiros em Juazeiro do Norte. A primeira atividade é uma missa iniciada às 16 horas dentro do santuário e logo após percorrem o caminho que leva à Praça José Geraldo da Cruz, ou Praça dos Franciscanos. Este trajeto não é uma simples procissão, ele segue um trio elétrico animado por músicos de Comunidades Católicas que fazem uma apresentação com músicas dançantes, semelhantes às passagens dos trios elétricos em festas sem teor religioso, como é o caso do carnaval.

Ao chegar à Praça dos Franciscanos, uma estrutura organizada de palco e som está a postos para o show do Grupo Católico Filhos Amados do Céu e a esperada atração especial, a Banda Kairós. Esta última é resultado de músicos integrantes da Comunidade de Taquaritinga do Norte, Pernambuco, que utiliza a música como principal meio de evangelização, com suas canções trabalhadas em arranjos, ainda pouco frequentes em melodias católicas, como é o caso do forró estilizado. Ainda que não estejam presentes em todas as denominações católicas, o uso destes repertórios vem se consolidando nos tempos atuais com as mudanças

²³ Ou Bandas de Pífano, são grupos musicais de tradição, geralmente compostos por dois tambores (zabumba e caixa) e dois pífanos, ou pifes.

²⁴ O Reisado é essencialmente um teatro nômade, peregrinal. Processional. Ambulante, uma grande narrativa desenvolvida por um grupo de brincantes. (BARROSO, 2012: 41)

ocorridas na Igreja após o II Concílio²⁵, a ideia da Igreja viva presente nos grupos de RCC e Comunidades Novas com seus carismas e a forte presença dos Evangélicos Neopentecostais. Na Semana Santa de 2016 eu consegui participar do evento e desenvolvo uma análise etnográfica no quarto capítulo, informando os detalhes dos shows, do espaço, a ansiedade e percepção dos romeiros para a tão esperada apresentação dos evangelizadores pernambucanos.

2.6 SEXTA PARADA

Já foi feito o percurso no centro de Juazeiro com início na Igreja Matriz, subimos em direção a alguns lugares que recebem o nome em homenagem ao Padre Cícero, como é o caso da praça, de sua antiga casa que se tornou um museu e o memorial. Com a chegada ao memorial, a localização é o Largo do Socorro que contempla em seu espaço uma feirinha com ofertas diversificadas aos romeiros, a capela com o túmulo do padre e a praça em que ocorre sua grande festa de aniversário. O distanciamento do centro nos leva ao Bairro Salesianos e Franciscanos seguindo um trio elétrico. E agora podemos ir à última parada, a Colina do Horto.

O trajeto que segue do Bairro Franciscanos pela Rua São Benedito passa pela Igreja São Miguel. É nesta rua que ocorre o desfile de despedida dos ônibus, Paus de Arara, carros de passeio, carroças, motocicletas, entre outros meios de transportes dos viajantes que anunciam a sua partida. Mas antes, iremos à última parada, porém não menos importante que todas as outras, o Horto do Padre Cícero. Para a sua subida, existem duas estradas, a antiga é utilizada para procissões com estações da Via Sacra. A estrada nova segue o sentido da cidade de Caririaçu, em que há um desvio para uma pista repleta de curvas altas. Após a reforma do espaço, um grande estacionamento foi construído a fim de acomodar os transportes dos visitantes. A estátua do Padre Cícero foi restaurada e encontra-se em boas condições, ao seu lado um palco de semi-arena fora construído para receber programações de entretenimento aos romeiros e também celebrações

²⁵ Explico o que foi o II Concílio no capítulo denominado ÓAs romarias: algumas questões preliminares

eucarísticas²⁶. Por trás da estátua, o Casarão do Padre Cícero transformado em capela, dá acesso ao seu Museu Vivo de Padre Cícero²⁷.

2.7 O RETORNO

Levando em consideração que os dados obtidos não possuem um caráter inato, já que são perpassados pelos diálogos entre teorias e observações de campo, é dada importância à identificação de como a música é inserida nas romarias e qual a contribuição dela nas práticas romeiras de acordo com os sentidos atribuídos a ela pelos nativos. A diversidade musical audível nos espaços oficiais das romarias nos permite pensar acerca da música enquanto importante meio de comunicação nos eventos romeiros. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, levanto inicialmente as seguintes indagações:

1. Quais os limites da música como importante elemento mediador de conflitos no contexto das romarias?
2. Quais as negociações, disputas e diálogos existentes entre os atores coletivos, as instituições e/ou os agentes individuais envolvidos nos eventos romeiros com forte influência musical?
3. Como os agentes integrantes dos eventos romeiros percebem as disputas simbólicas e territoriais nos espaços e práticas nas romarias, a partir de suas interpretações a luz do contexto musical?

A fim de conseguir uma boa análise do objeto de pesquisa, é de suma importância a realização da contextualização histórica da Igreja Católica. Também se faz necessário à observação sistemática e entrevistas semiestruturadas, possibilitando a utilização de recursos etnográficos, acompanhado de estudos na área.

²⁶ Disserto sobre um show de forró apresentado por Ana Paula Nogueira durante a Romaria de Finados de 2016 no terceiro capítulo.

²⁷ O Museu Vivo possui cinco ambientações com personagens em tamanho real, a partir de resina de poliéster. Percorrendo os cômodos do imóvel, o visitante encontra o Padre Cícero em um café da manhã com amigos; em uma capela ao lado da beata Maria de Araújo, protagonista dos milagres; despachando com José Marrocos em seu gabinete; orando e descansando em uma rede. Na primeira sala do museu, fotos e dados sobre a vida do sacerdote, além de muitos ex-votos de fiéis ao longo do percurso na casa que serviu para retiros espirituais do Padre Cícero. (informação disponível em <http://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Museu-Vivo-de-Padre-Cicero/>).

(...) registros de situações reais e de comportamentos específicos tem sido transportados dos diários de campo do pesquisador para as suas descrições analíticas, não como ilustrações aptas (...) das formulações abstratas do autor, mas como parte da análise. (...) o etnógrafo não somente apresenta ao leitor abstrações e conclusões do seu material de campo, mas também lhe fornece parte considerável desse material. (VELSEN, 1983: 360)

Reflexões de cunho epistemológico foram realizadas, enquanto forma de vigilância de meus valores, minhas pré-noções, a fim de alcançar uma melhor compreensão dos discursos e práticas dos interlocutores emergidos no campo. De fato, interpretar os dados que surgem intencionalmente à consciência, oferecendo possíveis esclarecimentos de elementos que caracterizam essas dimensões ã sagrada e profana ã interagindo com a música.

Cada ano existem três romarias oficiais em Juazeiro do Norte. No entanto, as visitasões não se restringem ao calendário oficial e quase que ao decorrer do ano todo é possível observar romeiros pela cidade. Durante o período, o local é modificado com a finalidade de recepcionar os visitantes vindos de distintos lugares ao encontro do Padre Cícero. Porém, tais alterações percebidas não são provenientes apenas de instituições religiosas. O que permite a atribuição de aspectos turísticos ao período, possibilitando a inserção de eventos musicais, por exemplo, sem nenhum teor religioso. As romarias são momentos de suspensão do cotidiano, onde os indivíduos se deslocam de sua moradia e vão à procura da presença da santidade para renovarem seus vínculos. Mas é necessário flexibilizar a percepção do perfil de romeiro, já que várias pessoas que assim se denominam, não vão à cidade apenas com esse objetivo.

Existe uma distância entre o que é dito pelos romeiros, durante a romaria, e o que acontece. Dessa forma, estas práticas são as mais variadas possíveis, consequentemente também o são os discursos. A presença da música na maioria das ações romeiras, permite que ela contribua no processo de ressignificação e continuidade de elementos presentes nos eventos. Isso faz dela um importante elemento importante a ser aqui analisado.

É interessante expor que em um mesmo ambiente se ouve desde o discurso de padres e músicas católicas, até músicas com sentidos ambíguos e sexuais. O technobrega, o forró e músicas sertanejas marcam presença e fazem parte, na maioria das vezes, das práticas romeiras, como é possível observar em noites com

fluxo romeiro nos entornos das igrejas, por exemplo, onde ficam instaladas barracas e banquinhas que vendem desde roupas até bebidas alcoólicas.

Vale ressaltar também que devido à turistificação feita por instituições, como o governo municipal e suas secretarias, a própria Igreja vem fazendo alterações nas formas de interatividade com os romeiros a partir da música. Como é o caso da Comunidade Católica Shalom, das Comunidades Novas, a qual enfoca um aspecto mais festivo, dando novas roupagens para músicas católicas tradicionais por meio do uso de ritmos dançantes. Observa-se também um crescente número de festas e eventos ocorridos nos períodos de romaria, já que a mesma é vista pela cidade como forma de ganhar dinheiro e como desenvolvimento urbano. Percebemos isso na própria denominação da Secretaria de Turismo e Romarias, a qual realiza festividades de eventos municipais na Praça Padre Cícero com shows de forró, ao mesmo tempo em que acontece uma festa para Jesus promovida pela Igreja Católica no mesmo ambiente.

É instigante se encontrar em um local em que simultaneamente se escuta de forma nítida a liturgia e músicas que falam o contrário do que é colocado pelo padre, em uma harmonia que não o impede de continuar sua missa e muito menos as barracas de tocarem suas músicas que banalizam o que é dito pela liturgia. Vejo a música como um fator que, ao ser analisado, facilitará bastante o entendimento das ressignificações das práticas romeiras que aproximam cada vez mais as dimensões sagradas e lúdicas, possibilitando um entrelaçamento entre elas. A música que é proposta pela Shalom, possui um caráter festivo e letras religiosas.

A Igreja observando a importância dos meios de comunicação tem dado maior valor à maneira que trata a música. Ela contribui com novos significados às práticas romeiras, exaltando a alegria e a festa. Ao mesmo tempo em que a Igreja transforma sua música com o propósito de que os fiéis se aproximem mais do catolicismo e que as ressignificações de tais práticas sejam exercidas através de um viés católico.

A cultura é dinâmica, mudanças são necessárias, assim também como continuidades, para que a sociedade continue fazendo sentido. Para que as alterações tenham o resultado esperado, deve-se ter cuidado para que as mudanças não sejam radicais, pois a radicalidade apresenta perigo e a ação pode perder o sentido, devendo sempre ser mantidos traços de continuidade para que haja eficácia. Percebe-se a Comunidade Shalom dentro desse quadro de mudanças e

continuidades, onde se encontram alterações do repertório musical, como a inserção de gêneros musicais mais dançantes, e ainda assim, conseguem manter a proposta institucional: proferir a palavra de Deus. Para Bourdieu (1983) a estrutura mantém continuidades e também produz mudanças, por meios estratégicos de conservação e subversão. Em meio às disputas simbólicas entre institucional e popular, a música constrói adequações entre as práticas das duas dimensões.

Como coloca Durkheim (1996), os fiéis ao nascerem já encontram prontas as crenças e práticas da vida religiosa. Cabe à religião fazer mudanças ou dar continuidade ao que faz com que o indivíduo continue crente e em atividade na sua religião. Ao considerar a música como um dos meios de comunicação mais eficientes que existem no universo social:

Os grupos religiosos devem trabalhar bem suas doutrinas nos meios de comunicação, pois podem ajudar os seguidores a fortalecerem a fé (...). Hoje, o pregador não precisa mais gritar para que o sermão alcance as pessoas. Basta apenas saber usar a mídia e difundir a mensagem. (CABRAL; CABRAL FILHO, 2007: 324).

A música é conversão constantemente com os dois lados romeiros, ela é o elo entre a liturgia e a festa. O aspecto penitencial do catolicismo popular tradicional é apenas um lado da experiência religiosa. O outro é a festa e a alegria. (STEIL, 2001, p. 27). Caso não se treine o olhar para observar tais eventos, somente será possível enxergar a aparência e recair sobre as pré-noções, como a observação separada do sagrado e profano, excluindo a grande importância que a música possui, sendo um importante instrumento de comunicação nas relações dessas dimensões.

Treinar o olhar para perceber além do que é posto deve ser um exercício contínuo, porque papéis nos são impostos, objetivando o controle social e a não compreensão do que está por trás das intencionalidades dos indivíduos, evitando uma compreensão do social. Segundo Berger (1974), partimos do pressuposto de que nas ciências sociais nada é claro. As instituições constroem os papéis sociais almejados pela sociedade, oferecendo uma noção ilusória de que as normas impostas são as únicas possíveis.

Como entender o aspecto musical percebido nas romarias? As práticas romeiras tratadas ao longo deste capítulo, até mesmo as mais voltadas para o catolicismo tradicional, vêm sendo modificadas para atender as demandas do

cenário atual. A Igreja modifica o seu repertório a fim de deixá-lo mais atrativo, mas devemos questionar esse objetivo e procurar entender suas intenções. Pois, a partir do momento em que o popular é produzido pelo clero, há mais motivações do que simplesmente deixar a música mais festiva e animada. Na condição de antropóloga, deve ser feita uma exaustiva análise, tentando ir além do que está aparente. Já que na romaria existe a dimensão festiva, onde músicas do cotidiano, sem nenhuma conotação religiosa, ocupam o mesmo espaço da liturgia e atraem a atenção dos romeiros.

3 AS ROMARIAS: ALGUMAS QUESTÕES PRELIMINARES

As romarias, do ponto de vista de deslocamentos religiosos, existem desde a Roma Imperial. Segundo Pierre Sanchis (2006), no período da Alta Idade Média, as romarias se caracterizavam como manifestações que preenchiam o imaginário religioso cristão das populações e, que muitas vezes, marcavam e ritmavam o fluxo dos anos e as etapas da vida: experiências únicas vivenciadas individual ou coletivamente. Muitas dessas romarias eram influenciadas por religiões antigas ã celtas ou romanas ã e se caracterizavam como visitas a espaços naturais considerados sagrados (montanhas, rochedos, fontes), ou seja, elementos cósmicos (SANCHIS, 2006).

A partir do século XVIII, na Europa, há um esforço da Igreja Católica em institucionalizar esses tipos de deslocamentos, visando ser a única mediadora para o acesso ao sagrado: surge aí a importância dos santos, como figuras históricas e concretas em que, em torno deles é que se deve construir a romaria, numa tentativa de antropomorfizar o cósmico. Neste caso...

A grande transformação operada pelo cristianismo primitivo parece ter sido a passagem da natureza à história, da polarização num sagrado cósmico à veneração de uma presença humana: ãantropomorfizar o cósmico. Um povo real, efetivamente eleito, um Cristo histórico, morto e cujo corpo ressuscitou, a memória de homens concretos, que cristalizaram ao longo dos séculos os momentos de este desenrolar do tempo. Na proposta da Igreja e na resposta dos fiéis, veneram-se Corpos ãnventados. (isto é, descobertos), reverenciam-se relíquias. Ou simplesmente cultuam-se lembranças: passou por aqui, morou, teve aqui tal experiência... O lugar ãsagrado. tende então a tornar-se lugar ãsanto. a plenitude de Vida torna-se santificação (SANCHIS, 2006: 89).

Destarte, conhecer as percepções coletivas fomentadoras desta cosmovisão de mundo, faz-se imprescindível para compreendermos o processo de sacralização da espacialidade e temporalidade que se encontra em Juazeiro do Norte, também chamada de Terra Santa, através dos próprios interlocutores, neste caso, os romeiros. Ou seja, quando e como estes sujeitos concebem/percebem certas temporalidades e certas espacialidades como sagradas ou como profanas. Antes de pensar estas questões no cenário apresentado em Juazeiro, a contextualização será feita rapidamente sobre estas questões nas circunstâncias históricas brasileiras.

No Brasil, a constituição das romarias está intimamente veiculada aos movimentos do catolicismo: existem os cultos cujas raízes se encontram no catolicismo de tradição lusitana, cuja principal característica é a atividade paralitúrgica; e as romarias estruturadas a partir da romanização do catolicismo, que defendia o combate às formas desviantes e seculares do catolicismo. (AZZI, 1988; PAZ, 2004) De acordo com Cordeiro (2009), transformações estruturais rápidas e profundas na sociedade ocidental promoveram um aumento do fluxo de deslocamento de pessoas entre lugares e uma diversificação das motivações para esses deslocamentos. Fenômenos como a globalização e as transformações no contexto sócio-econômico estabeleceram modificações nas relações espaciais e no mundo do trabalho:

Os desenvolvimentos industrial, científico e tecnológico promoveram acesso a meios de transporte para um número cada vez maior de pessoas; a globalização encurtou distâncias e o contexto sócio-econômico mundial no final do século XX estabeleceu a necessidade de vivenciar períodos de lazer e descanso longe da rotina massificante do trabalho (CORDEIRO, 2009: 3).

Levar em conta este contexto histórico auxilia na compreensão do fenômeno das romarias contemporâneas, pois a dinâmica da vida influencia diretamente nas práticas sociais que sofrem alterações. Isto implica dizer que o tipo ideal de romeiro passa a ser cada vez mais difícil de encontrar. As mudanças históricas intervêm no fenômeno da romaria motivando variações em seus sentidos, suas formas e até mesmo de suas funções. A dimensão do lazer passa a ser cada vez mais presente e isto gera a necessidade de adaptações nas atividades oferecidas nos eventos romeiros, como é o caso das apresentações musicais realizadas no coreto da Praça Padre Cícero.

Ao considerar que as romarias não podem ser entendidas sem um vínculo com a história e com as transformações sociais, salientamos que esses eventos coadunam permanências e mudanças, apresentando uma estrutura de relações que tanto se reproduz como se modifica (SAHLINS, 2003). Todo o esforço é mostrar que as romarias nunca estiveram desvinculadas da religiosidade católica. Entretanto, como nos ensina Cordeiro (2008; 2009) esses eventos também não estão desarticulados das transformações decorrentes da atualidade. Daí a importância de entender as romarias a partir de uma multiplicidade de perspectivas de teóricas.

3.1 ROMARIAS AO JUAZEIRO DO NORTE: ANTECEDENTES E PARTICULARIDADES

Cidade localizada ao sul do estado do Ceará, na região denominada Cariri²⁸, Juazeiro do Norte se distingue das demais localidades interioranas, dado seu status de metrópole regional. Com pouco mais de cem anos de existência, a cidade já se destaca, pois é vista como um grande centro comercial que atrai pequenos comerciantes de várias cidades do interior cearense e das fronteiras de Pernambuco, Paraíba e Piauí a fim de abastecerem seus estabelecimentos comerciais. Nos últimos anos houve um grande crescimento na quantidade de Instituições de Ensino Superior, tanto públicas, quanto particulares, atraindo ainda mais pessoas de fora para morar na cidade. Estas situações geram um alto crescimento econômico e populacional no município. À parte disso, Juazeiro também se destaca por ser um famoso centro de devoção.

Todos os anos, em Juazeiro há um imenso fluxo de visitação de pessoas oriundas de diversas partes da região Nordeste: as romarias. Esse evento, que possui certa periodicidade²⁹ teve sua origem a partir do milagre da hóstia consagrada em março de 1889, acontecimento protagonizado pelo então capelão do Juazeiro (ainda um pequeno arraial), o Padre Cícero, e uma de suas beatas, Maria de Araújo. O milagre significou para os sertanejos uma resposta às forças secularizantes da época: o cientificismo, o positivismo e a falta de uma esperança para a resolução dos problemas tão frequentes nessa região pobre, tais como as secas que assolavam a região. (DELLA CAVA, 1976) Assim, o Juazeiro assume uma característica de centralidade, de um local onde houve a manifestação do sagrado:

(...) para os padres defensores do milagre, inclusive o Pe. Cícero, Juazeiro era a resposta divina contra o avanço do liberalismo e do positivismo com suas pretensões laicistas. (...) Ao lado do povo (...) a questão fora, desde o início, definida com clareza. Fora Deus quem escolhera Juazeiro, para aí multiplicar suas graças e prodígios. Contra essa escolha divina, nem o papa tinha poder e autoridade (AZZI, 1988, p. 121 - 131).

²⁸ A região chamada Cariri situa-se ao sul do Estado do Ceará, sendo formada por 28 municípios, dentre os quais se destacam as cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha.

²⁹ São três romarias por ano em Juazeiro do Norte, com duração em média de cinco dias. Entretanto o fluxo de visitantes não se restringe a esses períodos, pois durante alguns dias que antecedem essas épocas, é muito comum encontrarmos grupos de romeiros na cidade.

Juazeiro, após o ocorrido do milagre passa a ser visto como esse centro de convergência, onde o sagrado se manifestara e na qual as figuras do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo eram vistas como ónovos santos, descobridores de novos mistériosô (DELLA CAVA, 1976). Conhecer a história do milagre fundante facilita a compreensão da construção cosmológica que envolve o espaço de Juazeiro. Aqui, as categorias de sagrado e profano não são suficientes para compreender a realidade de Juazeiro. Estas dimensões não contemplam a percepção que seus interlocutores tem deste local sagrado. Isto faz com que a melhor saída para o entendimento da espacialidade deste local, seja por meio do conceito de cosmologia e não de religião. Nesta perspectiva, esta noção se amplia para a ideia de cosmovisão do mundo, implicando situações em espacialidades e temporalidades que se sobrepõe (ou não) como o sagrado e o profano. Neste tempo e espaço tudo é potencialmente sagrado. Mas como se iniciou esta cosmologia?

O milagre fundante desta cosmologia é normalmente conhecido apenas por meio da hóstia que se transformou em sangue vivo na boca da beata Maria de Araújo. No entanto, Edianne Nobre (2011) nos expõe que em suas pesquisas foram encontrados outros milagres não divulgados,

(...) nesse processo episcopal, não obstante com surpresa, além dos relatos da beata Maria de Araújo, depoimentos de outras mulheres que falavam não só dos sangramentos, mas também de uma série de outros fenômenos extraordináriosô como viagens ao Purgatório, Céu e Inferno, aparecimento de hóstias ensanguentadas, estigmas de crucificação, sangramento de crucifixos de metal maciço, relatos de visões, profecias, êxtases e comunhões espirituais (NOBRE, 2011: 20-21).

Além do mais, Nobre (2011) informa que as falas destas mulheres não se referiam apenas ao ocorrido com Maria de Araújo, elas também experienciavam estes fenômenos extraordinários e justificavam as suas causalidades por ser óJuazeiro como um lugar escolhido por Deus para salvar a humanidadeô (NOBRE, 2011:21). Assim sendo, estes depoimentos anunciam Juazeiro como um lugar de peregrinação no ano de 1889...

Seria impossível, diante de tão insistentes e misteriosas manifestações, conter o êxtase coletivo. De imediato, uma palavra passou a ser voz corrente na região: milagre. Juazeiro transformara-

se em chão sagrado. Moradores das cidades e localidades mais próximas chegavam de forma espontânea ao minúsculo povoado, atraídos pelas narrativas que davam conta do sangue de Jesus derramado em pleno agreste. Mas foi em 7 de julho, um domingo que marcava o ápice da tradicional festa cristã do Precioso Sangue, que Juazeiro assistiu pela primeira vez à chegada maciça e ordenada de milhares de peregrinos. Foi a primeira de todas as romarias (LIRA NETO, 2009:66).

Até então, este referido Juazeiro (Joaseiro, Joazeiro) era um pequeno povoado pertencente ao município do Crato que só obteve emancipação política em 1911, passando a se chamar Juazeiro do Norte. Esta cidade de chão sagrado passou a receber milhares de peregrinos com o intuito de tocar e adorar o pano com o sangue de Cristo, advindo de uma beata fervorosa e engajada nos trabalhos cristãos. Se Maria de Araújo foi escolhida por Deus como seu anunciante, o Padre Cícero fora escolhido por ela como seu óconfessor, (ele) seria o grande responsável pelas bênçãos que estavam se derramando sobre o Juazeiro. Era ele que indicaria a todos o caminho dos céusô (LIRA NETO, 2009: 69). Por meio dos anúncios da beata, ocorre a construção sociocultural do mundo que consolida Juazeiro do Norte como um centro do universo sagrado, no qual se constitui uma dimensão religiosa. Para os romeiros, aqui se reproduz o evangelho de Jesus no Monte de Oliveiras, pelo Padre Cícero na Colina do Horto. Paul Little (2004) chama de cosmografia a territorialidade definida ócomo os saberes ambientais, ideologias e identidades ñ coletivamente criados e historicamente situados ñ que um grupo social utiliza para estabelecer e manter seu territórioô (2004: 254). Esta cosmografia de grupo é constituída por uma gestão territorial, a relação entre os vínculos afetivos mantidos nesta territorialidade, a construção sócio-histórica da ocupação do espaço presente na memória coletiva, o uso social e a defesa deste espaço. (LITTLE, 2004:254).

Esta cosmografia prenuncia que o caminho citado pela beata seria o próprio Juazeiro que ðem se tornado uma nova Jerusalém pela romaria dos povos vizinhosô (LIRA NETO, 2009: 70), ou também Canaã, Terra Santa, Céu na Terra, Terra Prometida, Terra da Mãe de Deus, Terra do Padre Cícero, certamente estudiosos das romarias juazeirenses acabam por se referir à cidade desta forma, todavia, estas são algumas formas que os romeiros ainda hoje se remetem à cidade e basta andar pelas ruas de Juazeiro em meio a algum fluxo romeiro que estas denominações serão ouvidas. Para fixar ainda mais a ideia de lugar sagrado, a beata recebe a seguinte informação de Jesus óQuero fazer deste lugar, Juazeiro, um

chamado para a salvação dos homens. É este um esforço de amor do meu coração (LIRA NETO, 2009: 71). Este espaço santificado é construído³⁰ por meio das crenças destes discursos, fenômenos extraordinários e nas experiências vividas por quem presenciou o milagre de algum modo. As experiências com o sagrado, por meio da subjetividade e misticismo, partilhadas comunitariamente explicam a cosmologia romeira (CAMURÇA, 201:755). O Padre Cícero, após o ocorrido, passa a ser o santo benfazejo do Caririô (LIRA NETO, 2009: 75) aos crentes nos acontecimentos locais. Mais que um mediador entre Jesus e a beata, ele vira o padrinho dos necessitados e passa a ser chamado de Padrinho Padre Cícero.

É importante debater aqui as contribuições de Azzi³¹ (1988) que discute sobre a importância de entender as diferenças entre o catolicismo romanizado e o catolicismo luso-brasileiro, distinção que tem importância significativa na constituição do movimento religioso em Juazeiro. Segundo esse autor, Juazeiro é o único grande santuário de devoção que se estabelece a partir do período republicano com características populares.

As romarias ao Juazeiro representam uma forte reação popular ao esforço de dominação dos clérigos letrados e, sobretudo, uma ressignificação dos valores do catolicismo romanizado, adequando-os às exigências religiosas das camadas populares, profundamente marcadas por uma cosmovisão sagrada. Assim, ao invés de ter como centro de devoção o ato da eucaristia e seu significado, como pregava o catolicismo romanizado, as pessoas valorizaram mais as figuras do padre e da beata, bem como as hóstias e os panos tingidos de sangue, e tomaram-nos como figuras de devoção característica típica do catolicismo luso-brasileiro.

Dessa forma, Juazeiro passa a ser constituir como um centro de romarias, para onde muitas pessoas, especialmente as de classes menos abastadas, se deslocam, em busca de contato com o sagrado. “[Joazeiro] foi inundado de peregrinos que lá iam em busca de remédios para os seus males temporais. Muitos

³⁰ “[...] tudo começou, não em uma reunião de alguma irmandade rebelde ou alguma confraria de beatos pouco ortodoxa, mas sim em uma reunião do Apostolado da Oração que, como bem frisou o pe. Cícero em carta a D. Joaquim, acontecia conforme o regulamento. Em plena celebração da primeira sexta-feira de março de 1889, quando os membros do Apostolado, depois de uma noite de vigília penitencial onde todos se preparavam, pela confissão sacramental, para receberem a comunhão reparadora pelos pecados cometidos contra o Sagrado Coração de Jesus, a primeira pessoa que recebe a hóstia é surpreendida pela transformação da mesma em sangue” (REIS, 2004: 36)

³¹ Não utilizo este autor para problematizar a discussão desta pesquisa, mas acredito que o seu trabalho possui importância para pensarmos as romarias de Juazeiro em seu contexto histórico. Para termos analíticos utilizo a perspectiva do *catolicismo concêntrico* de Mísia Reesink (2013).

iam fazer promessa, outros para pagar promessas anteriormente feitas.ô (DELLA CAVA, 1976, p.68):

Deus escolhera Joaseiro para ser o centro de onde converteria os pecadores e salvaria a humanidade. A prova da missão divina do arraial estava nasavas infundáveis de romeiros que chegavam a Joaseiro. Aí, maçons brasileiros e protestantes buscavam a absolvição e retomavam à Igreja. Saravam-se os enfermos e os fiéis refortaleciam a sua fé. Ao partir de volta, os romeiros levavam consigo um talismã, uma fita ou um pedaço de fazenda que tinham sido esfregados nos vidros da redoma onde se guardavam os panos e as toalhas do altar manchados de vermelho pelo que se acreditava ser o Precioso Sangue de Cristo. (IDEM, 1976, p.51)

Hoje, o tempo das romarias transforma os espaços e os ritmos da cidade de Juazeiro, pois traz todos os anos um grande contingente de visitantes. Os romeiros encontram, ao chegar, diversos cenários artificiais capazes de despertar seus imaginários, tais como a estátua do Padre Cícero, praças, inúmeras igrejas e monumentos. E, ao longo dos anos, o fenômeno tem sofrido influência de instituições não-religiosas que ocasionam uma aproximação da romaria com o fenômeno do turismo:

Numa época em que o turismo é visto como atividade promotora do desenvolvimento e gerador de um grande número de empregos diretos e indiretos, as romarias, por apresentar demandas semelhantes ao turismo são bem vindas e os deslocamentos de pessoas são desejáveis nas comunidades de destino que, do ponto de vista empresarial e governamental procuram beneficiar-se desses eventos. (CORDEIRO, 2009: 4)

Portanto, é importante localizarmos a romaria não apenas sob um único ponto de vista: o da religiosidade, mas tentar entender que, assim como outras realidades, a romaria também se relaciona com as atualizações consequentes da modernidade (BAUMAN, 2001). Se para o romeiro as suas viagens nada tem a ver com o aspecto turístico, ainda que suas práticas se assemelhem as do turista, eles são interpretados por instituições estatais e empresariais como viajante de turismo. São duas percepções opostas resultantes de experiências e, por conseguinte, visões díspares do fenômeno. Até porque as romarias podem ser consideradas um fenômeno social total ao pensamento de Marcel Mauss (2003). No evento romeiro

há uma infinidade de fatos complexos que estão intrincados. Nele emergem as dimensões religiosas, econômicas, morais, jurídicas, entre outras, simultaneamente.

3.2 CAMINHADAS PELA CIDADE DE JUAZEIRO E SUA ROMARIA EM NOVOS CONTORNOS

Caminhar pelas ruas em Juazeiro do Norte durante o período de 28 de outubro a 02 de novembro é uma tarefa complicada. Difícil mesmo é não perceber o imenso fluxo de pessoas nas ruas e calçadas. São centenas de ônibus, mini-vans, carros de passeio e caminhões pau-de-arara chegando a todo instante, especialmente no centro da cidade, se dirigindo a pousadas, hotéis, ranchos e residências domiciliares. Há pessoas carregando suas malas pelas calçadas, a fim de se alojarem logo nas hospedagens, para em seguida tomarem as ruas de Juazeiro. É tempo de romaria.

Os festejos de Finados, no qual romeiros de todas as partes da região Nordeste se deslocam para essa cidade do Cariri cearense, se caracteriza como sendo a romaria com maior número de visitantes, ou a mais forte, como diria uma ambulante que vende seus produtos nas romarias de Juazeiro. Uma semana antes já se observa a cidade se modificando para receber tantos visitantes: as pousadas e ranchos para romeiros fazem pequenas reformas nas suas estruturas; as lojas do comércio enfeitam suas fachadas com imagens do Padre Cícero, algumas colocam até mesmo altares com santos; barracas são montadas no entorno das igrejas, das praças e nas demais localidades que estão dentro do chamado roteiro da fé³²; na Igreja Matriz já estão hasteadas as nove bandeiras de cada estado da região Nordeste; artistas de rua e grupos circenses³³ de outras cidades também se deslocam para Juazeiro a fim de vender suas produções musicais ou ganhar algum dinheiro diante dessa grandiosa plateia que se aproxima: os romeiros. E, quando

³² Este roteiro não é o atual proposto recentemente pela parceria entre governo municipal e estadual, ele compreende as Igrejas, os museus relacionados ao Pe. Cícero e a serra do Horto, onde se localiza a estátua do **Padrinho**. Estas localidades compõem o percurso obrigatório de qualquer romeiro, de acordo com os seus discursos.

³³ São comuns os grupos tradicionais como as lapinhas, os reisados (cearense) e as bandas cabaçais, que fazem cortejos nas ruas; existem também trios de forró *pé-de-serra*, grupos de palhaços e de ciganas; são frequentes também os grupos de música que entoam ritmos caribenhos ou andinos, que se misturam aos ritmos locais, tais como o forró estilizado e que comumente convidam seu público para dançar junto deles; há ainda as duplas de improviso, geralmente acompanhadas por violões ou pandeiros, que improvisam piadas relacionadas ao cotidiano, sem perderem a rima.

chega o período de romarias, as praças, esquinas, calçadas e ruas transformam-se em verdadeiros palcos para esses artistas.

Certeau (2009) compara o ato de caminhar pela cidade, com o ato de enunciação de uma linguagem: assim como ato da palavra seria uma realização sonora da língua, andar pelo espaço urbano é se apropriar espacialmente do lugar, dando a ele outros sentidos e conotações. Os diversos sujeitos que constituem a romaria (romeiros, Igreja, artistas, comerciantes, moradores) redesenham uma nova cidade, a partir de suas ações. Os espaços de sociabilidade de Juazeiro (praças, ruas, calçadas, etc.) deixam de ser apenas locais de passagem das pessoas, para serem formados agora por este cenário de multiplicidade. Mais do que isso, eles redesenham a própria ideia de romaria, pois essa prática diferenciada do espaço suprime a simples representação geográfica, para se consolidar em percursos que escrevem um novo texto urbano: romaria passa a também ser festa, aventura, encontro com o outro, folga, passeio e lazer.

Os romeiros, ao chegarem à Terra do Padre Cícero, ou na Terra da Mãe de Deus, como é chamado o Juazeiro, encontram hoje um cenário que ultrapassa o roteiro da fé e da busca pelo sagrado envolta numa dimensão de sacrifício. Existem as missas que são celebradas, procissões, visitas ao túmulo do Padre Cícero; diversos rituais de penitência, ou promessas que são pagas. Entretanto, à parte disso, as romarias se estendem a um campo imerso em situações em que o lazer é o ponto fulcral das motivações dos romeiros, que é justamente aproveitar a romaria em um sentido de diversão, num quadro que parece envolver ao mesmo tempo participação e espetáculo, imersão e externalidade (STEIL, 2003).

Este ato de aproveitar a romaria que envolve tanto as dimensões sagradas, quanto as profanas emergidas em Juazeiro, pode ser melhor compreendido se pensado a partir do tempo liminar de Victor Turner (1974). A liminaridade compreende um lugar e um tempo de afastamento da estrutura social cotidiana, em que as regras ordinárias são temporariamente suspensas. Ou seja, o tempo liminar é um tipo de retiro baseado em normas extraordinárias. Durante os eventos romeiros é neste tempo e local que os peregrinos se encontram. A eles são ofertadas programações litúrgicas pelas paróquias, lúdicas por grupos católicos, de diversão por comerciantes e secretarias municipais. Os romeiros em suas práticas desfrutam de tudo o que lhe é oferecido, porquanto não se encontram em seus cotidianos, mas

sim em uma contraestrutura que influenciada por outras normas, legitima um evento que em situação ordinária não seria concebível.

A música é um bom exemplo para pensarmos este tempo liminar, em razão de várias situações. A primeira, com caráter institucional, consiste no convite da diocese à Comunidade Católica Shalom para apresentações durante estes períodos na Praça Padre Cícero, a fim de ocupar o tempo dos romeiros fora das igrejas. Embora a Shalom seja convidada, muitas pessoas que trabalham nas paróquias admitem desaprovar os trabalhos voltados ao lúdico, porém é uma situação oportuna e extraordinária e isto legitima as atividades em sua programação. A segunda são as serestas na Praça do Romeiro que reproduzem canções famosas da atualidade, muitas vezes com letras ambíguas que remetem a sexualidade. As pré-noções do tipo ideal de romeiro, leva ao entendimento de que este sujeito está num ambiente religioso e por isso deva apenas rezar, se purificar das coisas do mundo. No entanto, os seresteiros também tem público garantido todas às noites e ele vem da romaria. Pensar isto com um olhar de fora leva ao julgamento de que esta é uma atividade profana, mas devido a este momento que se encontram, irão integraro sentido sagrado que legitimam este comportamento. É desta forma que reafirmam a lógica de que o Juazeiro é uma terra sagrada e permite incorporar as suas atividades tudo o que lhe é oferecido, ou seja, este contexto produz práticas romeiras englobantes.

3.3 AS ROMARIAS DE NOSSA SENHORA DAS DORES (11 A 15 DE SETEMBRO) E DE FINADOS (29 DE OUTUBRO A 02 DE NOVEMBRO)

Nota-se que, logo no início de setembro, é possível observar uma já notória modificação no espaço urbano de Juazeiro, a fim de receber a romaria; essa modificação foi observada especialmente no entorno das Igrejas Matriz e do Socorro e aumentam à medida que se aproxima a romaria, por volta do dia 10 e 11 de setembro e invocam uma lógica direcionada ao consumo e ao lazer. São barracas de venda dos mais variados produtos (não apenas de conteúdo religioso) e espaços como praças e ruas incrementados pelas mais diversas atrações como artistas de rua, violeiros, grupos musicais, artesãos; e serviços quiosques de bebidas, de comida e brinquedos.

Um parque de diversões foi montado no terreno por trás da Basílica, e foi rodeado por quiosques e bares, sempre cheios. Esses espaços de sociabilidade, em especial a Praça Padre Cícero, em condições rotineiras, ou seja, em períodos fora da romaria, são apenas espaços em que as pessoas transitam. Durante o tempo da romaria o uso do espaço da cidade é modificado, deixando de ser uma mera representação geográfica para se consolidar em caminhadas que escrevem um texto urbano e dá outros sentidos ao espaço (CERTEAU, 1994). Esta lógica de organização espacial extraordinária nos remete a uma topografia liminar sob uma interpretação turneriana. Um simples local de passagem é transformado em uma casa de shows com vasta programação musical durante todos os dias de romaria. O cenário vazio é substituído por algo que remete a um festival de música, com apresentações em diversas partes da praça que localiza no coreto o seu palco e atrações principais.

Romaria passa a ser festa, aventura, encontro, folga, férias, lazer e passeio nessa retórica de percursos e sociabilidades. Salientamos que não são apenas bares, praças, ou parque de diversões que se constituem como espaços de lazer. É muito comum encontrarmos romeiros se dirigirem aos balneários, especialmente o Caldas, localizado no município de Barbalha. E isso fica claro com algumas falas de romeiros entrevistados, que ao citarem os principais locais visitados durante as romarias, o balneário é mencionado juntamente com a Praça Padre Cícero, as igrejas, os museus e o Horto³⁴.

Essas localidades acabam operando no sentido de se constituir como um espaço de memória, tanto para moradores como para romeiros. Nas romarias a praça aparece como um espaço de lazer. Ao frequentarem esses espaços, isso também se compõe como uma experiência de romaria. Existem elementos que estão disponíveis para o romeiro, enquanto oferta de entretenimento e possibilidades de diversão. Essas ofertas acabam por elencar tais elementos como aspectos que constituem a romaria, criando expectativas, esboçando o conteúdo dos eventos romeiros e fomentando essa dimensão festiva para muitos romeiros, que aproveitam outros aspectos da viagem e possivelmente tem papel importante no seu retorno ano após ano, principalmente entre os jovens.

³⁴ Em alguns momentos, nas falas dos romeiros, fica clara uma espécie de hierarquia entre os locais visitados, sendo as Igrejas e o Horto os mais importantes e primeiramente citados. Entretanto, em outros momentos não fica constatada hierarquia alguma, e locais como parque, balneário e praça são elencados como os espaços mais visitados, juntamente com os demais.

Assim como existem limites borrados entre práticas religiosas e as de lazer e consumo, isso também é observado no espaço físico da cidade de Juazeiro (ver Figura 1), em um dado momento durante o trabalho de campo, não tive como não me atentar aos sermões de alguns padres, se referindo às práticas romeiras. Enquanto eu observava e entrevistava alguns romeiros no parque (que nesse caso é mais do que um apanhado de brinquedos, pois converge também uma grande concentração de quiosques que vendem bebida alcoólica), consegui ouvi por alguns alto falantes o sermão de um padre que discorria justamente sobre as práticas de lazer durante a romaria, alertando os romeiros para se distanciar dessas condutas. A proximidade do parque de diversões ã bares - praças com as igrejas, permite que o espaço tenha uma organização bastante diversificada e com limites borrados, o que nos distancia de uma análise que considera uma dicotomia entre o espaço sagrado e o profano, existindo uma ruptura entre os dois (ELIADE, 1992 ROSENDAHL, 1998).

Ao ter mais contato com os romeiros, pude melhorar a compreensão sobre estes aspectos. Na verdade, não havia uma ausência de limites, o que ocorria era o englobamento pelas práticas romeiras de tudo o que era oferecido em Juazeiro. Ou melhor, elas incorporam estas ofertas à lógica romeira que tendem a tornar tudo potencialmente sagrado. Turner e Turner (2011), em seu livro sobre peregrinação na cultura cristã, advertem sobre dois importantes aspectos das práticas peregrinas. O primeiro é apreender o significado da contextualização, ou seja, as motivações que originaram a peregrinação e a consolidação por seus adoradores. O segundo é perceber que os símbolos e as imagens presentes nas experiências peregrinas são transmitidos de diversas maneiras, pois, são receptados pelos peregrinos também com diversidade.

3.4 TENSÃO ENTRE CLASSIFICAÇÕES: A ROMARIA E O TURISMO

Segundo Sanchis (2006), a realidade social e humana permite uma confluência de estruturas de vários níveis que se coadunam e se tencionam. Assim, para ele, a estrutura romeira além de se articular com a estrutura da religião, encontra também com outras dimensões, como a política e: “(...) a dimensão econômica, organizada e prazerosa, do turismo por si só não anula ou perverte necessariamente a estrutura romeira.” (p.95). Steil (2003) diz que as principais

diferenças entre romaria e turismo religioso residem no grau de imersão ou de externalidade que cada uma dessas experiências pode proporcionar: a primeira tende a ser vivida como uma busca pelo sagrado e o turismo religioso possui uma característica mais secular, sendo a experiência da romaria mais centrada na participação e o turismo mais associado ao espetáculo. Rosendahl (1998) considera essa perspectiva e afirma que o peregrino é um agente consumidor do sagrado e busca por um conforto espiritual, ao contrário do turista religioso, que é motivado pelo prazer, do lazer que a viagem lhe proporciona.

Nestas observações, o romeiro que vai ao Juazeiro relaciona a ideia de romaria tanto às práticas religiosas, como às práticas de lazer, o que dificulta um enquadramento em apenas uma perspectiva. Ser romeiro também está veiculado a uma busca do prazer proporcionado pelo turismo e pela ideia de espetáculo, contrariando a ideia clássica de romeiro que coloca o compromisso religioso acima de tudo. Entretanto, os romeiros, mesmo tendo práticas que se enquadram no que esses autores classificam enquanto turismo, eles não se veem como turistas. Em um primeiro momento, há o impulso de categorizar os que se encontram em contexto de lazer como turistas, ainda que cumpram suas obrigações. Entretanto, é interessante ouvir sobre em qual lugar, que estas pessoas que estão sendo classificadas, se percebem. Quem segue a lógica romeira, vai ao Juazeiro e sabe o primeiro a ser feito são as obrigações, para então aproveitar o que emerge neste centro que irradia o sagrado. Para um visitante do estado de Sergipe que se considera um romeiro e se encontra num barzinho em frente à Praça Padre Cícero, a romaria também é diversão:

Olha, eu acho muito bonito essa fé que as pessoas tem pelo Pe. Cícero. Esse pessoal que vem de caminhão... Você já viu? Eu admiro muito isso. (...) Olha, a gente de manhã, a gente tem uma obrigação de visitar o Horto, os museu, as missas... E de noite, é o que você está vendo, é a curtição mesmo! (...). A palavra certa não é obrigação, porque obrigação é fazer uma coisa obrigado, sem ser da nossa vontade... Eu não sei bem a palavra certa, mas é uma coisa que eu gosto de fazer também, além da curtição. A romaria já faz parte do circuito das férias...ô (Trecho de entrevista concedida por Edival de Itabaiana ã SE, em outubro de 2015)

Essa fala é apenas um exemplo de inúmeros outros discursos de romeiros que atribuem à romaria um caráter de diversão, que não exclui necessariamente uma dimensão religiosa. Uma ausência de limites é perceptível entre as práticas e

sentidos atribuídos às romarias, como acompanhar a missa sentado na Praça do Romeiro usufruindo dos serviços do quiosque que toca a música Caminhão de Rapariga cantada por Wesley Safadão & Garota Safada. Todavia, se indagado sobre a motivação de vir a Juazeiro, a resposta está ligada a fé, a sensação de espacialidade sagrada existente na cidade. A romaria, pois, parece ser um vácuo religioso (STEIL, 2003) que acomoda uma diversidade de significados e reflete uma multiplicidade de discursos.

3.5 MÚSICA PARA CATEQUIZAR

Estratégia já observada em cenário anterior nas práticas religiosas católicas é a catequização por meio da música. Facilmente encontrada na atualidade, foi usada durante a chegada dos jesuítas ao Brasil, como mediadora da aproximação com os índios. No século XVI chegaram ao Brasil alguns jesuítas com o intuito primordial de tornar dóceis³⁵ os indígenas³⁶, transformando-os em mão-de-obra para a corte portuguesa e adeptos do catolicismo.

A partir dessas questões, algumas coisas tiveram que ser reconfiguradas, para que a Igreja continuasse aumentando a quantidade de fiéis ao redor do mundo. Entre as transições e alterações ocorridas, devemos ressaltar o Concílio Vaticano II (CVII). Neste concílio, iniciado pelo Papa João XXII, foi esclarecido a situação da Igreja por meio da sociedade pós-moderna e, desta forma, foram propostas maneiras de atualização do catolicismo.

Dentre as propostas do Vaticano II encontravam-se: enfatizar a renovação litúrgica e bíblica, procurar novas relações entre a Igreja e a sociedade moderna e entre outras religiões, rever a função do leigo no mundo e na igreja, o que implicou na reorientação pessoal do fiel para um engajamento nas lutas sociais em nome do Evangelho e na sua participação dentro da estrutura institucional (CARRANZA, 2000, p. 7).

Alterações estabelecidas no modo em que aconteciam as missas foram realizadas, deixando de serem pronunciadas em latim, por exemplo. Sanchis (2006)

³⁵ *É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado* (FOUCAULT, 2000: 118).

³⁶ Esse processo de enquadramento comportamental dos índios foi executado pela Companhia de Jesus, criada em 1540 e com chegada ao território brasileiro em meados de 1549.

fala que nas instituições sociais são possibilitadas uma luta entre diversas estruturas que, ao mesmo tempo, se tencionam e se envolvem. Em consequência disto, as práticas religiosas dialogam com a estrutura oficial da religião e outras que não possuem vínculo com o sagrado.

3.6 SHALOM: A CHEGADA DO CARISMA

O Brasil, em 1950, que era visto como hegemonicamente católico, passa por uma transição em que apresenta transformações no cenário religioso. Neste período, há um avanço das igrejas pentecostais, o que inicia o processo de quebra do monopólio da igreja católica, fazendo-a reagir. As denominações pentecostais demonstram-se mais flexíveis quanto ao modo de evangelizar. Surge no Brasil o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina (MARIANO, 2010: 30), que foi difundido por meio do uso do rádio, locais de grande movimentação de pedestres, peças teatrais, entre outros meios. Estes métodos sedutores, inovadores e eficientes além de atrair fiéis e novos pastores, conseguiram chamar a atenção das classes econômicas mais baixas, como afirma Ricardo Mariano (2010: 30).

(...) a primeira onda é a pentecostal propriamente dita. Abrange as mais antigas denominações pentecostais, nomeadas de clássicas, criadas nas primeiras décadas do século. A segunda onda, iniciada no final dos anos 50 e começo dos 60, constitui o movimento de renovação carismática, denominado inicialmente de neopentecostal, termo abandonado no final da década de 70. Inclui as igrejas carismáticas independentes e os cristãos que aceitam os dons do Espírito Santo como válidos para os dias atuais, mas que permaneceram como grupos renovados organizados dentro de suas denominações não pentecostais (MARIANO, 2010: 28).

Por consequência do aumento de seguidores de outras religiões, o clero católico realiza algumas alterações em suas práticas. Em uma tentativa de se tornar mais atrativa não principalmente aos jovens não a fim manter os seus religiosos e também aumentar a quantidade de adeptos da religião. Como resultado do CVII, entre as décadas de 1980 e 1990, houve a difusão da Renovação Carismática Católica - RCC, porém, mesmo com grande aceitação do público, a Igreja Católica impunha restrições às suas práticas. Mas isto não impediu as tentativas de negociações entre a RCC e a Igreja. Por meio dessa renovação carismática, surgem derivações da RCC, que são denominadas Novas Comunidades (NC's). Ainda na

década de 1980, surge uma Nova Comunidade que se mantém firme até a atualidade: a Comunidade Católica Shalom. Concebida, inicialmente como uma lanchonete e livraria em que reunia jovens para conversarem sobre as palavras do Senhor, através da RCC e com os dons do Espírito Santo, perceberam que seu trabalho poderia ir mais além.

Praticamente todos os participantes daquele encontro inicial já haviam tido, em diferentes situações, algum contato com outros grupos religiosos, especialmente os pentecostais, e expressavam o desejo de experimentar a transformação que o Espírito Santo podia operar nas pessoas. Sentiam que o aprofundamento na vida espiritual não podia resultar simplesmente da ação humana, o que sempre deixaria cada um sentir-se como órfão invadido pelo vazio e pelo desânimo (PRANDI, 1998: 33).

Em 1982 é inaugurado o Centro Católico de Evangelização Shalom, em Fortaleza, com o intuito de evangelizar pessoas que não costumam participar de eventos católicos, especialmente os jovens. Percebendo o raio de alcance que a música possui, esta é utilizada como ferramenta de cooptação de fiéis pela Comunidade Católica Shalom, não como passa a ser denominada alguns anos depois. (AZEVEDO FILHO, 2006) A música foi percebida como instrumento poderoso pela Shalom e utilizada novamente como instrumento de atração dos fiéis. Mas dessa vez, foram mais ousados: modernizaram os arranjos das músicas litúrgicas, além de não ficarem satisfeitos com as já existentes, decidiram que deveriam aumentar o repertório musical católico por meio do seu carisma.

No entanto, a Igreja não aceitou facilmente a atuação das Novas Comunidades enquanto uma denominação católica. Um longo caminho foi percorrido, para que houvesse “(...) o reconhecimento canônico diocesano dos Estatutos da Comunidade com o status de Associação Privada de Fiéis, em caráter de *ad experimentum* por um período de 7 anos” (AZEVEDO FILHO, 2006: 171). Moisés, o idealizador da Shalom, recebe uma carta da Santa Sé, por meio do Pontifício Conselho para os Leigos - PCL, que informava a deliberação do reconhecimento da Comunidade Católica Shalom enquanto Associação Internacional Privada de Fiéis (AZEVEDO FILHO, 2006: 180).

Os Estatutos da Comunidade que foram reconhecidos pelo PCL possuem escritos sobre as experiências de todos os integrantes nos primeiros 15 anos de fundação. Ou seja, explicita o carisma da comunidade, que é o modo que os intuitos a

chegarem a suas reflexões, aprofundamentos e direcionamentos com o Espírito Santo. Em 2001, a Shalom chega a Juazeiro do Norte com a missão de auxiliar a Igreja Católica durante as romarias, de modo que ocupassem, primordialmente, os romeiros, sobretudo os jovens, dos espaços que acontecem as romarias. Como informa Paula França, a Ministra de Artes, o objetivo maior era garantir que o tempo livre (quando não estivessem em missas, procissões, etc) dos visitantes de Juazeiro fosse preenchido com atividades saudáveis e supervisionadas por alguma instituição católica. Como o carisma da Shalom é a música, assim foram iniciados os shows no coreto da Praça Padre Cícero. Sobre a atuação da comunidade:

Eu não sei se foi a primeira [romaria], mas faz 11 anos que nós estamos aqui [em Juazeiro do Norte]. Nós viemos pra cá...nós só vamos pra uma cidade quando o bispo pede que a gente vá. Então nós viemos pra cá a pedido do bispo, que antes não era Dom Fernando, né? A pedido do bispo para trabalhar só na romaria, né? E aí a gente foi trabalhando, aos poucos foi montando uma casa e os trabalhos foram aumentando, né? A romaria que só tinha em alguns períodos, nos outros, nós ficávamos alheios. E não era nosso objetivo ficar dessa forma. Então, a gente pegou uma casa, foi fazendo grupo de oração, foi fazendo acampamento para famílias, crianças, né? Até hoje nós chegamos assim. Aí hoje nós não trabalhamos somente na romaria. Tem o trabalho lá, junto com outras comunidades. Mas hoje nós temos outros trabalhos que o nosso principal objetivo é o jovem. Mas isso não tira as nossas outras formas de trabalho, de promoção humana³⁷ (Trecho de entrevista concedida por Paula França em 25 de maio de 2013).

Apesar do reconhecimento da Shalom pela Igreja Católica, os seus trabalhos durante algum tempo em Juazeiro se restringiram aos eventos romeiros, pois, ainda que tenham ido à cidade a pedido do bispo, fora deste contexto a Comunidade não era conveniente. Ainda hoje existem conflitos com membros da Igreja e certa resistência de alguns católicos com o modo de evangelizar da comunidade. No entanto, a Shalom conseguiu se aproximar da população por meio de seus trabalhos humanitários e isto a fortaleceu na região do Cariri cearense. Este fortalecimento resultou em melhores diálogos com a diocese e em melhorias na sua atuação nos eventos romeiros, sobretudo estruturais para as suas apresentações musicais. Não

³⁷ Ao compreender que todo ser humano tem em si uma dignidade, independente de sua classe social, geração, gênero, etc, a vida humana tem um valor inestimável. O trabalho de promoção humana visa o resgate da valorização dessa vida. Com isso, a Shalom exerce atividades com crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade social, jovens infratores, pessoas enfermas, moradoras de rua e dependentes de álcool e de outras drogas. (Mais informações em: <https://www.comshalom.org/festival-halleluya-conheca-o-trabalho-da-promocao-humana-shalom/>)

só a qualidade, também a quantidade da demanda por seus trabalhos de evangelização passou a ser cada vez maior. Além da influência sobre outras denominações religiosas, sobretudo católicas, a realizarem trabalhos evangelizadores por meio do lúdico. Paula prossegue falando sobre eventos e reconhecimento episcopal:

A gente faz eventos, Halleluya que é nosso maior evento, que durante um dia ele dá mais de 5.000 pessoas, que acontece durante 5 dias. O Halleluya ele dá todas as expressões de música, no Halleluya tudo se encontra. Ele acontece no meio do ano. Aí dá todo tipo de música: católica de todas as formas; artistas que a gente nunca vê, assim, sabe? De impressão de catolicismo, se apresentam lá; padres que cantam, né? E dá muita, muita gente! Aí acontece sempre em Fortaleza, aí a gente pega um ônibus de cada missão e leva. Aí fazem só 11 anos que estamos aqui. Então não sei dizer se somos as primeiras comunidades, mas, é, nós somos uma comunidade, que hoje, ela é reconhecida pelo papa como uma comunidade que realmente é autêntica, né, os modos de vivência. Estamos comemorando 30 anos. Há uns 3 dias atrás, estávamos em Roma, né, onde o Papa, ele reconheceu os nossos Estatutos definitivamente, né? Então, assim, é uma grande alegria que a gente está vivendo. E tudo que é nosso, foi reavaliado pelo Papa e viu que é tudo dentro do regimento da Igreja, inclusive as nossas próprias músicas, né? (Trecho de entrevista concedida por Paula França em 25 de maio de 2013).

O reconhecimento definitivo dos Estatutos da Comunidade incentivou ainda mais os trabalhos com jovens em situações de risco, a população em períodos ordinários. Atualmente, os trabalhos não se restringem aos períodos romeiros oficiais, mas sempre que há um fluxo de visitantes na cidade, os membros da Shalom se articulam para desenvolver o trabalho de evangelização. Além do uso de ritmos musicais animados, como a swingueira, pop-rock, axé, entre outros, eles também reconfiguram slogans famosos (Figura 4). Na figura abaixo estão três imagens que fazem menção a situações famosas. A primeira, a Virada Radical, é um trocadilho com o nome do evento Virada Cultural que ocorre em São Paulo. Trata-se de um retiro durante três dias a fim de reconectar-se com seu carisma, apresentar a comunidade a possíveis adeptos e compor novas músicas. Dentro da programação da Virada, ocorre o The Voice Shalom, um show de calouros em que as pessoas se inscrevem e concorrem enquanto cantores, a banda do Ministério de Música acompanha os cantores. Os outros dois cartazes evidenciam objetos da vida

moderna, mas representados de acordo com a atitude jovem. Ser santo de calça jeans e viver o lado santificado da vida são anseios dos que fazem a Comunidade.

Figura 4 - Cartazes da Shalom.



Fonte: Comunidade Shalom de Juazeiro do Norte.

3.7 FIRMES NA FÉ E ANIMADOS NA ESPERANÇA

Esta ousadia da Shalom, primeira Nova Comunidade a participar da romaria a convite do bispo, incentivou outras comunidades a desenvolverem seus trabalhos de evangelização com os romeiros e de usar músicas com ritmos animados para atrair a sua atenção. É o caso da Comunidade Javé Yiré que hoje também tem grande visibilidade nos eventos romeiros. Seu lema Firmes na fé e animados na esperança anuncia o seu carisma³⁸. Fruto do Novo Pentecostes da Igreja decorrente do Concílio Vaticano II³⁹, a Javé Yiré é a responsável pelo evento Point da

³⁸ Nosso Carisma é anunciar Jesus que restaura a fé do homem que se encontra encarcerado pela apostasia, depressão, ressentimento e outros males que tanto afetam a nossa sociedade. Nossa vocação é ser instrumento de fé, exercitando-a todos os dias para que através do nosso testemunho e missão os homens tenham uma experiência de amor e fé com Jesus Cristo. Nessa caminhada tomamos como exemplo São Paulo Apóstolo e Santa Teresinha do Menino Jesus que nos ajudam na subida do monte Javé-yiré com suas mística e espiritualidade.

³⁹ Ver mais em: <http://javeyire.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>

Ressurreição que ocorre no Domingo de Páscoa. Este ousado evento faz um percurso da Igreja dos Salesianos até o Franciscanos guiado por um trio elétrico e na sua chegada shows com bandas vindas de fora da cidade animam o resto do evento.

Após esta contextualização histórica do milagre fundante da cosmologia sagrada de Juazeiro que deu início às romarias e que, ao fazer o convite a uma NCô, tornou a temporada romeira ainda mais musical. Nos próximos capítulos analiso situações emergidas nos eventos romeiros que possuem a música como fator primordial. A música é um elemento que auxilia na compreensão da complexidade dos eventos de romaria. Mas quais seriam os limites de mediação da música? Em qual momento a música é um componente mediador e passa a fazer parte do conflito? As sequências musicais, no ponto de vista ritual, tanto na perspectiva diacrônica, quanto sincrônica, auxilia na sociabilidade na relação romeiro e Igreja.

4 PRÁTICAS ROMEIRAS E A SACRALIZAÇÃO LIMINAL

Este capítulo traz análises de situações cosmológicas emergidas nas romarias, a partir da lógica romeira que em meio aos seus discursos e também de alguns teóricos, evidenciam a sacralidade de Juazeiro. Neste contexto, ocorre a reflexão sobre as práticas romeiras englobarem a música sagrada juntamente com a profana, frente ao questionamento da facilidade em sacralizá-las. Deste modo, penso como e quando a música age a fim de complementar este processo, ao considerar que junto a ela é relevante à conjuntura etnográfica e a cosmologia das pessoas. Semelhante ao que percebeu Seeger (2015) nos rituais indígenas estudados por ele

Meu argumento é que, com seu cantar, os Kisêdjê criavam o espaço, o tempo e a pessoa, bem como introduziam e controlavam o poder das transformações. O canto era assim um modo importante de (r)estabelecimento do cosmos em sua ordem ‘correta’. A cantoria e as cerimônias traziam muitos dos aspectos do cosmos para a experiência pessoal direta. (...) Os cantos faziam com que os eventos que os mitos relatavam se tornassem reais para cada membro da sociedade. Os mitos descreviam transformações; nas cerimônias, as pessoas as experienciavam (SEEGER, 2015: 255).

Céu na Terra, Canaã, Terra Prometida, Terra Santa, estas são algumas denominações dadas pelos romeiros a Juazeiro do Norte que se referem a lugares sagrados em um passado distante. Esta produção simbólica do mundo é produzida por eles, por meio de representações de situações que remetem a contextos bíblicos, adequando as histórias a sua realidade (CAMPOS, 2013: 55).

A gente sai de casa em romaria para Juazeiro. Qualquer sacrifício vale para vim à Terra Santa. Quer dizer, vim para cá, não é sacrifício nenhum. Sacrifício é uma coisa ruim, tem a ver com algo que não é bom, né? Então, ser romeiro não envolve sacrifício, porque aqui é como se fosse um lugar santo e isso só traz alegria. Não tem como algo que é só alegria ter sacrifício. Não é mesmo? Então é assim, Juazeiro é a terra abençoada pelo Padim, de um jeito que eu não sei dizer como, parece que tudo que tem aqui é assim também. Porque se o lugar tem a benção dele, é tudo abençoado (Conversa informal com Marinete, novembro de 2016).

Marinete, jovem senhora de Surubim ã PE, reproduz um discurso que eu ouço desde criança por parentes e amigos da minha família que moravam em outras

localidades e nos visitavam em tempos romeiros, às vezes, chegando a se hospedar em minha casa. Apesar de o discurso ser comum, eu não o compreendia. Católica de batismo, desde criança me interessei por religião, mas nunca fui adepta de nenhuma. Ainda fiz a primeira comunhão a pedido de minha mãe e iniciei os estudos da crisma, mas não concluí. Nunca vi muito sentido nas crenças religiosas, muito menos gostava da história da Igreja Católica, mas havia uma vontade de compreender aquelas coisas que eu não sabia sentir. Enquanto os visitantes da minha casa se admiravam com Juazeiro e toda a sua sacralização liminal, eu só conseguia reproduzir o bairrismo decorrente da rivalidade entre o Crato e a sua cidade vizinha, a Terra Santa. Por mais que eu tentasse, não conseguia alcançar as motivações das pessoas viajarem por mais de dez horas em carros desconfortáveis, sem segurança para ir a Juazeiro, olhar uma estátua e ir à missa. Isso era algo inconcebível em meus pensamentos. Desta forma, o que quero dizer, é que, até então, a viagem de romaria era percebida como um enorme sacrifício sem sentido. E por meio de diálogos com Marinetes e Cíceros, eu pude começar a compreender um pouco deste enorme sentido que compõe a cosmologia sagrada de Juazeiro.

Eu tenho 53 anos e desde que eu me entendo de gente, todo ano eu venho para a romaria. Eu moro em Novo Horizonte, São Paulo, longe, é muito longe. Mas eu venho de ônibus, eu não venho de pau de arara não, viu. O povo diz para vim de avião, mas eu não gosto. Eu prefiro vim de ônibus, parando na cidade, olhando a cidade. É bom que eu vou passeando, conhecendo lugar. Como eu sou acostumado, capaz de eu viajar de avião e mudar a minha romaria. Melhor continuar no ônibus mesmo. Eu venho todo ano nas minhas férias. Eu sou Cícero em homenagem ao padrinho, foi a minha mãe que colocou meu nome em homenagem a ele. A gente mora lá, mas os meus pais são daqui, e eles me apresentaram a história do padrinho, a história de Juazeiro. E eu sempre tive muita fé nele, do mesmo jeito que meus pais. Diante de tanta coisa que a gente vê no sertão brasileiro, a gente chega em Juazeiro e sempre está muito bom. A gente nunca vê escassez aqui, esse negócio de ficar assim aqui, não tem não. É porque aqui a terra abençoada, essas coisas não chega aqui, o padrinho não deixa. Isso não quer dizer que ele deixa em outro lugar. É porque ele tá aqui, então ele abençoa aqui. Mas quem vem para cá, pedir a bênção a ele, leva a bênção para o seu lugar. É assim que acontece, porque o único lugar que pode ser sagrado, é esse. Mas como ele é poderoso ele ajuda quem pede a ele e espalha essas bênçãos. (Conversa informal com Cícero, setembro de 2016).

Victor Turner (1974) em seu livro *O Processo Ritual*, analisou o rito de passagem, enquanto agente de manutenção e sustentação da estrutura social. Os

ritos de passagem são caracterizados por resultarem em alteração de estado do indivíduo que a este rito fora submetido, ocorrendo mudanças na localização da estrutura social que este indivíduo ocupava que ascende hierarquicamente e simbolicamente o seu status social. Para os romeiros, as viagens de romaria, além de deixa-los em contato com o sagrado, também agregam capital simbólico a eles. É dito com muito orgulho a quantidade de romarias que presenciaram. Tal rito de passagem ocorre com um distanciamento, os romeiros fazem os seus percursos e durante isto, há uma suspensão dos indivíduos e dos seus lugares sociais, não são mais agricultores ou médicos, professores ou donas de casa, neste momento, são todos devotos do Padre Cícero. Ou como afirma Steil átrata-se de uma jornada que os retira de seu ambiente social e de seu lócus geográfico e os segrega espacialmente por um determinado tempo (STEIL, 1996: 90). Isto configura a manutenção da romaria, os indivíduos despem-se de qualquer status a eles conferidos, para entrar num processo liminar (suspensão), em que ele, além de não estarem localizados em suas estruturas sociais (cotidiano), também estarão postos em condição de igualdade com os demais participantes. Esta situação é exemplificada com a fala de Paulo:

Quando a gente vem para o Juazeiro, eu não sei explicar a você direito o que acontece. Mas, assim, parece que aqui é um lugar de fora do mundo, sabe? Não sei explicar, mas aqui é como se o tempo não passasse, como se não tivesse nada além da romaria em Juazeiro. A Romaria é isso! É como se fosse uma coisa muito sagrada que eu não sei explicar muito bem a você. O que eu digo, aliás, o que eu sinto, eu sei que o que eu sinto é muito forte e eu acho que todo mundo que vem para Juazeiro, sente a mesma coisa. Todo mundo aqui é romeiro, devoto, não é outra coisa. O que traz aqui é essa coisa que existe entre a gente que todo mundo sente. Uma coisa que é diferente de tudo. Aqui a gente se sente muito bem, muito feliz, em paz com tudo. É como se não tivesse tendo guerra, como se não tivesse fome no mundo, como se tivesse tudo maravilhoso. Aqui é maravilhoso, é como se fosse fora da terra. Não é à toa que a gente diz que aqui é o Céu na Terra, porque é o céu na terra mesmo, não tem outro lugar igual no mundo não. Esse é um lugar abençoado! (Conversa informal com Paulo, novembro de 2016).

Turner (1974) entende que o ritual só acontece quando esta liminaridade ocorre, ou seja, existe uma ambiguidade condicionante que temporariamente desconecta as pessoas de seus lugares sociais. Em suas palavras óAs entidades liminares não se situam nem aqui nem lá; estão no meio e entre as posições

atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais (TURNER, 1974:117) Seguindo este pensamento, uma consequência possível e observada nestes eventos é a de fortalecimento do grupo destas pessoas que se encontram na situação liminar. Pois, ao despirem-se de qualquer status a ele conferido, não existem mais classificações que os separem por conta de capitais simbólicos⁴⁰. A ausência de diferenciação entre as pessoas liminares aumenta ainda mais a união, o vínculo estabelecido pela partilha das mesmas intenções e vivências do grupo. Esta comunhão é denominada *communitas* por Turner (1974) e é observada tanto nas práticas, quanto nos discursos romeiros.

Gilberto Velho (2003: 14) não fala em *communitas*, mas faz uma análise de uma situação (Ver VELHO, 2003: 16-17), que ao meu entendimento as duas leituras se assemelham. O autor acredita que a característica marcante das sociedades complexas consiste na possibilidade de, apesar dos diversos estilos de vidas e crenças existentes, em determinados momentos, pessoas se organizam em grupos sustentados pelo compartilhamento de valores e credos, ainda que momentaneamente. Velho (2003), no entanto, observa uma cena em ambiente metropolitano com suas características comuns: o anonimato, o barulho, a correria, a atitude blasé, a inquietação. Ainda que a metrópole seja, habitualmente, caracterizada desta maneira, em algum instante, emerge um acontecimento que produz interesse coletivo. As pessoas que ao notarem e se interessarem, irão focar na vivência e compreensão do ato que prendeu o foco delas e, com isso, compartilhar um interesse coletivo. O mais relevante para a dimensão cultural do episódio é a identificação de uma linguagem, expressão de uma rede de significados nos termos de Geertz (VELHO, 2003: 14).

Apesar de Juazeiro não ser uma grande metrópole, o deslocamento de pessoas de diferentes lugares é vasto, principalmente em período de romaria. Este enorme trânsito de pessoas também gera o anonimato, como cita Velho nas regiões metropolitanas. Muitas pessoas não se veem novamente ou até podem se rever um ano após, como é o caso de algumas que trocam números de telefone e combinam de se encontrar todos os anos. Mas isto é uma exceção. As amizades que surgem em decorrência da viagem, nem sempre se sustentam, pois, algumas pessoas

⁴⁰ O capital simbólico ã outro nome da distinção ã não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio (BOURDIEU, 2003: 145).

chegam ou partem da cidade em dias diferentes, mudando toda a programação que deve ser feita, isto dificulta o contato com seus pares. Além do fluxo de pessoas chegando e indo embora não parar.

Quando a gente sai de casa e entra no ônibus, tem gente de Bananeiras (PB) que eu nunca nem vi. Mas é como se na mesma hora todo mundo já fosse amigo de muito tempo, porque todo mundo está vindo fazer a mesma coisa. Todo mundo vem pelo Padrinho. Então isso deixa a gente à vontade um com o outro. Às vezes, a gente continua amigo, se encontra na missa, vai conversar, mas, às vezes não. Mas o importante é isso de se sentir a vontade. Se fosse em outra viagem, acho que isso não acontecia, mas como é uma viagem importante, uma romaria, todo mundo sente a mesma coisa, aí todo mundo entra em comunhão para adorar o Padrinho. (Conversa informal com Francisco José, setembro de 2016).

Semelhante ao que Velho (2003) percebeu na situação por ele analisada, nos eventos de romaria, os participantes também suspendem suas atividades cotidianas por alguns dias a fim de compartilhar do mesmo interesse. Esta vontade de estarem em comunhão com o Padrinho em sua terra, faz com que, ao possuírem o mesmo foco, venham a interagir a partir da mesma compreensão. Embora haja comportamentos distintos, a presença do respeito mútuo parece ser constante. A dinâmica da romaria com a sua diversidade de geração, de gênero e de diferentes modos de aproximação com o aspecto religioso, resulta na criação de normas para as atividades, excluindo as práticas que em um primeiro momento podem parecer inadequadas ao contexto, devido serem muito lúdicas. No entanto, entre os discursos, percebe-se um esforço de compreender que o tipo ideal de romeiro é inalcançável e que cada pessoa agirá de acordo com as suas limitações. Diante disto, enquanto alguns levam muito a sério as práticas romeiras, vigiam todas as suas atitudes para que não caiam na tentação e se aproximem o máximo possível deste perfil idealizado, como o paraibano de Conceição, Jorge:

Você já ouviu aquela música que diz assim 'Cuidado romeiro para não vacilar, pede força a Jesus Cristo nesse teu caminhar'? Todo dia ela toca na missa, todo dia. Tem gente que sai da missa e vai beber. Olhe, eu já vi foi gente na missa e bebendo cerveja. Assim, tem gente que vem pra cá é o único descanso da vida, aí aproveita esse contato com Deus, com o Padrinho e faz essas coisas também. Eu não posso julgar, só Deus pode, né? Mas fazer isso, eu não faço. Eu acho que deve ser errado. Eu prefiro fazer as coisas corretas como diz o padre. Mas se essa pessoa só pode vim se for desse jeito,

então melhor que venha e beba sua cerveja quietinho, do que estar caçando confusão no meio do mundo. Cada pessoa faz o que sente vontade, né? (Conversa informal com Jorge, setembro de 2016).

Em contrapartida ao entendimento de Jorge, Cícero, baiano vindo de Jequié, afirma:

Faz 27 anos que eu venho para romaria, essa é a vigésima sétima vez que eu venho para cá sem parar, nunca deixei de seguir um ano. Então os 27 anos que venho, eu faço as mesmas coisas. Eu vou para romaria, faço tudo que tem que fazer, não deixo de fazer uma coisa. Mas eu aproveito a cidade também. Mas eu não deixo de fazer uma coisa que tem que fazer na romaria. Eu vou para o balneário, eu vou em algum lugar à noite, num barzinho, em algum lugar. Mas eu faço o que tem que fazer na romaria, de manhãzinha cedo eu já estou acordado. Vou para missa, a programação da romaria que tiver eu sigo. Vou para todas as missas, vou para procissão, vou ver o meu padrinho e agradecer no Horto, cumpro a minha promessa. Deu dia 20, eu estou de preto em homenagem ao padrinho. Nunca passei o dia 20 sem estar de preto. Há 23 anos, todo dia 20, eu visto preto (Conversa informal com Cícero, fevereiro de 2016).

Apesar das diferentes formas de se aproximar do religioso e das atividades realizadas nas romarias, entre elas as que Jorge acredita ser errada, como o uso de bebidas alcoólicas, por exemplo, existe na programação que deve ser cumprida para ser romeiro. O Roteiro da Fé, que antes era só uma denominação dos visitantes de Juazeiro para o trajeto que eles percorriam, seguindo os passos dos romeiros mais antigos, inclui todos os compromissos romeiros. Turner (2008) ao estudar as *communitas* no drama social, informa que além da união instaurada nesta antiestrutura, os participantes partilham de liberdade, mas com determinadas atividades a realizar e se preparar ao retorno social. Descer do transporte e ir direto à Igreja Matriz agradecer a viagem e pedir bênçãos, assistir todas as missas, ir para as procissões, cumprir promessas, visitar o Padrinho em seus museus e subir o horto, esta é a programação indicada aos romeiros. Com todos estes compromissos cumpridos, alguns romeiros sentem-se a vontade para realizar outras atividades. Aliás, algumas já fazem parte da programação romeira, apesar de não estarem no roteiro, como é o caso da ida ao Balneário Termas do Caldas, como continua a informar Cícero:

Agora, claro que eu faço essas outras coisas também. No balneário, pelo menos toda vida quando eu venho, eu vou uma vez, quando a

gente organiza a viagem, já está incluído o ônibus ir um dia com a gente para o Caldas. É muito bom! A gente se organiza vai para o Caldas, toma umas cervejinha, mas nada demais, só um pouquinho para aproveitar e entrar no clima, aqui também é diversão. Mas eu faço todas as coisas, mas isso não deixa de fazer minha romaria uma coisa especial. Ela é muito importante e eu faço tudo e assim não tem nada demais nisso, porque eu estou na romaria. Então se fizer todas as coisas da romaria, isso não tem nada demais, a benção acontece e continua acontecendo o tempo todo. Não só de eu tomar uma cerveja que vai tirar a validade da minha benção, da minha romaria. O Padrinho sabe, o padre me abençoa desse mesmo jeito. Ele sabe que a gente não é santo, mas a questão é que ele é santo e ele abençoou a gente. Então tomar cerveja aqui tem problema nenhum, ouvir um forró aqui não tem problema nenhum, até porque quando eu for fazer isso ali no Bar do Macarrão, que é em frente à igreja, é na Praça do Romeiro. Então, de todo modo, é uma coisa que é na praça que é para o romeiro. A gente faz isso, o Padrinho sabe, o Padrinho aceita e ele continua ajudando a gente. A questão é que a gente faz isso, mas em Juazeiro não tem problema. Se brincar a cerveja também é benta. (risos) Falando sério, sem brincadeiras, quando eu digo que a gente bebe, é socialmente, só um pouquinho. Mas entenda, o cidadão é abençoado, aí a pessoa festeja, porque é muita benção, não tem como não festejar. Não é para se embriagar, só para festejar e agradecer (Conversa informal com Cícero, fevereiro de 2016).

A partir das falas dos interlocutores desta pesquisa se compõe o cenário cosmológico juazeirense, uma vez que esta espacialidade e temporada de romaria são percebidas como um lócus sagrado. Para Van Velsen as normas e regras gerais de conduta são traduzidas em prática (1987: 355). As práticas romeiras são englobantes, ou seja, elas abrangem as ofertas localizadas no campo. Desde o entretenimento até as coisas corretas, como se referiu Jorge às práticas orientadas pelo padre, não interessa qual é a fonte, os dados indicam que, independente das denominações, do tipo de cristianismo, ou de quem faz a música, os romeiros tendem, de um modo ou de outro, acabar por considerar sagrado o que acontece durante esta temporalidade. Portanto, esta cosmologia faz de Juazeiro um pólo sagrado. Assim sendo, a diversão passa a ser um importante aspecto constituinte das práticas romeiras, sendo interpretadas sob o olhar de quem está em um lugar que é santo e abençoa tudo que por ele é tocado.

A música foi o que despertou o meu interesse para refletir acerca deste sagrado que se localiza nos mais variados e inusitados lugares juazeirenses. Perceber Juazeiro como uma festa, contribuiu nesta reflexão.

Eu acho que essa Praça Padre Cícero é um bom exemplo do que é romaria. Isso é você sair de casa no ônibus com alegria, vim cantando, as música que todos sabem de tudo e a gente canta na viagem. Chega aqui, se divertir muito. Se diverte com Padrinho, faz muita foto, canta mais, aí você chega aqui, olha, aí você passa aqui a energia da romaria. Estar aqui parece à festa do coração, a festa do céu na terra. Porque você chegar aqui, é muita benção. Para onde você olha, é muita benção. Todo mundo que está aqui, foi abençoado. Imagina o tanto de bênção que tem e a gente volta para agradecer as bênções, e toda vida que a gente volta para agradecer as bênções, as benção se multiplica. Porque a gente ama o Padrinho, o Padrinho ama a gente. E acaba que Juazeiro ama a gente também, porque Juazeiro é o Padrinho. É como se essas bênções todas, não sei, tá em todo mundo. Chega em Juazeiro, é benção. Aí a gente só pode olhar para essa cidade, para essa terra ali ó (aponta em direção à estátua no horto) com muita gratidão. Aí é isso mesmo, essa festa aqui nessa praça tem umas pessoas que são mais assim... que não acha legal não. Tem que olhar assim isso, quem acha diferente, que essas coisas estão muito animadas para ser da igreja. Essas pessoas ainda não entenderam o que é a igreja, não entenderam a romaria. Essa felicidade é porque todo mundo aqui foi abençoado, então todo mundo está feliz, está grato. Então é isso mesmo e eu acho que aqui é um ótimo exemplo para dizer, porque você olha e tem gente rezando, vê gente muito feliz agradecendo, fazendo isso com felicidade, cantando, dançando, porque romaria é isso. Porque Juazeiro é festa (Conversa informal com Aparecida, setembro de 2016).

Dona Aparecida traz em sua fala a festa que é a romaria, é a Festa do Céu na Terra. Enquanto algumas pessoas ainda resistem aos aspectos que fogem do sofrimento puro nestas festividades, outras evidenciam a felicidade que é estar em contato com o divino por meio dos milagres de Padre Cícero, Mãe das Dores, Mãe das Candeias e da Beata Maria Araújo. Para dialogar com esta fala, Durkheim (1968) discorre sobre os aspectos festivos da religião que elucidam a dimensão estética e recreativa nela presente.

(...) toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características da cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Pode-se observar também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital, etc. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade

violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples divertimento, os corroborei profanos não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo, a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados (DURKHEIM, 1968: 547/548).

Tais elementos festivos estão presentes na romaria, a dimensão lúdica manifesta-se, sobretudo, por meio da musicalidade. Ewelter Rocha (2017) ao estudar a religiosidade no nordeste brasileiro, percebe que os modos que a experiência com o sagrado é concebida, decorre de uma significativa peça estética: a música. Rocha (2017: 2) enxerga a presença desta importante parte em todos os momentos religiosos, das danças religiosas até enquanto marcadora do ritmo dos golpes realizados nas cerimônias de autoflagelação. A música assume sempre um lugar privilegiado, sendo impossível conceber uma procissão, uma novena, uma quermesse ou um funeral sem a animação dos benditos (ROCHA, 2017: 2). Em sua pesquisa, Rocha (2017) toma como objeto de análise apenas os benditos, no entanto, são muitas as formas musicais existentes nos eventos romeiros. Para compreender melhor como a música presente nas práticas romeiras age enquanto mediadora dos conflitos do campo e ao mesmo tempo como fomentadora desta lógica, apresento a seguir análises de dados etnográficos, músicas e conversas informais realizadas durante diversas situações destes festejos.

4.1 ENTRE ANDORES E TRIO ELÉTRICO

Durante os anos de 2015 e 2016 estive presente nos festejos de Nossa Senhora das Dores. O fluxo romeiro é iniciado cerca de uma quinzena antes da data em que se homenageia a Mãe das Dores, padroeira da cidade, e é dada por encerrada esta romaria, dia 15 de setembro. Durante o período matinal, é celebrada a Missa do Chapéu na Igreja Matriz e ao entardecer, ocorre à atividade final desta programação, a procissão com saída desta igreja, percorre a Rua Padre Cícero até a Rua Santa Luzia e retorna ao santuário pela Rua São Pedro. No primeiro ano eu acompanhei a procissão de modo a participar das atividades e não apenas observar. Como manda a tradição romeira, carreguei uma vela acesa e aprendi os louvores

que são entoados pela multidão que, segundo a Diocese de Juazeiro, contabiliza 400 mil devotos. La posición del antropólogo es siempre una posición de exterioridade (...) en relación con el juego de relaciones que estudia.⁴¹ (2007: 14), como diz Augé. Eu não pretendo me converter em romeira, mas quis me aproximar o máximo possível da sensação de participar do evento, a fim de compreender sua lógica. Afinal, seguindo o pensamento de Marc Augé (2007), o pesquisador nunca irá se tornar mais um de seus interlocutores estudados e ele sabe disso, bem como os que se encontram no campo. Pois, él antropólogo no traduce, transpone⁴² (AUGÉ, 2007: 18). Deste modo, após a chegada da procissão ao santuário e a realização da missa caminhei pela Praça do Romeiro e conheci o Bar do Macarrão, era lá a execução da seresta audível enquanto acompanhava a missa, mas não irei focar neste espaço agora.

Na procissão de 2016 eu estive presente em outra perspectiva, não carreguei vela, não cantei os louvores, não estive presente apenas numa espacialidade do percurso. Neste ano, eu fui com uma câmera fotográfica e registrei alguns momentos. Diante deste contexto, eu não segui em procissão imersa em uma parte que compunha a totalidade diversa deste evento, eu transitei por ele e consegui perceber o quão plural musicalmente é esta procissão. Como diz Ewelter Rocha (2017), é impossível imaginar uma procissão sem música, porém, esta que homenageia Nossa Senhora das Dores se difere das demais por conta da presença das Bandas de Fanfarras das escolas de Juazeiro do Norte. Por ser em um momento posterior ao desfile realizado no dia 7 de setembro, as bandas aproveitam os seus incansáveis ensaios e apresentam o seu repertório neste percurso. Além da fanfarra, andores seguidos de carros de som reproduzem hinos religiosos, trios elétricos com padres proferindo sermões e/ou grupos da RCC e Novas Comunidades animam o trajeto com seu carisma, além dos grupos de tradição oral⁴³ representados por bacamarteiros, reisados, bandas cabaçais, e dos benditos e ladainhas entoados pelas rezadeiras. A multidão responde aos diferentes estímulos audiovisuais carregados de uma sonoridade rica em polifonia e ruídos.

⁴¹ A posição do antropólogo é sempre uma posição de exterioridade em relação ao conjunto de relações estudadas (Tradução minha).

⁴² O antropólogo não traduz, transpõe (Tradução minha).

⁴³ Opto por denominá-los de Grupo de Tradição Oral devido à problemática do uso do conceito *popular* nas Ciências Sociais. Há uma compreensão de que a conceituação de *popular* minoriza a importância do que será adjetivado. Pois, ao considerarmos que inconscientemente vem à tona seu oposto representado pelo clássico, erudito. Neste caso, o erudito é percebido como algo hierarquicamente acima do tradicional, que remete ao popular, ao agrário.

Durante o percurso fui abordada por Dinorá e Fabiana, jovens vindas de São Raimundo Nonato (PI). Elas me acompanharam durante a passagem da FANMOSA (Fanfarra Moreira de Souza) e me confundiram com uma jornalista, por eu estar fazendo registros em vídeos e em fotografias do evento. Eu expliquei que não era jornalista e estava coletando informações para uma pesquisa antropológica, ainda assim, insistiram em me acompanhar durante parte do percurso. Elas brincavam de adivinhar qual música à banda tocava. Entre as melodias estavam Último Pau de Arara de Luiz Gonzaga, Nossa Senhora de Roberto e Erasmo Carlos, Segura na Mão de Deus de Nelson da Mota e Oração de São Francisco, por exemplo. Nenhuma novidade até aí, eis que entusiasmadas, elas se referem ao grupo britânico Coldplay. A fanfarra toca Viva La Vida e deixa, sobretudo os mais jovens, em êxtase com a apresentação. Outra fanfarra que não vi a sua bandeira, pois estava concentrada no grupo de reisado que a antecedia, tocou Bang da Anitta. Estas duas últimas músicas não remetem de forma alguma ao evento religioso, nem a viagem como é o caso de Último Pau de Arara. Todavia, as pessoas que acompanhavam o trajeto das fanfarras, não demonstravam estranhamento quanto à presença destas músicas na procissão. Talvez, porque a maioria que seguia esta seção da procissão fossem pessoas mais jovens, mas esta é apenas uma suposição minha.

Ao perder as informações sobre o grupo que tocou uma canção da Anitta e a dificuldade de locomoção diante da imensa quantidade de pessoas transitando, fui à Praça Padre Cícero e parei num ponto estratégico, a fim de conseguir registros da maior quantidade de seções possíveis e de suas diversidades sonoras. Isto possibilitou não só um registro variado, como também diálogos com os caminhantes e a escuta dos seus relatos acerca desta experiência. Em meio à seriedade da devoção o cômico emergia nos sustos resultantes das explosões dos bacamarteiros, em que logo após o espanto, emergia o riso.

É cada susto que a pessoa leva, bichinha. (risos) Acho que a gente vai ficar um pouquinho aqui contigo, conversando. É bom que esse povo que fica atirando passa e a gente acompanha outra parte. Tu já viu quando passa as rezadeiras, como é bonito elas cantando os benditos? Acho que a gente vai esperar por elas que é mais bonito e tranquilo. Pelo menos a gente não se assusta, né? (risos) Mas mesmo com os sustos vale a pena. Estar aqui é uma sensação única. A música, as imagens, isso fica pra sempre na lembrança da pessoa. Isso se eu não falar do sentimento, dessa união grande de fé

que a gente sente aqui, né (Conversa informal com Dona Santa, setembro de 2016).

No relato acima aparece o elo existente na relação entre música e memória. Pois, os sons influenciam diretamente em nossas emoções e no modo em que percebemos o mundo. Como afirma Seeger (2015: 147), o espaço e o tempo são organizados por meio de significações e associações dos cantos, das danças e das atividades cerimoniais vividas. Dona Santa permanece um tempo conversando comigo durante a espera dos benditos. As rezadeiras com as suas vozes altas, afinação diferente da que o nosso ouvido está acostumado, encanta muitas pessoas e incomoda outras (geralmente os adolescentes em seus primeiros contatos com o evento). No geral, agrada a uma maior quantidade de pessoas. Até porque, os benditos são fortemente presentes nas romarias, desde as viagens, até as programações. Saber os benditos é, de certo modo, uma obrigatoriedade não explícita aos romeiros. Rocha (2017) desenvolve uma análise acerca dos benditos

(...) a música constitui-se um dos mais importantes dispositivos de transmissão de conhecimento religioso e produção de sacralidade, cuja função principal para o nosso estudo está relacionada à propiciação de uma experiência simbólica de sofrimento. A performance relativa ao canto dos benditos revela um modo de conceber uma relação corpórea com o sagrado, em que o corpo atua como depósito de uma memória e de uma ética que tem na contemplação e experiência do sofrimento sua principal fisionomia. O exemplo apresentado a seguir ilustra uma possibilidade para análise de processos não narrativos que operam na produção de uma ambiência sacral, neste caso a partir de propriedades psico-acústicas e da narrativa textual (ROCHA, 2017: 3).

O exemplo utilizado por Rocha (2017) é o bendito Maria Valei-me que é entoado durante a procissão. Durante um diálogo do autor com um sacristão de Juazeiro, ele percebeu que aprendera a letra deste, mas não sabia cantá-lo. O sacristão arrisca um palpite e sugere que, talvez, ele não sabia senti-lo. Isto me faz voltar ao parágrafo anterior, quando informo que, normalmente, as pessoas que ficam incomodadas com a cantoria dos benditos são jovens, na idade e/ou na ida às romarias. A falta de contato com este canto melódico, com afinação alta que para os nossos ouvidos acostumados com a afinação ocidental padrão, soa como um canto desafinado. No entanto, as rezadeiras e todas outras pessoas que cantam estes benditos, seguem uma afinação peculiar a esta cantoria. Para ir além do que se

ouve, o sacristão salienta a Rocha (2017) que cantar o bendito está para além da voz, é essencial sentir o bendito. Ao considerar esta observação, pensar o incômodo que surge nos ouvintes que estão iniciando o contato com a romaria e, por conseguinte, com os benditos, passa a ser mais compreensível. Pois, além do ouvido não estar familiarizado com a musicalidade, talvez, estas pessoas ainda não saibam senti-los.

Em relação à fala, o canto possui a propriedade de engendrar no texto maior grau de sofrimento, por isso obriga a observância de um maior rigor relativo às regras de execução, se comparado àquele aplicado às orações verbalizadas. O líder da ordem de penitentes Aves de Jesus explicando essa diferença forneceu a seguinte explicação: *“Rezado é oração, cantado é hino, é bendito. Vou dar uma explicação: é melhor cantar hino, glórias a Deus, do que rezar um rosário na hora do meio-dia no mês de janeiro em cima das pedras duras, de joelhos. Cantar são dois votos de coração: mental e vocal.”*(ROCHA, 2017: 7).

Deste modo, Rocha (2017) concebe o conceito de estética sacrificial, nela a performance que se refere ao canto elabora uma relação corpórea com o sagrado. Isto parece ocorrer com Dona Santa que ansiava imóvel pelas rezadeiras e seus cânticos. Em suas falas notamos a emoção resultante da forma que ela sente os benditos.

Para mim esta procissão é uma das coisas mais emocionantes da vida. Fazem 12 anos que eu venho para romaria. A cada ano eu me emociono mais parece até que eu nunca vim para nenhum dia de procissão. Mas essa procissão é muito emocionante uma vez eu vi um vídeo no YouTube que minha neta me mostrou de um lugar que foi gravado do alto, é uma coisa muito linda. Todas aquelas velas fazendo uma iluminação maravilhosa, é uma obra de arte aqui. Quando a gente tá aqui embaixo nem imagina tão bonito que é, mas a gente sente por que é muito emocionante, é uma coisa que toca na alma da gente. Cada música que toca emociona profundamente. Quando passa os benditos, então, eu fico toda arrepiada. Emocionada com vontade de chorar. Vez ou outra escorre uma lágrima dos meus olhos, é muito emocionante para mim (Conversa informal com Dona Santa, setembro de 2016).

Esta relação entre o corpo e o sagrado contida na estética sacrificial que produz fortes emoções, também é percebida na Antropologia Musical proposta por Seeger ao dizer que *“(...) a música propicia uma experiência emocional de força considerável, produz raiva, tristeza, euforia, a música produz uma aproximação*

gradual com a beleza absoluta (2015: 135). Dona Santa ao relacionar-se com o sagrado por meio da música, tem acesso a algo tão belo que só consegue denominar de obra de arte a sua experiência, de tão inefável que é. De acordo com Rosaldo (1984), para compreender as emoções, não só as palavras devem ser consideradas, mas também, as expressões corporais. Na falta de palavras, a lágrima que cai muito fala.

Além de todas as reflexões possibilitadas pelo fluxo romeiro proveniente dos festejos de Nossa Senhora das Dores, este evento é importante, pois, inicia o ciclo de temporadas romeiras (oficiais⁴⁴) em Juazeiro do Norte. Logo após a primeira romaria, que é também a que possui a procissão mais animada, ocorre a Romaria de Finados, ou Romaria da Esperança. Esta pode não ser considerada a mais animada, porém é percebida como a mais forte, ou seja, a com maior circulação de romeiros.

4.2 FORRÓ NA COLINA DO HORTO

Dia 30 de outubro, domingo que antecedia o Dia de Finados, o auge da Romaria da Esperança, fui à colina do Horto com uma amiga a fim de observar o movimento e se possível dialogar com romeiros. Para a nossa surpresa, ao chegarmos lá, estava acontecendo uma apresentação musical. Ana Paula Nogueira é uma cantora de forró e segue fielmente a linha Gonzagueana, como informa o encarte distribuído durante a sua apresentação. O seu repertório inclui canções do Mestre Gonzagão, Belchior, Fagner, Dominginhos, Flávio Leandro, entre outros.

A apresentação ocorreu com voz, violão acústico de seis cordas e vinhetas reproduzidas em um computador portátil. É notório o cuidado tido ao selecionar as músicas que seriam cantadas neste ambiente. Entre elas, músicas em homenagem ao Padrinho Cícero, a Nossa Senhora e ao Senhor (Jesus Cristo). Além das homenagens aos santos, ela realizou uma homenagem ao compositor e cantor cearense que nasceu em Sobral. Ele está completando 70 anos de carreira e acho que vocês conhecem muitas músicas dele que marcou uma época brasileira é digno

⁴⁴ Como já dito, o fluxo romeiro é perceptível na cidade de Juazeiro do Norte durante todo o ano. Nos ranchos sempre tem algum hóspede, no horto sempre há visitas. No entanto, para o calendário litúrgico oficial, existem apenas três romarias, são elas a de Nossa Senhora das Dores, de Finados e Nossa Senhora das Candeias. Outras duas são oficiais para os romeiros, a do aniversário de vida (24 de março) e de morte (20 de julho). Afora estas temporadas oficiais, o fluxo romeiro é constante e se dizem em romaria sempre que vão para a cidade.

da gente ouvir todo dia é o grande Belchiorô diz Ana Paula Nogueira que inicia a canção À palo seco. Talvez, a única música que é possível perceber com o conteúdo ambíguo em sua apresentação é o Xote das Meninas.

Mandacaru quando flurora na seca / É o sinal que a chuva chega no sertão / Toda menina que enjoa da boneca / É sinal que o amor já chegou no coração... / Meia comprida não quer mais sapato baixo / Vestido bem cintado não quer mais vestir simão... / Ela só quer / Só pensa em namorar / Ela só quer / Só pensa em namorar... / De manhã cedo já tá pintada / Só vive suspirando sonhando acordada / O pai leva ao doutor a filha adoentada / Não come, nem estuda / Não dorme, e nem quer nada... / Ela só quer / Só pensa em namorar / Ela só quer / Só pensa em namorar... / De manhã cedo já está pintada / Só vive se cheirando / Sonhando acordada / O papai levou ao doutor / A filha adoentada / Não come não estuda / Não dorme nem quer nada / Ela só quer / Só pensa em namorar / Ela só quer / Só pensa em namorar... / Mas o doutor nem examina / Chamando o pai de lado lhe diz logo em surdina / Que o mal é da idade e que para tal menina / Não há um só remédio em toda medicina... / Ela só quer / Só pensa em namorar / Ela só quer / Só pensa em namorar... (Xote das Meninas ã Zé Dantas & Luiz Gonzaga).

A canção de Zé Dantas e Luiz Gonzaga dentre todas as escolhidas pela cantora, foi a menos polida, comportada, por assim dizer. Já que a letra remete a sexualidade de modo direto ao expor o período de puberdade da jovem em questão. Ademais, as outras canções ou saudavam os santos, ou não continham letras com conotação sexual e/ou ambíguas. Entre uma música e outra, Ana Paula faz pausas e comenta acerca do forró. Ela convida a todos conhecerem a Associação Luiz Gonzaga dos Forrozeiros do Brasil, da qual ela faz parte.

É uma associação feita por todos os forrozeiros que se afiliam. Tem forrozeiro de todas as partes do nordeste do Brasil e a gente trabalha para defender esta cultura aqui. É nossa esta cultura do forró que está se perdendo entre nós, mas que a gente trabalha para que ela nunca se perca. E a gente vê isso no sorriso de cada um de vocês. Escutar Luiz Gonzaga, escutar Dominginhos e muitos outros nomes que estão surgindo como Flávio Leandro e muitos outros (Fala de Ana Paula Nogueira, outubro de 2016).

A fala de Ana Paula parece remeter a mesma perspectiva que o pensamento de Felipe Trotta (2012), quando se refere ao forró de modo binário. Nesta perspectiva, acredita-se que há uma forma certa de se fazer um gênero musical. E o modo reproduzido que não estiver de acordo com as regras referentes ao modo

correto (legítimo) de se fazer a música, estaria errado (ilegítimo). O legítimo seria resultado dos seguidores de Luiz Gonzaga e os não seguidores, fariam um tipo de forró não autêntico.

Ainda hoje o som da sanfona e o sorriso aberto de Gonzaga representam uma certa unidade identitária regional, reconhecida dentro e fora dos limites da região. Ocorre que o chamado forró eletrônico tem buscado há quase duas décadas desconstruir esta narrativa num processo conflituoso e explosivo de reprocessamento musical. As disputas entre o forró eletrônico e os artistas do *ópeñdeñ* serraô são perpassadas por um profundo debate sobre os elementos norteadores dessa nova identidade nordestina (TROTТА, 2012: 3).

É comum percebermos estes discursos tanto entre os músicos e os ouvintes, quanto na academia. Trotta (2012: 7) fala que as sonoridades do forró, os vocabulários usados nas letras e as imagens que remetem ao agreste indicam o quão bom e legítimo é este forró. Pois a sua consolidação no cenário musical ocorreu por meio da valorização do sertão. Percebê-lo desta forma, é negar todos os elementos que o complexificam, incluindo músicos forrozeiros que não são ou não residem no nordeste.

Após a exaltação do forró legítimo, a cantora divulga a programação de seus shows que irão percorrer o Roteiro da Fé nos dias da romaria, sempre a partir das 16 horas. Após o aviso, segui para a Praça Padre Cícero que contempla um fluxo bem maior de romeiros, já que é um lugar central, próximo aos museus e igrejas.

4.3 TRENZINHO DO SORRISO, O PORTAL

O Trenzinho do Sorriso está presente em todos os dias de Romaria na Praça Padre Cícero. O seu percurso se inicia na Rua São Pedro em direção a Igreja Matriz, faz o contorno pelo Centro de Apoio ao Romeiro e retorna pela Avenida Padre Cícero. Este trajeto ilustrado no mapa (Figura 5) é pontual para uma boa compreensão do evento romaria.

Figura 5 - Trajeto do Trenzinho do Sorriso



Fonte: Google Maps e edição.

Neste passeio, veem-se as feirinhas e ranchos localizados pelo caminho, o Santuário Basílica de Nossa Senhora das Dores (Igreja Matriz), a Praça do Romeiro e o Centro de Apoio ao Romeiro, com seus bares, incluindo o mais famoso, Bar do Macarrão. Eu não teria me atentado a esta visão panorâmica de grande parte do espaço oficial, caso não tivesse aceitado o convite de Rayane, moça que achei ser romeira e tentei um diálogo, no qual ela desfez o mal entendido e falou que não era romeira, era juazeirense, mas:

Eu venho pra praça porque eu gosto dos romeiros. Eu não gosto muito de vir pra praça por causa dessas festas no coreto, eu detesto. Só venho por causa do trenzinho, aí toda vida quando tem romaria, a gente está todo dia no trenzinho porque é a melhor forma de conhecer os romeiros. Quando ele sai, a gente vai dançando com eles no tempo todinho e depois que volta, a gente conversa (Conversa informal com Rayane, novembro de 2016).

Rayane e o seu amigo Roni insistem que eu vá ao passeio, falam que é barato só custa R\$3,00 o ingresso por pessoa. Eles afirmam que sempre vão, ao

menos, uma vez por dia. Tanto que fizeram amizade com os palhaços e com o motorista. O que me fez ir ao passeio foi o fato de saber que este trenzinho só está em Juazeiro em épocas de festividades romeiras. Eles me informam que, por conta destes passeios, mantém contato com pessoas de vários lugares do Brasil e que, geralmente, se reencontram no ano seguinte. O Trenzinho é uma espécie de facilitador das relações entre juazeirenses e romeiros. Enquanto aguardamos a chegada do trem, vai se formando um aglomerado de pessoas que anseiam por esta experiência, ótima oportunidade para seguir o conselho de Roni e saber se este é realmente um bom facilitador das relações.

Laís, Carla e Aline, pernambucanas de Ibimirim frequentam a romaria há algum tempo. Aline a mais antiga frequentadora, desde os seis anos de idade vem à Romaria de Finados com a sua avó, Marlene. Enquanto Laís está em sua quinta viagem romeira, esta é a primeira vez de Carla em Juazeiro. Todas as noites, após a missa, as meninas fazem um passeio no Trenzinho do Sorriso sem a companhia de Marlene. O repertório presente nesta viagem apresenta músicas com conotações sexuais e ritmos dançantes. Os adolescentes aproveitam o momento para a azaração⁴⁵.

Enquanto aguardávamos a saída do Trenzinho, iniciava o show da Comunidade Shalom no coreto da Praça Padre Cícero. Enquanto a denominação católica cantava ócaminhando eu vou para Canaã no trenzinho tocava o funk Bumbum Granada

(Zaac e Jerry vai mandar, hein /Desse jeitinho / Oxe, Oxe, cadê o tan tan tan tan / Ó o beat envolvente, aí ó) Pesado! / Vários homem bomba / Bomba, bomba, bomba, bomba aqui / Vários homem bomba / Lomba, lomba, lomba, lomba lá / Vários homem bomba / Bomba, bomba, bomba, bomba aqui / Vários homem bomba / Lomba, lomba, lomba, lomba lá / Hoje eu tô pesadão / Carregando vários pente / É tudo que eu sempre quis / Pra mim ficar contente / Os mano tá tipo bomba / E as mina bumbum granada / Vai taca / Taca, taca, taca, taca, taca / Vai taca / Taca, taca, taca, taca, taca / Beleza, tá querendo peitá / Só que tu não entende nada / Se quiser pode vim / Que essa mina é preparada / Melhor dá espaço pra ela / Porque a potência é braba / Vai taca / Taca, taca, taca, taca, taca / Vai taca / Taca, taca, taca, taca, taca / Vai taca / Taca, taca, taca, taca, taca / Bumbum Granada ã Mcs Zaac & Jerry).

⁴⁵ Paquerar, cortejar.

Enquanto o transporte ainda está próximo à praça, os adolescentes mantêm-se sentados, sem dançar ou demonstrar entusiasmo. Após o distanciamento, os jovens realizam coreografias e pedem ao responsável pelo som que mantenha este tipo de música para que possam sarrar até o chão. Jonas, um jovem maranhense de Penalva, senta ao meu lado. Ele chega sozinho e bastante tímido. Aos poucos vai se soltando, começa a dançar e conversar. O DJ continua a reproduzir faixas sonoras de swingueira, forró estilizado e retorna ao funk. Ao trocar o funk para um sertanejo, os jovens reclamam e pedem por funk novamente. Por meio da observação dos comportamentos existentes e das descrições generalizada, a análise situacional oferece melhores oportunidades do que a análise estrutural para a integração do acidental e o excepcional com o geral (VELSEN, 1983:360-361). As romarias de Juazeiro extrapolam a ideia do evento que é comumente disseminada ao vincular a ideia de sacrifício e penitência como única possibilidade. Os jornais mostram cenas caricatas e esperadas ao se pensar em romaria: as pessoas balançando seus chapéus. Não é que isso não aconteça, nem digo que o lúdico não possa estar no sagrado, mas que a forte presença do profano nestas romarias não é a exceção. O retorno à praça se aproxima e os jovens começam a demonstrar comportamento contido novamente. A qualidade essencial da música é o seu poder de criar um outro mundo, de tempo virtual (Blacking, 1974: 20). Esta viagem, como chamam os jovens o breve passeio, parece entrar em um portal que leva a outra dimensão e ao ultrapassá-lo, é permitido cantar e dançar as músicas nele reproduzidas

O lamento e o canto não suscitam discussões sobre a maneira na qual as pessoas deveriam se portarem sociedade, mas apresentam uma multiplicidade de estruturas que lançam mão de panoramas culturalmente ideais e normativos, bem como de suas rupturas. Neste sentido, compreendem eles a capacidade de persuadir, de uma maneira tal que não difere da que Sol Worth descreveu para as caricaturas (1974). Por um lado, estes códigos expressivos referenciam questões e eventos a pessoas, lugares, ações e comportamentos reais. (FELD, 79)

Esta percepção resulta na concepção de como se houvesse um tempo fora do tempo: a romaria. Dessa maneira, a canção e o silêncio faziam parte de uma recriação constante do espaço significativo (SEEGER, 2015: 147). No entanto, ao retornar para a praça a permissão acaba. Todos descem do veículo e voltam para as suas atividades. Alguns vão ao coreto, outros lanchar. O contato com Jonas não é

encerrado no trezinho. Durante o passeio ele informa que irá ao palco (como se refere ao coreto) da praça para assistir os shows. Ele me faz o convite e vamos juntos. A apresentação ainda é por conta dos Shalom. Jonas comenta sobre as músicas que ele gosta e as que não gosta. Por exemplo, uma música que falava de animaizinhos, percebida por ele como música infantil. Mas no ambiente também há crianças e os adultos também se divertem. Jonas fala da presença da música em sua vida e o quanto a igreja foi importante por isso.

Eu aprendi a tocar violão na igreja e essa é a coisa que eu mais gosto de fazer na vida. Música é uma coisa muito importante. Olha só para onde a gente está, todo mundo se diverte e interage por causa da música. A romaria é muito divertida porque tem muita música em todos os lugares e de muitos jeitos. Na missa tem um tipo de música, aqui na praça outro, em cada lugar, um tipo. Nenhum tipo é melhor que o outro, cada um é bom de um jeito diferente. A minha vida também é assim, música o tempo todo. Para relaxar, curtir, sempre coloco uma musiquinha (Conversa informal com Jonas, novembro de 2016).

Jonas prossegue com sua fala e diz que até o momento não havia percebido o quão musical é a sua vida. Ele reflete e se dá conta que o único momento em que ele não ouve música é quando está assistindo aula ou dormindo.

Pensando por esse lado, eu acho que a romaria é um evento de música. Você que me faz pensar isso, porque eu nunca tinha refletido sobre isso. É isso aí, a romaria é um evento de música abençoado, o que é diferente das outras coisas, né? Porque aqui a gente vem para as bênçãos da vida. Tem os milagres e as pessoas vêm agradecer tudo isso, mas agradece tudo isso no meio da música. Acho que também é por isso que eu gosto, porque aqui é muito musical, né?! Deve fazer eu gostar mais ainda e eu não tinha percebido até agora (Conversa informal com Jonas, novembro de 2016).

Como supõe Blacking (1974: 8) a existência constante da música em nossas vidas torna plausível o pensamento de que a musicalidade, do mesmo modo que a religião e a linguagem é uma característica que define a espécie humana. Como informa Jonas, a sua vida é tão musical quanto à romaria. Porém, existe uma diferença entre as duas musicalidades, a música do seu cotidiano é comum, enquanto a cantada nas romarias é abençoada.

4.4 BAR DO MACARRÃO, O LUGAR SERESTEIRO

O Bar do Macarrão localizado no Centro de Apoio aos Romeiros (CAR) é muito movimentado. O estabelecimento só funciona em períodos de romarias, pois os viajantes são o seu público alvo. Nele encontram-se pessoas de todos os gêneros, gerações e estados civis. O CAR possui diversos box com barzinhos e lanchonetes, porém, estruturalmente o maior em espaço físico e diversidade é o Bar do Macarrão. Outro fator que pode levá-lo a ser o mais movimentado, é que este é o mais próximo da saída da Igreja Matriz.

Logo cedo, durante o horário das missas é reproduzido som mecânico em seu espaço. Raça Negra, Rick e Renner, Zezé de Camargo e Luciano, Wesley Safadão, Aviões do Forró, Henrique e Juliano, Simone e Simaria são alguns dos nomes que compõe o repertório reproduzido em aparelhos de som. Ao aproximar o final da liturgia, os músicos começam as suas apresentações. Eles são três, João Paulo (JP), Ellen Mili e Edson. As canções por eles cantadas não diferem muito das que tocaram logo cedo, chegando a repetir várias das que já foram ouvidas. A diferença é que as apresentações musicais são feitas com esses três cantores que revezam a cada música e compartilham do mesmo teclado que reproduzem vinhetas de acompanhamento, enquanto o músico toca o solo do teclado. A fim de saber um pouco mais da organização destas serestas, consegui conversar com Hellen:

Meu nome é Ellen Mili, eu faço parte do grupo JP dos Teclados. Nós trabalhamos durante os períodos de romaria na barraca do macarrão. Já faz quatro anos, sempre com música ao vivo, shows todas as noites na romaria de Setembro a novembro, de Janeiro, todas as romarias. Em qualquer momento que tiver aumento no movimento de romeiro, a gente vem fazer show. Em todas nós estamos aqui sempre atendendo o público da melhor maneira possível, da maneira que eles querem e tentando agradar o máximo que a gente pode nesse período de Romaria. Até porque é o mínimo que a gente pode fazer pelos romeiros, né. Viajam para longe, se cansam, a gente oferece um descanso, um divertimento (Conversa informal com Ellen, novembro de 2016).

E com Edson:

Eu sou músico. Eu não me considero um músico profissional, não. Mas graças a Deus eu consigo cantar algumas coisas e agradar muita gente. Eu vim aqui para Romaria desde criança e vi o pessoal cantando, aí eu sempre tive vontade e decidi que é isso que eu quero

fazer. Me engajei no meio da música e tudo, aí, graças a Deus, o pessoal aqui da Barraca do Macarrão sempre me chama para mim cantar. E a gente vai levando aí devagarzinho, fazendo o possível para agradar todo mundo e deixar sempre essa festa da romaria mais bonita do que ela já é. Já tem uns 10 anos ou 11 anos que eu toco na romaria. É um bocado de estrada já, viu? (Conversa informal com Edson, novembro de 2016).

Edson tocava músicas do Raça Negra quando chegamos e muitos casais dançavam abraçados, principalmente os mais velhos, como dona Cecília de 63 anos que estava com seu marido dançando coladinhos.

Eu venho faz 30 anos para a romaria. Desde que eu tive uma graça alcançada na família, venho. Eu vim a primeira vez fazendo companhia para meu irmão que queria pagar uma promessa. Desde então não deixo de vim. EU me senti abençoada pelo Padrinho mesmo sem ter feito promessa e Juazeiro me deixa muito feliz e forte para poder enfrentar a vida. Mas olhe, não é a mesma coisa vim para uma seresta na Praça do Romeiro e ir para uma seresta em outro lugar. Eu não ando em festas na minha cidade, mas quando a gente vem para romaria, eu e meu marido, a gente tira uma noite para vim para seresta aqui no Macarrão dançar. É muito tranquilo. Cada pessoa com sua família, tem criança, tem gente velha, tem adulto jeito todo jeito. As pessoas aqui tá só querendo descansar um pouquinho. A gente veio da procissão aí Assistiu à missa e vai passar um pedacinho aqui para descansar as pernas (Conversa informal com Dona Cecília ã novembro de 2016).

Foi entrando no período da madrugada e o repertório começou a mudar. O que antes era só música romântica, agora o estilo tocado é o technobrega. Os músicos JP e Ellen reproduzem uma música:

Agora eu vou contar pra vocês como é / O quanto é difícil segurar um homem gostoso em casa/ Escuta só / Não me mande embora / Não sou sua amante / Sou sua mulher e venho lhe buscar / Você vai comigo por bem ou por mal / Ou pego essas quengas e quebro no pau / Eu rodo a baiana, mas levo você / Sou eu quem trabalho e pago sua bebida / Sua roupa, seu carro e sua comida / Por isso eu quero e tenho direito / De ter você homem safado pra mim (Homem Safado ã Cia. Do Calypso).

Enquanto Ellen canta esta música, JP toca o teclado e emite vinhetas de gemidos femininos. As famílias ainda permanecem no estabelecimento. Dona Cecília e o seu marido, Miguel, sentam-se a mesa comigo e riem das vinhetas reproduzidas por JP. Essas brincadeiras (risos). A gente tem que levar na

brincadeira, né? Eu acho que é por causa dessa música que ela está cantando. A letra deve serô fala Dona Cecília tentando esconder o seu constrangimento. Para Feld (1990: 79), óO canto é o meio pelo qual os homens criam uma grande ocasião social, cujo propósito é chamar a atenção para as suas capacidades de provocação e controle, e solicitar a corroboração delas.ô Ao surgir na música dimensões que remetam ao sexual, ou a qualquer outra coisa que ao romeiro não é conveniente, é perceptível um constrangimento, ainda que tentem disfarçar. Aqui, surge o desejo de órealmente entender como as pessoas convivem com as suas normas, que são, muitas vezes, conflitantes entre siô (VELSEN, 1983:359). A seresta ocorre na Praça do Romeiro e por isso ela é permitida, mas quando tento questionar sobre estes aspectos, o assunto é desconversado e tentam voltar ao ponto inicial da conversa. Como observa Seeger (2015) a música contribui na organização e significação do espaço.

5 DUAS ROMARIAS EM UMA: O GRANDE EVENTO

Em procissão, em romaria,
Romeiro ruma para a casa de Maria.

A dinâmica da cidade de Juazeiro é muito intensa. Entre tantos eventos romeiros oficiais e não oficiais, todos os dias ela é contemplada com visitas de artistas, empresários, turistas, seguidores do padrinho que sempre acabam de algum modo em contato com o lado religioso local. Devotos ou não, parece ser algo obrigatório a quem por ali passa, pedir a benção do padrinho. Quiçá, por este espaço constituir fração significativa do roteiro religioso nacional, os viajantes comungam desta espiritualidade. Uma ida ao museu, fotos criativas na colina do horto, um souvenir aos familiares para dizer que esteve em Juazeiro e lembrou-se deles. Ao entardecer é audível de vários pontos da cidade, o convite para a missa que está prestes a começar. Cantos são entoados das igrejas, benditos que facilmente ficam na cabeça repercutem pela cidade e, correntemente, são perceptíveis caminhantes acompanharem os cânticos.

Figura 6 - Abano distribuído durante romaria.



Fonte: Registro próprio.

A movimentação que já é comum ao cotidiano local, aumenta demasiadamente com a euforia ocorrida após a recente notícia de que a igreja fez as pazes⁴⁶ com o santo do povo. Padre Cícero ao manter seu posicionamento afirmativo quanto ao milagre da beata, comprou uma enorme briga com o clero e resultou em sua expulsão da igreja. Apesar de não ser canonizado, para os romeiros, ele sempre foi um santo:

O meu padrinho é o santo mais poderoso que tem. Isso da igreja ter feito as pazes com ele é bom, mas não muda muita coisa, porque ele nunca brigou com Deus e é isto o que importa. Não é? Ele é quem intercede por nós, ele é do povo e sempre lutou pelo povo. Por isso é que a gente não abandona ele, porque ele não abandona a gente! Então pra gente que vem pra romaria, ele sempre foi santo sim. Não importa o que a igreja diga (Trecho de entrevista, Dona Fransquinha, Arcoverde).

Dona Fransquinha possui um pensamento comum aos romeiros, Padre Cícero é o santo responsável pela intercessão divina, ele é quem faz a ponte entre os homens pedintes e o realizador das graças. Mas este trabalho não é solitário, enquanto era vivo, suplicou aos viajantes que mantivessem a fé e as peregrinações por Nossa Senhora das Candeias e Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade. Assim posto, as intenções romeiras intentam um diálogo com estes três importantes intercessores santificados, a fim de serem atendidas as suas graças. Este elo divino encontra-se manifesto em diálogos romeiros, imagens, em materiais para divulgações de eventos e nas músicas, desde as canções mais atuais, bem como este bendito antigo:

Bendito e louvado seja/ a luz que mais alumeia/ Valhe-me, meu padrinho Cícero/ e a mãe de Deus das Candeias/ Porque caminho tão longe/ e cheio de tanto arroteio?/ Valhe-me, meu padrinho Cícero/ e a mãe de Deus das Candeias./ Os romeiros vem chegando/ e é noite de lua cheia./ Valhe-me, meu padrinho Cícero/ e a mãe de Deus das Candeias./ Os anjos cantam no céu/ e no mar canta a sereia./ Valhe-me, meu padrinho Cícero/ e a mãe de Deus das Candeias (Romaria a Joaseiro).

Este bendito que está na ponta da língua de todos os romeiros, demonstra como a crença do trabalho espiritual em parceria ocorre neste espaço. Ao cantá-lo, os devotos rogam por estes dois santos, um santificado pelo povo e a outra

⁴⁶ Falar que ele fora excomungado por falta de reconhecimento do milagre da beata.

canonizada pela igreja que se perturba um pouco com esta conjuntura. Com os eventos verifica-se a postura da igreja que contende com o lado popular⁴⁷ dos festejos que, mesmo contrariada, conforma o seu calendário para atuações nos períodos extraoficiais. Há uma influência mútua na dinamização da cidade e das temporadas romeiras, uma se adequando a outra. A igreja organiza uma programação para as peregrinações não estabelecidas em seu calendário, devido a grande demanda e, ao mesmo tempo, em que põe obstáculos na aproximação do romeiro com as atividades extrarreligiosas. No entanto, é apresentado de modo explícito o interesse do sacerdócio: Jesus Cristo e o Espírito Santo, sobretudo pelas RCC e Comunidades Novas. Para o clero, são estes dois que importam, dado que possuem reconhecimento de santidade no Vaticano. Todavia haja esforços para manter os romeiros nas vivências católicas, para eles, estes não obtém êxito, já que a instigação da viagem é o encontro com o Padrinho:

Todo ano eu passo mais de 20 horas dentro de um ônibus pra vim e voltar pra Pilar (AL), eu venho de encontro ao meu Padim, precisando ou não de alguma coisa, eu não deixo de vim. É a coisa mais importante da minha vida! Tem gente que pergunta se eu não canso, mas sempre que eu venho, o Padim me renova. Eu não sei de onde sai tanta energia, mas já na vinda, a gente já vem treinando a cantoria pra chegar afiada na missa, na procissão. Todo mundo sabe os benditos, as outras músicas também, mas é porque os benditos é mais fácil de cantar. Daí um puxa, o outros acompanham e aí não tem como cansar na viagem, porque a gente fica tudo animado. Tem coisa melhor que receber a benção do Padim? Tem nada! (Trecho de entrevista, Pilar 2015).

Para o romeiro o oficial não funciona. Ele vai ao Juazeiro fortalecer os laços com o Padrinho, ele que é o santo do povo, o melhor intercessor entre os homens de boa fé e o Deus pai. A igreja direciona os fiéis a realizarem suas preces para Nossa Senhora das Dores, ou das Candeias como intercessoras. Porém, Padre Cícero é o mediador mais confiável para os romeiros. Tanto que ao dizerem óviva Nossa Senhora das Dores, viva Jesus Cristo (...) os romeiros concluem óviva Padre Cícero.

As festas que estão no calendário oficial da igreja são as das santas canonizadas, nossa senhora das candeias e nossa senhora das dores. Além disto, no dia de finados, sendo estas as três romarias oficiais liturgicamente falando. No

⁴⁷ Não oficial, decorrente do padre Cícero o santo do povo. Não canonizado.

entanto, o fluxo é imenso e ocorre o tempo todo, inclusive em períodos que não há nenhuma data específica de comemoração, sempre existe uma movimentação romeira na cidade. Dentre todas essas irei destacar a romaria da semana santa de 2016, pois o período acabou por confluir dois grandes eventos. O fluxo romeiro da semana santa que é aguardado pela igreja apesar de não ser uma romaria oficial para a igreja, é oficial para os romeiros, e também está dentro do calendário litúrgico. Esta é tão oficial quanto a romaria do aniversário do padre Cícero que coincidiram ocorrer na mesma semana. O que resultou em dois grandes fluxos ocorrendo de uma só vez, em 2016.

Dentro do evento romaria acontece evento dentro do evento. No caso a oficial para a igreja, da semana santa, a menor do aniversário, que confluem em outros grandes eventos constituintes de sua programação: a seresta e o point. Esses dois grandes fluxos acabaram por coincidir dois grandes eventos, no planejamento destes, dois eventos menores, mas de suma importância ocorrem: a Seresta do Padre Cícero e o Point da Ressurreição. No caso dentro da programação dos festejo do aniversário do padre Cícero está um grande evento que até o ano passado eu não tinha conhecimento, apesar de já estudar a romaria há alguns anos e saber do bolo do padre Cícero, eu nunca tinha ido de fato, até a meia noite.

Figura 7 - Bolo feito pela família da Dona Nair em homenagem ao Padrinho.



Fonte: registro próprio.

Portanto, abordo a música como um importante meio de comunicação utilizado nos eventos de romarias. Este campo é mais do que uma simples peregrinação, Juazeiro é um centro de devoção sagrado para os seus visitantes. A complexificação local ocorre, pois, na situação de romaria emergem situações que resultam em conflitos. E a música que surge como meio de negociar, em determinados momentos, deixa de ser um elemento de mediação e passa a ser um elemento de conflito.

5.1 SERESTA DO PADRE CÍCERO

Era uma tarde que antecedia o 172º aniversário do Padre Cícero, quando eu estava na praça que em seu nome homenageia o aniversariante, descobri que além do tradicional bolo gigante, aconteceria também a Seresta do Padre Cícero. Este evento que até então me era desconhecido, já estava em sua 28ª edição e fora idealizado pela alagoana Nair Silva⁴⁸ (Figura 8), professora, musicista e folclorista.

⁴⁸ Alagoana de Mata Grande, veio residir definitivamente em Juazeiro, no ano de 24. Era professora, e lecionava em todas as escolas de Juazeiro. Além do magistério era musicista, foi assessora particular do então prefeito Dr. Conserva Feitosa, e era folclorista, tendo dirigido uma banda cabaçal, de nome óChapéu de Coroô Convém ressaltar, que Nair Silva, idealizou a 1ª Seresta em homenagem ao Padre Cícero. Além do mais, foi 1ª Comissária de Juazeiro, também fundou o Coral de ICVC e produziu um programa de rádio intitulado Lar Doce Lar. Como intelectual, ocupou a cadeira de nº 7, no ICVC, cujo patrono é o Professor José Amorim Sobreira. Era Cidadã Juazeirense, e foi homenageada, recebendo uma placa de bronze da Câmara Municipal de Juazeiro do Norte, e como se não bastasse, era religiosa, pois, pertencia a Pia União, da Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e também à Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Para a tristeza nossa, faleceu em 30 de novembro de 1997, onde está sepultada no Cemitério do Perpétuo Socorro da cidade de Juazeiro do Norte. (Texto encontrado no panfleto distribuído durante o evento por ela concebido).

Figura 8 - Encarte informativo sobre Nair Silva.

Histórico

A professora NAIR SILVA, que nunca foi esquecida, conseguiu implantar uma homenagem cultural, há mais de 30 anos, em homenagem ao Padre Cícero, promovendo uma seresta à meia-noite da data de seu aniversário. São convidados os seresteiros da terra que abrem uma madrugada de doces melodias ao som dos violões e clarinetas.

Depois, a profª. NAIR SILVA programou distribuição de um caldo quente, gostoso, reforçado e histórico que é servido a todo público presente ao evento, e também na sua residência, fazendo parte das homenagens ao Padrinho Cícero.

A profª. NAIR SILVA, já foi chamada para a eternidade, mais a sua família continua dando sequência ao evento, eles continuarão fazendo o famoso CALDO DA NAIR, na madrugada do dia 23, para o dia 24 de março, como parte cultural e afetiva deste programa em homenagem ao Padre Cícero, que estará comemorando 172 anos do seu aniversário.

Dr. Geraldo Menezes Barbosa

XXVIII Seresta do Padre Cícero

Caldo da Nair

Nair Silva, Sempre!
A marca de uma mulher

Nair Silva, Idealizadora (1988-2016)

IMOBILIÁRIA MC 107 Praça Adolpho Coelho nº 220 Sala - 04 Lagoa Nova - Fone: (88) 3511-3240	PET SCAR Pneus e Serviços Automotivos	JUÁ Atacadão Bompreço em tudo. Sempre para o consumidor. VAREJO E ATACADO Rua São Paulo, 795 - Tel.: (88) 3511-8871 Centro - Juaazeiro do Norte - CE
MATERIAL HIDRÁULICO E ELÉTRICO EM GERAL Av. Carlos Cruz, 1721 - São Miguel	MECÂNICA FEMPCAR Pneus, Óleo, Serviços Automotivos Rua Coronel João Batista, 18 - 4º andar - Centro - Juaazeiro do Norte - CE	GPS INDÚSTRIA DE PRESSIONALIZADO QUILÔMETRO 4 - SEGURANÇA
ACRIT do Bolo O bolo mais convidado do Nordeste	folheados Pãoes para sem corte	Kaplast Fabricação de Artes e Artesanato Fone: (88) 3512-5417 / Cel.: 9922-8845
CEVEMA Concessionária FIAT 39 Anos	NILDO RODRIGUES ADVOCACIA E CONSULTORIA Rua São Luiz, 375 Sala 105, Centro (88) 3511-7631	Pau Brasil O seu melhor negócio está aqui.

Fonte: Registro próprio

Como ocorre todos os anos, à meia noite o bolo feito pelas afilhadas do padrinho seria partido. Eu nunca havia tido muito interesse por este evento, pois o que me era sabido: chuva de fogos de artifícios, fala solene da organização municipal e a distribuição do bolo. Nada disso instigava a minha ida, afinal, fogos são iguais em todos os lugares. Mas uma seresta em homenagem ao Padre Cícero, com certeza, é uma coisa que eu quero ver. O bolo é partido à meia-noite e gera a atração de muitas pessoas para o evento, pois são muitos metros de bolo que serão distribuídos para o público. Além deste bolo, ocorre um concurso de bolos em homenagem ao Padrinho, com a participação de grupos de amigos, familiares, de trabalho e também de oração.

O evento ocorre na Praça do Socorro, local onde está localizado o Memorial Padre Cícero, a Igreja do Socorro e o Cemitério do Perpétuo Socorro. Esta praça é possui uma grande dimensão, nela ficam organizadas diversas barraquinhas com venda de artigos religiosos, brinquedos e comidas. Este ano em questão tem um elemento importante, a igreja fez as pazes com o Padre Cícero. Além de encontrar pela cidade mensagens sobre o ocorrido, demonstrando a felicidade dos juazeirenses, em cada barraquinha disposta na praça, percebiam-se vários artigos

que faziam menção ao Padre Cícero com o Papa Francisco (Figura 9), exaltando esta reconciliação.

Figura 9 - Blusa à venda em banquinha no Largo do Socorro.



Fonte: Registro próprio

Às 19 horas chego no espaço e já foram iniciados os festejos da Seresta em homenagem ao Padre Cícero. A programação é extensa e ultrapassará a meia-noite. Muitos panelões de caldo de diversos sabores estão sendo distribuídos na barraca da Dona Nair (Figura 10). A vizinhança do Socorro, ao reconhecer a importância deste evento para a comunidade e, também, valorizar Dona Nair, buscou a Câmara Municipal e solicitou contribuições estruturais e monetárias, a fim de dar continuidade a este evento tradicional para os juazeirenses e romeiros que visitam a cidade nesta temporada. Ao estabelecerem parceria, comunidade e prefeitura conseguem produzir cerca de 4.000 copos de caldo e unidades de pães a serem distribuídos durante toda a noite. Isto contribui para que a movimentação no

evento seja constante, pois a todo momento existe comida e música para os presentes.

Figura 10 - Barraca de distribuição do caldo.



Fonte: Registro próprio

As serestas ficam por conta de grupos musicais religiosos e também por grupos que não são religiosos. O microfone fica aberto para as pessoas se apresentarem com uma música, um poema, literatura de cordel, entre outras formas de homenagear o Padrinho. Além disso, existem os shows programados e apresentações da cultura popular. O palco possui uma boa estrutura de som e de iluminação, também são dispostos ao seu entorno telões que veiculam fotografias e vídeos em homenagem ao aniversariante.

A primeira vez que a gente veio, só sabia do bolo, quando chegamos aqui, encontramos esta festa linda. A cada ano fica ainda melhor, mais organizada, com mais atrações. Agora tem até concurso de bolo, é um mais bonito que o outro. A gente chega e olha os bolos, fica maravilhado. É muita criatividade que esse povo tem. Bolo de tudo quanto é jeito que você imaginar, o povo faz aqui. Depois de olhar os bolos, a gente vai assistir as apresentações no palco (Conversa informal com Severino, março de 2016).

Os participantes do concurso, enquanto esperam ansiosos pelo resultado da competição, assistem as apresentações musicais e poéticas. Danças, risos e

cantorias preenchem o tempo da espera. Cada grupo recebe uma mesa para a demonstração de seu bolo, devendo ficar algum responsável para explicar aos visitantes o conceito artístico e garantir que o bolo permanecerá intacto até o final do evento. Desta forma, os competidores se revezam a fim de manter sempre duas pessoas cuidando do bolo, enquanto as outras vão para as proximidades do palco prestigiar os artistas. Cícera que participa do concurso diz que:

A espera não é tão grande quanto parece, o tempo passa rápido até demais. Apesar da ansiedade que dá em participar do concurso e desejar a vitória, é tanta coisa acontecendo, que a gente nem percebe o tempo que demora. Eu sou Cícera, não sou romeira, mas os meus pais eram, hoje em dia moram aqui. Meu nome é por causa de uma promessa que minha mãe fez ao padrinho. Eu estava com o cordão [umbilical] em volta do pescoço, aí ela prometeu que se eu nascesse com saúde, eu me chamaria Cícera, como forma de homenagem. Aqui estou eu, uma homenagem viva. [risos] A minha família é muito grata ao padrinho e eu faço questão de estar aqui. Enquanto a gente está aqui, chega gente e elogia a nossa criatividade, reencontramos pessoas que só vemos neste período, fora as coisas engraçadas que acontece. É cada pegadinha! [risos] Aí quando uma cansa e quer dar uma volta, chama outra pessoa para ficar na vigilância, aí vai dança um pouquinho, canta, volta para mesa. Aí quando cansar de ficar sentada, troca de novo. Música tem a noite todinha, então revezando, todo mundo dança (Conversa informal com Cícera, março de 2016).

O resultado do vencedor só é revelado após os parabéns ao Padrinho que ocorrem à meia noite. São algumas horas de espera, no entanto, a participante afirma não perceber o tempo de modo lento, ao contrário, ele passa muito rápido. Tia DeNora (2004: 8) fala de como a inserção da música em intervalos altera a experiência com o tempo. Após inseri-la em períodos ociosos, de espera, a situação temporal foi alterada, modificando o tempo longo e o tempo curto. A música não só preencheu o tempo de espera, como também ressignificou o objetivo em andamento da ação, de forma que a única coisa que esperada ansiosamente, foi redefinida em tempo real da situação, como algo que interrompia a apreciação da música. (DENORA, 2004:8)

Enquanto o resultado do concurso não é divulgado muitos grupos de tradição popular se apresentam. Grupos de reisados, cocos, bandas cabaçais fazem apresentações diferenciadas. O coco da mestra do Horto fez uma apresentação especial, com três cânticos compostos por ela. Além dessas apresentações,

dezenas de rezadeiras entoavam ladainhas e benditos que ecoavam pelo Largo do Socorro.

Seresteiros também se apresentarão, eles são as principais atrações da noite, já que a festa é uma seresta. Durante a noite são cantadas músicas românticas de grupos como Roupas Novas, Os Águias, Amado Batista, Fagner, Belchior, Odair José, entre outros artistas. O repertório é imenso, a quantidade de músicos também. Durante estas apresentações, ocorre o seguinte, enquanto o seresteiro se apresenta, o público apresenta ao mestre de cerimônia alguém que saiba cantar ou declamar, o direciona ao palco com o pedido de uma homenagem.

Entre os intervalos de um tocador de seresta para outro, as pessoas indicadas vão ao palco e tocam entre duas músicas, uma declamação de poesia ou uma leitura de cordel. Músicas de forró pé de serra e sertanejo parecem ser as preferidas do público que aproveita o ensejo para praticar a dança. Osvaldo, pernambucano de Surubim, adora festa, ele vai dizer o porque:

Essa festa é boa demais! Todo ano eu e minha esposa viemos para cá e é certeza que a gente vai estar na seresta do Padre Cícero. Eu adoro dançar forró, dançar qualquer coisa. [risos] Aí eu venho com ela e a gente passa a noite todinha dançando, não tem quem fique parado. Para quem quer dançar e gosta desse estilo de música, aqui é o lugar certo. A pessoa se diverte, se alimenta e ainda é abençoado pelo Padim (Conversa informal com Osvaldo, março de 2016).

Osvaldo parece estar certo, o Largo do Socorro está lotado de Romeiros e juazeirenses, grande parte destas pessoas está dançando com seus pares. Quem parecia não se divertir, seguia contra o fluxo energético local e podia ser repreendido. Como é o caso da jovem Ana Beatriz que estava com sua família e fora repreendida, pois não gostava da música, nem da dança reproduzida no local. Ao ficar incomodada com o evento, ela não conseguiu controlar a insatisfação, e o seu semblante aparentou a sua chateação. Laura, a sua mãe, reclamou que a menina tinha gostos estranhos e que isso dificultava a interação entre eles, caso fosse possível, ela faria a sua filha gostar das músicas normais igual a todo mundo e aproveitar a festa.

Sobe ao palco a cantora Eliane com sua banda os Cantores de Deus. Ela canta os hinos de Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora das Candeias e a canção Pedido de um Matuto, do compositor juazeirense Luiz Fidelis. Com voz alta,

Eliane tem voz semelhante a das tiradeiras de renovação. Eu estava próximo ao palco, a fim de realizar gravações, quando percebi que a cantora estava ao meu lado e pedi para termos uma conversa. Ela que, em 2016, participava de sua segunda seresta no largo do Socorro, é bem receptiva e pede para que eu empurre a sua cadeira de rodas e nos distanciemos das caixas de som, para que pudéssemos nos escutar. Ela explica como surgiu o convite para esta apresentação:

A secretaria de cultura organiza todo ano [a seresta], aí chama vários grupos pra cantar. E nós viemos cantar domingo, com os cantores de Deus, na seresta é a segunda vez que eu canto, na seresta do Padre Ciço. Com os cantores de Deus já faz cinco anos que eu canto na festa do Padre Ciço. A gente faz shows também nas cidades. No meu dvd tem o meu discurso que eu falei de quando eu fiquei deficiente com 15 anos. Fiquei com depressão, eu era revoltada, eu era depressiva, passei cinco anos com depressão. Por isso que hoje eu canto assim, dançando e animando o povo, porque mostra pras pessoas o poder de deus. Não é porque eu estou numa cadeira de rodas que eu sou uma pessoa triste, é deus! É Deus! Em nenhum momento, em nenhum momento Deus me deixou desamparada, infeliz... não! E é porque eu sofro dores! Porque você me vê assim, dançando... Eu danço, mas eu tenho muitas dores nas articulações. Artrite reumatóide com 15 anos de idade. Começou numa perna a dor, dor nas articulações, né, foi deformando, aí eu fiquei na cadeira de rodas. E engraçado, né, quando eu não era deficiente, eu não era essa pessoa alegre que eu sou hoje. Não era. Pra mim eu estou vendo a vida agora. Tu acha? Interessante, né. Deus é lindo, né?! Tudo isso é obra de Deus, Nossa Senhora e do Padim Ciço que eu amo demais. Eu amo tanto o Padre Ciço que eu trabalho na festa dele, eu trabalho pros romeiros, toda romaria eu trabalho cantando pros romeiros. Foi assim que eu comecei a viver a música. Cantando a manhã todinha, na missa pros romeiros, em todas as romarias. Eu já dei palestras pra alunos, acho que da faculdade Leão Sampaio. [eu comentei que pesquisava música] O foco do nosso ritmo musical é mais pra romaria, então tem muito assim [canta] Quazeiro, eu sou romeiro, vim te visitarõ tem Mãe das Candeias, Vida de Moeda, essas que a gente cantou tem no dvd também [canta] ãa minha vida de poeta, eu vivo viajandoõ tem Virgem Mãe das Candeia, Santa Terezinha e São Francisco, tem música do padim também (Conversa informal com Eliane, março de 2016).

Figura 11 - Apresentação de Eliane e o seu grupo.



Fonte: Registro próprio

Eliane (Figura 11), em sua fala, diz que a música e a sua fé salvaram a sua vida. Que quando era uma pessoa saudável, sem dores, com energia, não era grata por viver. Na sua percepção, após a sua doença ela passou a sentir gratidão, pois passou a viver de modo musical. O canto é uma experiência física bem como social (SEEGER, 2015: 249). Ela tinha a mesma idade que Ana Beatriz hoje, quando ela adoeceu. Não pude deixar de lembrar desta comparação, em que Eliane mesmo com dores, sobe ao palco e demonstra grande energia. Como ela afirmou, esta alegria é resultado de sua fé e amor pelo Padim Ciço, que a presenteou com a possibilidade de viver a música. Seeger (2015: 248-249) ressalta que a cantoria e a dança resultam em um efeito característico no corpo que é o instrumento do canto. A canção quando compartilhada em atividades coletivas causam um entusiasmo, resultando em distintas experiências fisiológicas e de percepção, que podem camuflar a dor.

5.2 POINT DA RESSURREIÇÃO

Uma multidão entusiasmada aguarda a chegada do trio elétrico com ponto de partida no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, no bairro Salesianos. Às 16h30min ocorreu a Santa Missa que é um momento bastante esperado por muitos fiéis durante todo o ano, ela faz parte de uma programação organizada pela

alcançando a todos, de modo a proporcionar disposição e entusiasmo para concluírem a caminhada, como percebeu Seeger (2015: 248) em situação semelhante. O trajeto destinado à Praça José Geraldo da Cruz, ou Praça dos Franciscanos como é conhecida, terminou com a chegada de pessoas em frente ao automóvel segurando letras que formavam a palavra óressuscitou

Figura 13 - Chegada do trio elétrico.



Fonte: Registro próprio

Este evento ocorreu no dia 27 de março de 2016, era domingo de páscoa, três dias após a sua crucificação, Cristo ressuscita e os católicos festejam. Dispersamo-nos pela praça, a fim de recompor as energias enquanto o pessoal que irá cantar no palco faz a passagem de som. Eu levei a minha irmã comigo, o que teve um bom resultado, pois um rapaz da Javé Yiré veio até nós e a cumprimentou, ele havia sido seu colega de classe no ensino médio.

Eu não sei dizer a quanto tempo acontece este evento, mas sei que faz muito tempo isso. Antes não era assim, muito organizado, um evento grande. Mas com o tempo, a comunidade foi se organizando mais, foi crescendo e hoje a gente consegue fazer um evento grande. É muito bom organizar um evento deste tipo, a pessoa se diverte do começo ao fim, é muito animado. A programação deste ano está maravilhosa, eu tenho certeza que na hora que a Kairós começar a tocar, não vai ficar ninguém parado. Pode observar, quem estiver na praça, vai acabar vindo pra perto, querendo saber o que é... E quando perceber, já vai estar no meio da gente, dançando e aproveitando a nossa festa (Conversa informal com Gregório, março de 2016).

Até então, eu não havia tido contato com ninguém desta comunidade. Gregório foi um importante mediador, pois me apresentou a alguns amigos e,

sobretudo a Paula, pessoa responsável atividades artísticas do Javé Yiré. Eu expliquei que havia interesse nas programações musicais voltadas aos romeiros, sobretudo, para a realização da minha pesquisa. Com a finalidade de elucidar o meu objetivo, explicitiei que estaria realizando um trabalho de campo. Ela passou, não só, a me informar sobre todos os eventos organizados por eles, da mesma forma que pedia a minha presença. Outra pessoa da comunidade que conheci e me manteve informada de todos os acontecimentos da romaria, foi o jovem Wellington. Ambos sempre muito receptivos.

Após muita prosa e explicação do que eu estudava, anunciam o início do show. O Ministério de Música dos Filhos Amados do Céu dão início às apresentações musicais e seguem o mesmo subgênero reproduzido no trio elétrico, o Pop Rock. Seu repertório segue o habitual em festividades produzido por grupos da RCC, em que compartilham as músicas, vez ou outra mudando os arranjos. Contudo, as letras mantêm a peculiaridade partilhada pela Renovação: o carisma.

Eu vou gritar/ Pra o mundo ouvir/ Que a felicidade está aqui/ Eu encontrei o meu lugar/ E ao seu lado quero sempre estar/ Vou caminhando, vou sonhando/ Vou buscando, arriscando/ Rumo certo, saber onde chegar/ Mas a felicidade eu sei/ Não estava onde pensei/ Hoje eu sei que está dentro de mim/ Eu vou gritar/ Pra o mundo ouvir/ Que a felicidade está aqui/ Eu encontrei o meu lugar/ E ao seu lado quero sempre estar/ Vou caminhando, vou sonhando/ Vou buscando, arriscando/ Rumo certo, saber onde chegar/ Mas a felicidade eu sei/ Não estava onde pensei/ Hoje eu sei que está dentro de mim/ Eu vou gritar/ Pra o mundo ouvir/ Que a felicidade está aqui/ Eu encontrei o meu lugar/ E ao seu lado quero sempre estar/ Eu vou gritar/ Pra o mundo ouvir/ Que a felicidade está aqui/ Eu encontrei o meu lugar/ E ao seu lado quero sempre estar/ Vou gritar/ Pra o mundo ouvir/ Eu vou gritar (Eu Vou Gritar ã Ana Gabriela⁵¹).

A música para a RCC é um dom, sua letra deve soar como um poema, tendo um teor contemplativo, já a melodia precisa ser ágil para atrair os jovens. Estas afirmações ocorrem com frequência nas casas das comunidades. Paula França explica:

⁵¹ Ana Gabriela é publicitária, mas sempre se dedicou a música. Na infância, aos sete anos, descobriu sua vocação para cantar. Aos dez anos, começou a compor e na adolescência, ingressou no grupo musical Missionário Shalom, onde viajou em turnê pelo Brasil (Texto retirado de <https://www.comshalom.org/anagabriela/>).

Porque nós vamos entendendo que a arte, ela é muito fácil de entrar na sociedade. Então nós vamos pegando todas as formas da arte para atrair o povo pra Deus. Mas essas músicas de louvor, de alto louvor, a gente só usa durante alguns shows, shows que não sejam dentro da nossa casa, né? Pra resgatar o povo pra Deus [Trecho de entrevista concedida em 26 de maio de 2016].

A musicalidade está tão presente em nossa vida, que muitas vezes é imperceptível o poder de influência que ela exerce nas práticas sociais. Tia DeNora (2004, p. 45) acredita que a música é compreendida por um processo coprodutivo que permite, simultaneamente, explicar as coisas e estas coisas explicarem este processo. Ou seja, a partir dela compreender seus significados. A autora dialoga com Aristóteles para explicar melhor seu pensamento ao concordar que a música possui o poder de produzir um efeito sobre o ethos da alma. Deste modo, pensar acerca do

[...] problema reflexivo de como a música e seus efeitos são ativos na vida social, e como a música vem para suportar uma variedade de recursos para a constituição da agência humana, o ser, o sentimento, o movimento e o fazer da vida social. Para entender como a música funciona como um dispositivo de ordenação social, como seus efeitos são reflexivamente alcançados, precisamos realmente olhar para a prática musical (DENORA, 2004: 45. Tradução minha).

Ao falar em prática musical, não devemos pensar somente nos artistas que a produzem, mas também como transcorre o uso pelos seus difusores (os que possuem os aparelhos e caixas de som) e como ela envolve o ouvinte. Middleton (1990:165) percebe a prática musical como uma intercessão entre o que é inconsciente e o que vira ato, tudo o que ocorre durante a escuta, é apreendido. Isto influenciará nas ações, nas formas de enxergar o mundo dos que compartilham esta prática que é mútua entre produtor/difusor e ouvinte.

Esta percepção do fazer musical aparece de modo lúcido nas falas dos que fazem música religiosa para os eventos romeiros. Isto emerge desde o modo de escolher os repertórios a serem reproduzidos, ao levar em conta a idade do público, o gênero, se são pessoas com muitos sofrimentos e necessitam de acolhimento, entre outras motivações. As canções selecionadas devem mostrar o carisma da comunidade e expandi-lo como um convite a todos os que possam ouvi-la. A música consegue ecoar a grandes distância, ainda mais ao considerar o alcance da tecnologia atual. Para Diego:

Não fazemos uso de músicas seculares. Nossas músicas são apenas para evangelização e são escritas a partir de dores muito fortes e também experiências. Todas elas surgem em oração. Algumas vezes, por causa de alguma situação, estamos juntos, por acaso, e escrevemos. Outras vezes o Espírito Santo nos dá inspiração para uma nova canção também. Mas também saímos em retiro de 10 dias, às vezes, para nos aproximarmos mais de Deus e termos inspiração para escrever um cd. A gente compreende a importância que isso tem, levar uma boa mensagem na música, uma mensagem de incentivo, de alegria com certeza ajuda na hora das pessoas ouvirem. Por isso, levamos isto muito a sério [Trecho de entrevista concedida em 27 de setembro de 2016].

As letras são simples, mas com mensagens que convidam as pessoas a serem evangelizadas. Como falou Diego, ao surgirem em orações, estes cantos tem origem sagradas para a comunidade. Esta animação característica destes cânticos é chancelada pela religião católica. Escritas em primeira pessoa do singular, o que é comum em suas composições, apresentam discursos otimistas e incentivadores que geram facilmente um vínculo entre os ouvintes. Diego afirma que a música é mais animada para atingir quem nunca foi pra missa o que serve como grande atrativo a todos que não gostam da monotonia da liturgia tradicional, os deixando curiosos quanto ao show que estão vendo.

(ë) falar sobre música se baseia em suas próprias vivências musicais. Assim sendo, falar sobre música significa dizer ao colega as músicas que sabe cantar inteiras; as de que não aprenderam; as que não gostam; as que têm letras comprometedoras; as que têm letras que não entendem, e, por último, letras que falam de temas próximos de sua realidade social. Assim, escutar música significa aprender música com os cantores e grupos preferidos, aprender as músicas de que gostam e que, de alguma forma, falam de sua realidade (RAMOS, 2002: 89).

A música da RCC é conhecida por ser alegre e festiva, acompanhar a dinâmica da vida como fala Paula França. Possuem produções que permeiam diversos ritmos musicais: forró, lambada, reggae, pop rock, pagode, electro. Além destes ritmos, há também alguns estilos, como é o caso da swingueira que antigamente era conhecida como pagode baiano. Além destas, também são tocadas músicas de acompanhamento ã normalmente durante orações ã produzidas por meio de improvisos com violões e, às vezes, alguns instrumentos de percussão: a pandeirola e o cajón, por exemplo. No entanto, não são todas as músicas que

podem ser tocados em todas as ocasiões. A escolha do repertório é feita de modo minucioso. Seeger (2013: 11) atenta à importância das sequências musicais ao perceber que determinadas experiências musicais podem ser mais ou menos estimuladas pela forma em que as faixas sonoras são reunidas, deste modo, as músicas atentamente organizadas constituirão uma vivência extraordinária.

5.3 A ATRAÇÃO PRINCIPAL: BANDA KAIRÓS

O primeiro show acaba e as pessoas ficam eufóricas ao esperar pela última atração. Eu não conseguia compreender tanta ansiedade. Eu não tinha conhecimento do que a banda tocava, pois soube de última hora deste evento e isto me impossibilitou de pesquisar os estilos musicais que seriam apresentados. Eis que chega ao palco o grupo pernambucano Kairós⁵² e o público os ovaciona, isto intensifica ainda mais a minha curiosidade. Pois a primeira canção é tranquila e provoca a introspecção.

Você ouviu alguém dizer/ Tu não irás vencer/ Pare com isso, as provas sempre existirão/ Mas quem tem promessas no coração/ Não para no caminho/ Não, não, não, não, não/ Tu irás vencer/ Deus é o teu poder/ Pois nunca pare de lutar/ O terço irá buscar/ Lágrimas vão rolar/ Pois nunca pare/ Nunca pare de lutar/ Os meus sonhos/ O vento não vai levar/ A areia não vai enterrar/ Os meus sonhos/ Os meus sonhos/ Os teus sonhos/ Não, o vento não vai levar/ A areia não vai enterrar/ Os teus sonhos/ Os teus sonhos/ Ninguém pode matar (Teus Sonhos ã Banda Kairós).

Jorge, um dos cantores, orienta o público a rezar e no meio da música, após orar em línguas, dá início a um sermão:

Se você tem um sonho, levante agora o seu braço e comece a orar, conte para Deus os teus sonhos. As promessas de Deus são promessas e o senhor, ele ama cada um de nós. Ele deu o seu único filho para morrer por mim e por você. Para que ninguém descreditasse do seu sonho de ser feliz, de ter vitórias. Ô deus, esta noite, esta noite é uma noite de vitória. Para muitos que estão aqui em cima (no palco), a gente pode olhar para vida de novo. Ninguém pode matar teus sonhos. Nem a droga, nem o álcool, ninguém pode matar o sonho de um músico que sonha um dia cantar, mesmo que a gente esteja na sarjeta, mesmo que a gente esteja no pior lugar

⁵² A Banda Kairós é um grupo católico que leva a palavra de Deus através da Música e com o batismo no Espírito Santo. Ver mais em: <http://souumkairos.blogspot.com.br/p/circo-kairos.html>

deste mundo, irmão. Deus foi lá e arrancou a gente lá de baixo. E eu quero dizer a você que estar aqui em cima, é um sonho de deus e um sonho de cada um de nós (a banda). Nós somos felizes porque quando ninguém acreditou em nós, Deus acreditou. Deus acreditou! (grito entusiasmado) Deus acredita em você. Diga pro seu irmão, Deus acredita em você, Deus acredita! (a plateia vibra, grita, assobia). Os teus sonhos ninguém pode matar, vamos cantar, pai. (volta pra música) Diga pro seu irmão, ninguém vai matar os seus sonhos, ninguém. Quem já passou por prova aqui levante o braço. Quando você estiver na prova, saiba que a cruz de cristo é o esconderijo. Saiba que é lá o nosso refúgio, é lá que nós vamos nos apoiar (Trecho do sermão do cantor).

Após esta música, Jorge dá o seu testemunho e fala que já conheceu o buraco que quase o afundou e levava todos que o amavam. Em sua pregação leiga⁵³, o cantor anuncia a vitória dos artistas que estão no palco, cita o consumo de drogas, de álcool que foi superado com a ajuda de Deus. Se não fosse a senhora Joaquina, de Marechal Deodoro AL, em minha frente indagando as suas amigas sobre a escolha desta banda, talvez tivesse me passado despercebido a sua observação. Já que hoje é o dia que a gente comemora a ressurreição de Cristo, acho que eles foram escolhidos de propósito, pois parece que todos voltaram à vida, ressuscitaram, né?! Fala aromeira alagoana ao seu grupo, dando margem à interpretação de que o sagrado ao ser animado retorna a vida. E logo após os convida para se aproximar do palco a fim de apreciarem a apresentação.

A segunda canção será iniciada e Pádua Jr., a segunda voz, fala: Bota a fúria no cão, meu Jorjão o que faz lembrar as frases ditas pelos cantores de forró estilizado que fazem sucesso na atualidade. Ouço murmurinhos de interjeições: Eita! Vai começar, nem acredito! o show já havia começado, mas alguns jovens agiam como se ainda não tivesse tido início. Jorge que é a voz principal diz: Quem tem raiva do cão aqui, diga: Eu! Agora, olhe pro seu irmão e diga: Acelere! Fabinho, taca o pau no cão desta maneira ele introduz a segunda faixa:

Pisa na cabeça da Serpente/ Pisa, pisa/ Pisa, pisa, pisa, pisa, pisa, pisa, pisa na cabeça da serpente/ Vai, quero ver você pisar/ Pisa na cabeça da serpente/ Pisa, pisa/ Havia um homenzinho (torto)/ Que morava numa casinha (torta)/ Sua vida era toda (torta)/ Seu caminho

⁵³ Por leigos entende-se aqui o conjunto dos fiéis, com exceção daqueles que receberam uma ordem sacra ou abraçaram o estado religioso aprovado pela Igreja, isto é, os fiéis que, por haverem sido incorporados em Cristo pelo batismo e constituídos em povo de Deus, e por participarem a seu modo do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo, na parte que lhes compete, a missão de todo o povo cristão (DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1997: 148).

era todo (torto)/ Mas um dia o homenzinho (torto)/ Jesus ele encontrou (Pisa na cabeça da serpente).

Agora eu comecei a compreender a apreensão dos jovens que já conheciam o trabalho do grupo, Pisa na cabeça da serpente possui um arranjo de forró estilizado, é uma música com andamento rápido, ou seja, o grau da velocidade de seu compasso é muito maior que o da primeira música. Enquanto a primeira faixa selecionada servia como um acompanhamento para as preces dirigidas pelo cantor, a segunda principiava a festa de fato. A letra desta música é repetida três vezes, antes de iniciar o bis, o cantor faz alguns comentários 'Hoje nós dança! Ou dança ou dança. Fabinho (baterista), ou dança, ou dança, vai! Não para não, não para não, vai! Eu quero ver acelerar' Com os próprios comentários do cantor, já nota-se esta aceleração, o que faz com que ele convide o público a dançar.

O mesmo grupo de jovens que vibrou com a segunda composição, respondeu muito bem ao chamado do músico e dançou bastante. Eu queria chegar a estas pessoas e conversar, saber se eram romeiros, conforme a minha suspeita. Mas como fazer isto durante uma festa de forró em que o grupo em questão estava tão entusiasmado? Dançar parecia ser a única saída, mas eu não sou uma boa dançarina e a minha timidez não permitiria que eu convidasse alguém do grupo para a dança. No entanto, mesmo que para mim, eu estivesse parada, sem dançar, o ritmo sempre emerge de algum modo no ouvinte. DeNora (2000) observa a relação entre o corpo e a música:

Mecanicamente arrastado, o corpo e seus processos se desenrolam em relação aos elementos musicais [...] Esse alinhamento, entre música e corpo, geralmente ocorre subconscientemente ou inconscientemente e pode ocasionar pequenos movimentos normalmente imperceptíveis, como o modo de segurar as sobancelhas, as maçãs do rosto ou os ombros, a tensão dos músculos. [...] O movimento - orientado esteticamente - é, como Irigaray colocou em seu ensaio sobre 'The Gesture in Psychoanalysis' (1989), um meio para construir os espaços do assunto (DENORA, 2000: 78).

Esta passagem lembra a percepção de Seeger (2015: 248) de que o corpo é o instrumento do canto. Assim sendo, seria o movimento um instrumento para a aproximação das relações sociais. Ao perceber estas relações entre canto, movimento e diálogo, conversei com minha irmã sobre a necessidade de falar com

aquelas pessoas, quando um rapaz veio de lá e me chamou para dançar. Ele disse que viu que eu só não estava dançando porque não tinha par. Foi assim que iniciei o contato com o grupo romeiro de Jaicós ã PI. Aproveitei a dança para fazer algumas perguntas. Allysson, jovem de vinte e poucos anos, falou que eles teriam quer retornar no dia anterior, por conta das atividades cotidianas. Mas, ao verem o cartaz de divulgação do espetáculo exposto na Praça Padre Cícero, eles ficaram instigados com o evento, pois teria um percurso com trio elétrico.

A gente viu um cartaz de longe e achou interessante a forma que Jesus aparecia nele, chamou a nossa atenção, né. Aí a gente foi lá olhar e achou legal o modo que Jesus estava fazendo o que a gente faz quando vai tirar foto. Aí a minha amiga, Jussiane, foi quem prestou atenção que ia ter trio elétrico. Não achamos que seria um trio elétrico daqueles animados, sabe? Mas aí Breno já tinha ouvido falar da Kairós, essas banda de agora, né... Ele garantiu pra gente que era legal, que parecia um show de ģorró de verdade, mas que era da igreja. A gente foi e pesquisou vídeo no YouTube para saber se ele estava dizendo a verdade. Quando a gente ouviu, ficou tudo doido. E fomos negociar com o restante do pessoal da viagem e o motorista, para gente viajar só depois desse show que ia ser muito bom. A gente não podia perder esta oportunidade, né (Conversa informal com Allysson, março de 2016).

O cartaz (Figura 14) mencionado estava em exibição no telão posicionado ao lado do palco. Além disto, também expunha uma vinheta desenvolvida para divulgar a festa, informações sobre os produtores do evento, as bandas e agradecimentos aos patrocinadores.

Se eu cheguei até aqui/ Foi o senhor que me ajudou/ Que me deu graça e me abençoou/ Me lavou com o seu sangue/ Me deu força e unção/ Quem ama Jesus Cristo/ Bate na palma da mão/ Meu irmão você é mais que vencedor/ Joga a mão pra cima/ E bate na palma da mão/ Dá um glória/ E bota furando no cão/ Vem com a banda Kairós/ Tem louvor e adoração/ Aqui tem alegria/ Joga a mão para cima/ E bate na palma da mão/ Dá um glória/ E bota furando no cão/ Aqui tem alegria/ Tem batismo e conversão/ Dá um glória/ E bota furando no cão (Se eu cheguei até aqui, foi o Senhor que me ajudou ã Kairós).

Enquanto os integrantes de outras comunidades criticavam a performance do músico, demonstrando haver concorrência performática entre estes grupos, os romeiros que estavam com Alysson se impressionaram com sua apresentação. E sob o olhar dos romeiros, a comparação não é feita com os neopentecostais, outrossim, com Bandas de Forró que estão na mídia, ou seja que fazem muito sucesso na atualidade. Esta banda é um conjunto perfeito para Jussiane:

Eu estou muito admirada com este show. Esta banda é como se fosse todas as bandas juntas, só que católica. Ela reúne músicas iguais as de Wesley Safadão, Aviões, até Calypso tem. A diferença é que a música não fala de putaria, né? [risos] Desculpa aí, mulher, foi sem querer. [risos] É porque parece que essa é a única diferença, né. Pelo menos é assim pra mim, eu não vejo de outro jeito, não. Eu vejo assim, é a mesma coisa, o mesmo estilo musical que está tocando aqui, é o que toca nos shows de forró também. Mas enquanto aqui diz pra furar o cão [risos], nas festas de forró diz pra furar outra coisa, né?! [risos] Acaba que é quase a mesma coisa, mas como eu participo da igreja, eu acho aqui melhor. Porque eu escuto essa música que eu gosto do ritmo animado. Eu danço gosto de dançar, então aqui eu posso dançar muito. Não que em outra festa eu não posso, mas aqui é uma letra que não tem coisa feia. Às vezes, com as músicas de forró, eu fico constrangida com a letra e com esta música eu me divirto mais porque ela é mais tranquila na letra, eu canto sem me sentir mal (Conversa informal com Jussiane, março de 2016).

Nesta fala ocorrem diversas situações. A primeira é a percepção do grupo por seus pares como neopentecostais e isto aparece como uma crítica, de certo modo, até como uma reprovação. Contudo, para a jovem romeira tudo está como deveria ser. Surge um elo entre o moderno, o lúdico e o religioso na canção que possibilita a dança e uma maior inserção destas músicas em seu cotidiano. Outra questão é a culpa. Este tipo de evento permite que ela se divirta sem se sentir culpada, possibilitando uma coisa importante para ela: a dança. Este sentimento de

culpa nos lembra da importância da moral cristã que é analisada por Roberta Campos com os Ave de Jesus, grupo penitente de Juazeiro:

A importância dos sentimentos morais e das emoções é central para se compreender a forma de vida desses penitentes. Sentimentos que são dramatizados, exibidos e exaltados por muitos romeiros e penitentes em Juazeiro do Norte (CAMPOS, 2013, p. 122).

Jussiane fala em coisa feia, referindo-se a conotação sexual existente em algumas letras de músicas de forró. Remeter a sexualidade a constrange, produzindo um desconforto motivado pelas suas crenças. A ideia do sexo como algo impuro, como propõe Mary Douglas (1976), que neste caso contamina o seu espírito de pessoa religiosa, livre dos prazeres do mundo. A romeira atribui outro ponto positivo ao repertório da Kairós, pois ao não se sentir constrangida com suas músicas, ela se sente mais à vontade dançar com músicas sadias, pois com as músicas convencionais era errado. Ao levar em conta o seu foco nas letras, eu questioneei se para ela a única diferença estava na composição, se não havia mais nada que divergisse das outras músicas ou o modo de dançar. Jussiane reflete sobre a dança:

Acaba sendo parecida sim, mas eu ainda acho que ela é um pouco mais leve. Porque querendo ou não, em um show de Forró com aquelas músicas, né... Com as coisas que eles falam, a pessoa acaba mais livre, se sentindo mais livre para ser mais ousada. Pronto! Acaba sendo mais ousada, acaba sentindo menos vergonha e a pessoa sentindo menos vergonha, acaba fazendo uma dança mais... Como é que eu posso dizer? Eu acho que aqui com essa dança, com essa música com a letra assim, a gente tem que respeitar né? Por que é de Deus que está falando então a gente acaba dançando de um jeito mais respeitoso perante a Deus, ninguém quer desrespeitar ele, né. Aí pra mim eu acho bom (Conversa informal com Jussiane, março de 2016).

Na fala acima é perceptível que apesar da melodia reproduzir um gênero musical mundano, ainda assim ocorre um impacto religioso causado pela letra, que como coloca a interlocutora, a presença divina impõe a necessidade de respeito. Eu perguntei se durante esta vinda a Juazeiro, ela havia ido a algum outro lugar, alguma outra festa que tocasse forró. Caso a resposta fosse afirmativa, como eram as letras e se havia dançado. Para a minha surpresa, Jussiane foi a um dos lugares

mais famosos entre os romeiros, mas este local não é religioso. Localizado na Praça dos Romeiros que fica em à Igreja Matriz.

Acaba que a gente sempre vai para algum outro lugar, né. A gente, às vezes, quando sai da missa, dá uma volta ali por baixo da igreja. Aí passa perto do parquinho, vai passando as barraquinhas, vê o que o povo está vendendo e compra lembrancinha para os amigos que não vieram. E os amigos sempre acabam chamando para dar uma passada no Macarrão. Sabe onde é ele? É bem engraçado, tem um monte de estátua de animal. E é como se fosse no lugar que eu venho. A gente chama de ópisadinhaão que toca lá. Fica uma pessoa tocando no teclado e outra cantando. Às vezes, a própria pessoa do teclado tá cantando e aí bota lá para tocar uma música. Aí a pessoa canta, geralmente, é Forró ou então sertanejo. A gente gosta, né. A maioria das vezes, aquelas músicas que a gente brinca da ósofrênciaô é muito engraçado. A gente passa um tempo lá, come alguma coisa e é bem engraçado acaba que também é bem divertido (Conversa informal com Jussiane, março de 2016).

O Bar do Macarrão, como o próprio nome diz, é um bar e lá também são reproduzidas as músicas que Jussiane falou que ao ouvir, se sente constrangida. Porém, ela frequenta este espaço. A princípio, esta afirmação contradiz tudo o que ela havia dito sobre as suas práticas não só durante a romaria. Isto me deixa intrigada, o que me leva a fazer indagações acerca da sua fala anterior. Jussiane comenta:

Ah! mas o bar do macarrão, você sabe onde é? Ali atrás da igreja, na Praça do Romeiro. É só sair da igreja, já chega lá, né. Aí a pessoa sai com fome, cansada de estar em pé e vai pra lá sentar um pouquinho. A gente vai sim pra desopilar um pouco, conhecer gente nova. Assim, eu não bebo, os meus amigos bebem. A gente sempre fica um pedaço lá. Eu bebo refrigerante, como batata frita, alguma coisa assim, macaxeira. Os meus amigos bebem uma cerveja. Não para ficar bebo, só beber socialmente, sabe? Mas mesmo que esteja lá, não tem nada não, porque a gente está sentado quieto, só para conversar besteira, rir um pouco, sabe? E também é pertinho da igreja, a gente sai da igreja depois da missa e vai. Não é toda noite, não. É só uma vez, a gente sai da missa e passa lá um pedaço (Conversa informal com Jussiane, março de 2016).

Este discurso é comum entre os frequentadores deste bar. Apesar de não estarem de acordo com o que deve ser praticado pelo tipo ideal de romeiro, eles não acreditam que estão indo contra a sua fala. Para a maioria deles, não há incoerência em ir a este local logo após a missa, pois se encontra numa praça dedicada aos viajantes. Ou seja, este local está no liminar do sagrado. Todavia, há quem reprove

este comportamento, tanto quanto a musicalidade do Point da Ressurreição. Após passar um bom tempo com os romeiros de Jaicós, me aproximei de um grupo de pessoas mais velhas, oriundo de Poço Verde ã SE. Enquanto na turma anterior, todos foram bem receptíveis com a banda, realizando inclusive uma reunião para a troca da data da viagem. Nesta, existem divergências quanto ao que era ouvindo no momento.

Enquanto Lucélia ouviu e se satisfez com o trabalho da Kairós, Agenor achou desrespeitoso e Cândida achou criativo e importante. Outras pessoas comentavam com um pouco de receio ao expressar se estavam gostando ou não, e concluía a fala sem uma opinião formada quanto ao gosto. No entanto acreditavam que o trabalho merecia reconhecimento, pois prendia a atenção, principalmente dos jovens. Estes vários argumentos rapidamente enunciados, serão analisados abaixo e demonstrarão que há vários modos de perceber este trabalho musical, dependendo da compreensão e importância se dá à melodia. A seguir apresento a letra de uma canção de swingueira, logo após o comentário de seu Agenor.

Juventude reunida para Deus/ É madeira/ Vai dançando na avenida/
É madeira/ Vai buscando a nova vida com Deus/ É madeira/ E
adoração/ A guitarra, bateria, machuca o som/ É madeira, é madeira/
É madeira, é madeira/ Jesus está no comando/ E o povo dançando
assim/ É madeira, é madeira/ É madeira, é madeira/ Jesus está no
comando/ Mãozinha pro lado e pro outro/ Louvor e adoração tem
sim/ Jesus me libertou e a vida é outra/ Alegria do Senhor é a nossa
força/ É madeira/ Quando o povo de Deus reunido dança/ No swing
parado não pode ficar/ A juventude dançando/ É madeira, é madeira/
É madeira, é madeira (É madeira ã Kairós).

A música É Madeira possui andamento, pulsação e arranjo similar às canções dos famosos grupos que tocam este ritmo. As performances dos cantores também se assemelham, com o modo de cantar, a forma de animar o público e as frases ditas durante a execução da faixa sonora. “Eu profetizo... então, quebra tudo Kairós!” uma das frases ditas pelo cantor principal durante esta swingueira. O responsável pela segunda voz entoava de acordo com o andamento musical “quebra, que-quebra, que-quebra, quebra” mostrando o passo de dança utilizado como coreografia desta música. Jorge fala “Quebra! Não pode ficar parado, todo mundo tem que dançar o pagode” Enquanto a maioria das pessoas dançava e achava fantástica a vivência, Agenor não se satisfez. A assimilação musical de cada pessoa resultará nos limites de aprovação ou reprovação do que se ouve.

Olha, eu vou ser bem sincero com você. Eu acho isso tudo muito estranho. Tudo bem que seja para louvar a Deus e que minhas amigas aqui tão dizendo que isso é bom. Realmente, o fato dessas pessoas juvenzinhas não está no meio da rua ou não tá bebendo, é uma diversão saudável né então isso é bom. Realmente, mas, assim, para mim, eu acho isso muito estranho. Eu não gostei não. Eu acho que quando a pessoa sai para ver uma coisa da igreja, eu não quero ver isso não. Eu vim pensando que ia ser outra coisa eu só não vou ainda, porque eu estou com minhas amigas aqui e a gente vai e volta tudo junto e em grupo para o rancho. Mas eu acho que devia ser diferente, eu acho que devia ser uma coisa mais... Uma música mais tranquila, pelo menos para mim né? As pessoas aí parecem tá gostando, mas o meu gosto não é bom não. Com sinceridade, eu não me agrado (Conversa informal com Agenor, março de 2016).

A seguir, a banda reproduz uma versão em pagode de uma música que ficou famosa na voz do Padre Fábio de Melo. O público vibra, pois é a primeira canção que todos sabem a letra completa. Nesta hora, até Agenor que não estava muito contente, se anima. E o coro entoou:

Fui pro mundo/ Gastei tudo/ Me restou só o pecado/ Hoje sei que nada é meu/ Tudo é do Pai/ Tudo é do Pai/ Toda honra e toda glória/ É Dele a vitória/Alcançada em minha vida/ Tudo é do Pai/ Se sou fraco e pecador/ Bem mais forte é o meu Senhor/ Que me cura por amor/ Eu pensei que podia viver, por mim mesmo/ Eu pensei que as coisas do mundo/ Não iriam me derrubar/ O orgulho tomou conta do meu ser/ E o pecado devastou o meu viver/ Fui embora, disse: ó Pai, dá-me o que é meu!/ Dá-me a parte que me cabe da herança/ Fui pro mundo/ Gastei tudo/ Me restou só o pecado/ Hoje sei que nada é meu/ Tudo é do Pai/ Tudo é do Pai/ Toda honra e toda glória/ É Dele a vitória/ Alcançada em minha vida/ Tudo é do Pai/ Se sou fraco e pecador/ Bem mais forte é o meu Senhor/ Que me cura por amor (Tudo é do pai - Frederico Cruz).

Esta música no meio do show foi uma grande estratégia da banda, pois energizou até mesmo as pessoas que não estavam curtindo. Segger (2013:32) explana sobre a importância de planejar as sequências musicais e ter músicas em que o público conseguisse cantar junto e com entusiasmo. Com certeza, após a reprodução desta música famosa, eles conseguiram alcançar algo familiar a todos, e passaram a ser vistos de modo diferente pela plateia, pois não eram mais tão desconhecidos assim. Cândida, a sergipana amiga de Agenor, vibrante com a música conhecida fala:

Olhe, dizer que eu vou ficar ouvindo essas músicas em casa, é mentira. Eu não vou não, que eu gosto de uma música mais tranquila. Aqui, nessa situação que a gente está agora, é bom, não vou mentir! Porque junto aqui os amigos, a gente canta, se diverte, dança, é bom demais. Uma pessoa como eu, nem sempre que sai para dançar não, é uma raridade, isso aí. A gente está aqui e está dançando, está tranquilo, não tem problema. (Conversa informal com Cândida, março de 2016).

Mais uma vez emerge a questão do efeito musical no corpo. Seeger (2015) chama a atenção para o fato de que existem poucas pesquisas acerca deste assunto e, por decorrência, sabe-se pouco sobre os modos que a música e a dança possam afetar os corpos e as emoções. Ainda assim, ele considera a existência de [...] um componente físico inegável nas artes performáticas, que ignoramos por nossa conta e risco (SEEGER, 2015:249). As várias performances simultâneas por quem ouve e entoia os cantos, culmina em um evento musical em que se estabelece uma verdadeira euforia e dificulta a não participação das pessoas nele presentes, como afirma Seeger (2015: 221).

Ninguém vai brigar, está todo mundo em paz. Essas pessoas jovens aqui, tranquilas, você não vê safadeza. E está todo mundo feliz, sem safadeza nenhuma. Porque, imagina um evento desse em outra situação, não tinha como chegar perto não. Eu mesma não vinha, ficava em casa. Porque uma festa desse tipo era só para pessoa sair correndo com briga, era gente bêbada enchendo o saco. Mas aqui está todo mundo tranquilo, todo mundo em paz e feliz se divertindo. Então, uma situação como essa eu acho boa. Agora, ouvir em casa, eu não vou, não. Porque eu prefiro uma melodia mais tranquila, mais lenta. Mas para um show, para uma festa que a gente está fora de casa, que veio para se divertir, a melhor coisa do mundo é isso aqui (Conversa informal com Cândida, março de 2016).

Cândida que no início do show, apresentava resistência com a proposta da Kairós, ao decorrer da noite assumiu uma postura mais maleável. Além do divertimento da dança ter contribuído para esta alteração, a ausência de bebidas alcoólicas e de violência colaborou bastante. Como analisou Seeger (2015: 249) em sua pesquisa com os Kisêdjê, o teor eufórico compartilhado entre as pessoas era produzido em torno do canto e da atividade coletiva, e não do álcool e substâncias alucinógenas. A cantoria e a dança, por longos períodos, eram experiências fisiológicas que provavelmente alteravam a percepção (SEGEER, 2015: 249). Esta abertura ao novo resultou em muita diversão para ela e também para a sua amiga

que já ansiava por este momento. ‐Pegue na mãozinha do seu irmão e diga assim: saia não, corra não. É hoje! A madeira vai comer é hoje! Diga comigo: ‐Véio do baixo... arrocha véi do baixo!‐E assim, Jorge introduz a próxima faixa:

Agachadinho, agachadinho/ Agachadinho, agachadinho/ Que suba o louvor, que venha benção do senhor/ Que suba o louvor, que venha benção do senhor/ E venha para aqui/ E venha para cá que venha benção do senhor/ E venha para aqui, E venha para cá que venha benção do senhor/ Com sete voltas o muro assim caiu, com sete voltas o muro assim caiu/ Em jericó o muro assim caiu, em jericó o muro assim caiu/ Agachadinho, agachadinho/ Agachadinho, agachadinho (Agachadinho).

Lucélia a mais entusiasmada e receptiva do seu grupo, segue as instruções dos cantores para a coreografia de carimbó da música Agachadinho. Segundo o cantor, esta música foi feita e arranjada durante uma viagem ao Pará, no qual ele aprendeu um pouco do ritmo e o empregou na sua jornada de evangelização. A romeira expõe sua satisfação com o evento:

Eu estou muito animada. Adorei! Super feliz! Acho que eles têm que continuar esse trabalho, tem que sair divulgando sim. É maravilhoso divulgar a palavra de Deus. Divulgar a religião católica dessa forma, é uma contribuição muito grande que eles dão a gente. Porque tem muita gente que fala, por exemplo, eu chamo a minha neta para ir comigo e ela disse que é muito desanimado, que fica com sono, que não quer ir não. Ela prefere ficar em casa vendo filme, televisão, porque se ela for para a igreja comigo, ela dorme. Aí você vem para um show desse, animado desse jeito, se eu contasse para ela, ela não ia acreditar. Inclusive já sei o que eu vou fazer quando chegar em casa. A primeira coisa que eu vou fazer, é pedir para ela baixar essas músicas aí e botar no meu celular. Porque eu não sei baixar não, mas eu peço para ela... Eu digo a música que eu quero, aí ela baixa para mim, bota no meu celular e eu escuto quando eu quiser. Porque eu gosto de música animada. Por mim, a pessoa vai arrumar a casa, vai fazer o almoço, é bom... É muito bom ouvir uma música animada. Dá ânimo para vida da pessoa. Porque se você prestar atenção, se você escuta uma música triste, você fica triste. Quando você escuta a música feliz, você fica feliz. Aí no dia a dia, é preciso que tenha animação na sua vida, precisa de sorriso, de felicidade, de energia. Aí, quando você escuta uma música dessa, não tem como você ficar parado, não. Eu gostei demais e vou continuar ouvindo com toda certeza (Conversa informal com Lucélia, março de 2016).

Ao final do show, Jorge convida os presentes a darem uma salva de palmas pra Jesus ‐porque ele merece. Ele agradece a presença de todos e fala de sua felicidade ao fazer o ‐forró abençoado para a galera do Ceará, diretamente de

Pernambuco O público demonstra gratidão e palavras de incentivo aos músicos. Música linda, feita pra gente melhorar nossa vida. É muita benção nestas palavras que nos ajuda a enfrentar o medo com a força de Deus. São alguns comentários feitos pelos romeiros que parecem satisfeitos com a vivência, apesar do estranhamento por parte de alguns. Ocorre aí uma sacralização da apresentação musical ouvida, apesar do incômodo inicial. Para Frith (1996) esta música com ritmo dançante não deveria ser estranhada, pois em seu entendimento o

(...) ponto principal é que para a maioria da audiência de música popular massiva o modo mais fácil de entrar na música é quase sempre através do ritmo, através de movimentos regulares do corpo (nós todos podemos participar da ação percussiva da música, mesmo se nós não tivermos quaisquer habilidades musicais). (FRITH, 1996, p.142)

Esse é uma situação observada há algum tempo na romaria, algumas pessoas ficam admiradas e aceitam tranquilamente esta musicalidade mais festiva. De modo que voltam para casa felizes com a nova descoberta e a incluem em seu cotidiano. Outras pessoas passam por um processo de estranhamento, mas por serem abertas às novidades, ouvem e só depois fazem julgamento. Existem também as mais extremistas que acreditam que isto é uma profanação do sagrado, que deve ser repudiado, pois desrespeita as santidades. Esta questão colocada sobre a falta de respeito, emerge nas falas dos romeiros mais jovens, aos mais velhos. Antonina, uma senhora de Pilar ã AL, compreende que:

Este show não é desrespeitoso, nem nunca será. Mas as pessoas que são a favor, dizem o que é desrespeitoso, é você simplesmente chegar e passar a vida toda vindo para a romaria, aí vai pras todas as missas e depois vai para a festa ouvir safadeza. Se você sair da missa e vai para a safadeza, adiantou de que? Aqui a pessoa sai da missa e tá ouvindo essa coisa maravilhosa, a palavra de Deus, evangelizando. É só alegria, uma alegria saudável. Aí a pessoa sai de uma igreja para outra, de uma programação pra outra e nem sente de tão feliz. É uma energia tão boa que a pessoa vem e no caminho esquece a dor. Fica feliz, canta, pula, se diverte, o cansaço vai embora e a gente se renova. Quando a coisa é boa, é saudável mesmo, a pessoa fica bem aí eu vou dizer que chegar aqui, numa alegria dessas, os jovens tudo aí, no lugar de tá nas festas bebendo. Por mim pode continuar e enquanto eu puder enquanto eu tiver saúde para acompanhar, eu venho também, porque é muito bom se divertir. Eu já sou velha, mas eu gosto de me divertir. Não é porque eu sou uma pessoa religiosa que eu não gosto de alegria não, pelo contrário, a pessoa tem que ser alegre sim, porque isso que dá vida

a gente. Eu só vou deixar de vir quando morrer ou então quando eu não puder mais andar, tiver dependendo de alguém. Mas enquanto eu puder, se tiver festa, venho. Para a missa também. E se tiver procissão, principalmente uma animada como essa de hoje com o trio (Conversa informal com Antonina, março de 2016).

Eu tentei contato com os músicos da Kairós, mas só consegui falar com o cantor responsável pela segunda voz e violão, Pádua Jr, que me encaminhou ao Cantor Jorge que se demonstrou indisponível. Entender o que se passa na cabeça das pessoas que fazem a música é importante, contudo, compreender a receptividade destes cenários musicais, às vezes, novos para os romeiros é de suma importância. Principalmente se considerarmos a pouca voz que este povo tem na cidade de Juazeiro pelas autoridades administrativas. Os romeiros são fundamentais para a dinâmica de Juazeiro, mas nem sempre são ouvidos. Muitos eventos musicais são produzidos a fim de entretê-los. Este evento parece ter alcançado a expectativa romeira de festividade, tanto para os jovens, quanto aos mais velhos. Para os mais novos a festa foi top, já os adultos vivenciaram um show saudável. Isto posto, além da noite descontraída e sadia, como muitos frisaram, os diálogos deram a entender que as músicas apresentadas naquela noite, retornariam com eles aos seus lares, enriquecendo os seus repertórios.

6 RITO FINAL OU CÂNTICOS FUTUROS

Desde as primeiras romarias para Juazeiro do Norte a música caminhou lado a lado com a devoção. Com o passar do tempo muitas mudanças ocorreram nestes eventos. Os trajetos percorridos foram alterados, a cada dia novos benditos, novas músicas são produzidas. O governo municipal em parceria com o estadual produz novas formas de atrair visitantes à cidade, por meios de projetos que tendem a ir à dimensão turística. Todas essas situações influenciam diretamente nas práticas romeiras. A dimensão musical por estar intimamente ligada a estas práticas, também sofre influência destas situações e se adaptam.

Desta forma, minha pesquisa observa nas práticas romeiras uma tendência a abranger, ou seja, envolver, incorporar o que é oferecido em Juazeiro ao romeiro, sem se preocupar muito de onde vem a oferta. Esta lógica compreende em sacralizar o que é encontrado nesta Terra Santa que abençoa tudo o que toca, principalmente as músicas que ao serem sacralizadas não podem mais pertencer a dimensão profana. Aliás, é como se esta dimensão fosse pagada deste contexto, pois, devido ao espaço em que aparecem, só o sagrado com toda a sua força é que consegue se manter presente.

Seeger (2015) ao estudar os Kisêdjê, percebe que em sua dinâmica eles se encontram em modo ritual, ou não se encontram em modo ritual. Mas a lógica romeira nos faz pensar que o modo ritual ocorre o tempo todo, pois a música presente nas práticas romeiras não se limitam a estar presentes apenas nestes eventos, as canções acompanham os viajantes durante todo o ano e auxiliam na preparação da próxima viagem ao Juazeiro. Os preparativos são iniciados já durante a viagem de retorno para casa. De certo modo, a topografia liminar, talvez, seja a espera para o próximo retorno a Juazeiro. Os discursos romeiros demonstram que o ciclo anual é baseado nestas viagens. Com o retorno ao lar, a organização para que a romaria do ano seguinte seja possível, é imediatamente iniciada. Como se esta ação servisse para manter a renovação sentida na viagem já ocorrida, e então se prepararem mantendo certa relação com esse contato do sagrado.

Nas falas romeiras existe a presença de uma alegria, de gratidão em estar na Terra do Padrinho. Quando alguém fala sobre a presença do sacrifício, do sofrimento, imediatamente rebatem que lá todas as dores são dissipadas. E que aspectos sacrificiais não existem, pois não dialogam com o prazer que é realizar

esta viagem. Ainda que em seus discursos o cansaço das longas viagens apareça como algo prazeroso. Talvez, para grande parte dos romeiros, os aspectos sacrificiais estejam na questão econômica. Ao dizerem que o ano inteiro vivem os preparativos da próxima romaria, querem dizer que abnegam do consumo de várias coisas, a fim de garantir a presença no ônibus, pau de arara, avião, ou seja, qual for o meio de transporte. Mas a garantia mínima de que as passagens e o rancho ou pousada estão certas, é essencial para o romeiro. A música também está presente neste tempo de espera da temporada romeira, ela representa o elo entre o romeiro e a esperada Festa do Céu na Terra. Este também é o momento de atualizar o repertório e aprender os novos benditos, de pedir para os filhos e netos pesquisarem na internet as novidades para a romaria, pois saber todas as músicas está dentro da obrigação do romeiro.

Esta obrigação perpassa todo o Roteiro da Fé que é extremamente musical. Ir à Igreja Matriz que está localizada em frente à Praça dos Romeiros, cheias de quiosques com som mecânico e seresta. Em direção à Praça Padre Cícero, os ranchos e suas caixas de som reproduzem hinos e músicas dos mais diversos gêneros em homenagem ao Padrinho. Ao chegar à praça, apresentações musicais realizadas pelas Novas Comunidades e RCC. No Largo do Socorro, os benditos entoados pelas rezadeiras. Estes são alguns dos espaços sonoros do trajeto percorrido pelos romeiros.

Durante a romaria, a música emerge como grande meio de comunicação. Por meio dela é possível um diálogo nas disputas entre as próprias denominações católicas da RCC e das Novas Comunidades com a Igreja ocorrem. Ainda há certa resistência, tanto por parte do clero, quanto por parte de alguns adeptos do catolicismo acerca destas denominações. Mas isto parece ser deixado de lado durante a romaria, para que assim, os romeiros possam ocupar o seu tempo com atividades realizadas por instituições católicas, ou seja, manter certo controle sobre as práticas dos visitantes. Deste modo, ao menos durante este período, preferem esquecer as diferenças e trabalharem juntos em nome do mesmo ideal. Como fala Ewelter Rocha o canto que ultrapassa as cerimônias, é a substância que elabora o conteúdo sagrado dos procedimentos rituais. (2017: 2) e isto é considerado pela Igreja na hora de tomar suas decisões. Do mesmo, percebem que

(...) a música é mais que som e cosmologia. Trata dos indivíduos da comunidade, que a executam em certos lugares e em certas ocasiões, com uma plateia que costuma contar com a participação de outros indivíduos da comunidade. A música é todo o processo de conceituação, realização e valoração musicais. Cada performance recria, restabelece ou altera a significação do cantar, bem como a de pessoas, ocasiões, lugares e plateias envolvidas (SEEGER, 2015: 139).

Esta recriação da significação do cantar, da música, por quem o faz e também pela plateia, auxilia na compreensão da lógica romeira. O espaço-tempo das romarias que em um primeiro contato parece ter uma organização dual entre o oficial e o não oficial, o sagrado e o profano, o nativo e o estrangeiro, sofre uma dissolução quando percebidos pela lógica romeira. A musicalidade presente já no momento preparatório da viagem se acentua nas experiências romeiras. Além dos aspectos rituais e entretenimento, ela também auxilia na dissolução da ambivalência e influencia diretamente nas práticas romeiras. Em vista disso, a música enquanto significativo meio de comunicação aos eventos romeiros, ao considerar o seu auxílio na compreensão da lógica romeira é importante, pois, para compreendê-la se faz necessário dar voz estas pessoas. Como afirmado por Reesink e Reesink (2007), é importante considerar os diversos sentidos e significados existentes em um mesmo evento. Isto serve para problematizar categorias consolidadas como única possível, por meio dos dados emergidos no campo e pelos interlocutores. Ao investigar os atores presentes no contexto musical, o pesquisador deve interpretar as motivações e o modo que as suas práticas são influenciadas musicalmente nas romarias. Ou seja, ao pesquisar qual a dinâmica sociocultural desse fenômeno, o diálogo com os romeiros possibilitará uma maior compreensão e empatia do que contribui ou não para a melhoria das suas práticas.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. El objeto de la antropología hoy. In **Psicoperspectivas**. Escuela de Psicología, Facultad de Filosofía y Educación, Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. v. 6. n. 1, Viña del Mar, 2007. 7-21.

AZEVEDO FILHO, Moysés Louro de. Escritos ã **Comunidade Católica Shalom**. Fortaleza: Edições Shalom, 2006.

BARROSO, Oswald. Reisado: um patrimônio da humanidade. In: COOPAT, Carmen; MATTOS, Márcio (org.). **Agrupamentos da música tradicional do Cariri cearense**. Juazeiro do Norte: Quadricolor, 2012. P. 41 ã 61.

BENEDETTI, Luiz Roberto. A influência das mudanças sociais sobre a religião. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**., São Leopoldo-RS, v.307, p.5-8, ago/2009. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=307>>. Acesso em: 12/01/2017.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1974.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma teoria sociológica da Religião. (2ª Ed.) São Paulo: Paulus, 1985.

BLACKING, John. **How Musical is Man?** Seattle and London: University of Washington Press, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CABRAL, Eula Dantas Taveira; CABRAL FILHO, Adilson Vaz. Do sermão do monte à pregação na TV ã A presença das igrejas Católica e Universal na mídia brasileira. In: TRASFERETTI, José; LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Teologia, ética e mídia**. Rio de Janeiro: Ed. Sotese, 2007. p. 303-325.

CAMPOS, Roberta Bivar C. **Quando a Tristeza é Bela**: o sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Ave de Jesus ã Juazeiro do Norte ã CE. Recife: Editora Universitária, UFPE, 2013.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Cosmologia e estrutura de longo curso do catolicismo na dinâmica da modernidade. In **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, 2011.

Disponível em:

<https://search.proquest.com/openview/0645f39bd02c237656d7ecac1466660c/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1206337>

CARRANZA, Brenda. **Renovação Católica Carismática**: origens, mudanças e tendências. (2 Ed). Aparecida-SP: Editora Santuário, 2000.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. Quotidiano e Religiosidade: ressignificação de práticas romeiras a partir de estudo de caso no Nordeste Brasileiro. In: **Anais do VI Congresso Português de Sociologia**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008. _____ . Entre Chegadas e Partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza: Imeph, 2011.

DENORA, Tia. **Music in everyday life**. Nova York/Londres: Cambridge University Press, 2000.

DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, Émile. **Les fomes élémentaires da la vie religieuse**. Paris: PUF, 1968.

_____. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas. 1989.

_____. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. (24ª Ed.) Petrópolis: Vozes, 2001.

FRITH, Simon. **Performing Rites**: on the value of popular music. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo**: dos mitos de Criação ao Big Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GUERRA, Lemuel. As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica. In: **Revista de Estudos da Religião** ã REVER n. 2, ano 3 ã 2008. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_guerra.pdf>. Acesso em 09/11/16.

HOLLER, Marcos Tadeu. **Os Jesuítas e a música no Brasil Colonial**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

LÉVI-STRAUSS, 1975) Claude. **Totemismo Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LIBÂNIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

LIRA NETO, João de Lira Cavalcante. **PADRE CÍCERO**: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARIANO, Ricardo. **Pentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2010.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.

MINISTÉRIO de música Shalom. s.l. s.n s.d.

NETTL, Bruno. **Heartland excursions**: ethnomusicological reflections on schools of music. Chicago: University of Illinois Press, 1995. RAMOS, Silvia N. Música da televisão no cotidiano de crianças. Dissertação (Mestrado em Música) ã Programa de

Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

NOBRE, Edianne S. **O Teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (1889-1898)**. Fortaleza: Imeph, 2011.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1998.

REIS, Edilberto C. A diocese do Ceará como vitrine da romanização. **Kairós**, Fortaleza, v. 1-2, p. 21-39, 2004.

REESINK, Mísia; REESINK, Edwin. Entre Romeiros e Turistas: a busca do turismo religioso como alternativa econômica em um município do sertão baiano. In: **Estudos de Sociologia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. v. 13. n. I, Recife, 2007.

ROCHA, Ewelter. Cantar Para Sofrer: Lamentos Fúnebres no Nordeste do Brasil. In: **Ethnomusicology Review**, California, 2017. Disponível em: < <http://ethnomusicologyreview.ucla.edu> > . Acesso em: 08 ago 2016.

ROSALDO, Michelle. Toward na anthropology of self and feeling. (1984) in **Culture theory: essays on mind, self, and emotion**, R. Shweder and R. LeVine (eds.), pp. 137-157.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo**. As romarias portuguesas. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. **Peregrinação e Romaria: um lugar para o turismo Religioso**. Ciencias Sociales y Religión: Porto Alegre, ano 8, n. 8, 2006.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador/Rio de Janeiro: Edufba/Pallas, 2004.

SEEGER, Anthony. **Por que cantam os Kisêdjê**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

_____. Fazendo parte: seqüências musicais e bons sentimentos. In: **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Recife, ano 17, volume 24(2), 2013. Disponível em: <

<http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/320/211> >. Acesso em: 15 dez. 2016.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa ã Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Pluralismo, modernidade e tradição transformações do campo religioso. In: **Revista da Associação de Cientistas Sociais do Mercosul**, ano 3, nº 3 ã 2001, p. 115-129.

_____. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etnológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, E. S. (org.) **Turismo religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas ã SP: Papirus, 2003. (Coleção Turismo).

TROTTA, Felipe. **Música popular, valor e identidade no forró eletrônico do Nordeste do Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congresspapers/lasa2009/files/TrottaFelipe.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2017

TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas**. Niterói: EdUFF, 2008.

VELSEN, Van. A Análise Situacional e o Método de Estudo de Caso Detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (org). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**: métodos. São Paulo: Global, 1987.

WEBER, Max. **Os fundamentos racionais e sociológicos da música**. São Paulo: Edusp, 1995.

WEBER, Max. Sociologia das Religiões (tipos de relação comunitárias religiosas). IN: **Economia e sociedade** (Volume I). Brasília: UnB, 1991, p.279-418.

_____. Parte III: Religião. In: **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, 371-412, p.309-412.